Abrir portas onde se erguem m

Director: David Pontes **Terça-feira, 20 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.528 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**



EUA
Gaza pressiona democratas, dentro e fora da convenção de Chicago

Do nosso enviado Pedro Guerreiro

Mundo, 18/19



Turismo
Pressão turística "obrigou" a criar visitas de 30 minutos em vários monumentos

Cultura, 26/27

Madalena Sá Fernandes
"Sou compulsiva, quase tudo aquilo de que gosto se torna depressa um vício"

P2 Verão, 39

Portugal falha metas para criar vagas residenciais para inimputáveis

Com a nova lei da saúde mental e o fim do internamento perpétuo, foram libertadas 151 pessoas num ano

Desde que há um ano terminou o internamento perpétuo, foram libertados 151 inimputáveis, e não há registo de nenhum retorno ao sistema. Há 259 inimputáveis em clínicas de psiquiatria do sistema prisional e 180 em hospitais psiquiátricos públicos. Miguel Xavier, coordenador nacional das políticas de saúde mental, lamenta, em entrevista ao PÚBLICO, que nenhuma das 500 vagas residenciais previstas no PRR para desinstitucionalizar doentes internados tenha saído do papel. Portugal falhou meta três anos consecutivos Destaque, 2 a 4

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA



Incêndios
Madeira quer mais um helicóptero em permanência (mas pago por Lisboa)

Sociedade, 14 e Editorial

Campanha da DGS
Ministra pede "linguagem neutra" sobre menstruação

Governo defende DGS e sublinha que saúde menstrual deve incluir as pessoas transgénero e não-binárias Política, 10

Em Portugal
Imposto sobre super-ricos renderia 3600 milhões

Economia, 23

Santo António
Doentes não urgentes levados de ambulância para a Prelada

O Hospital de Santo António, no Porto, está a usar ambulâncias para levar doentes não urgentes para hospital da Misericórdia Sociedade, 12/13

ISSN-0872-1556

PAULO PIMENTA



Nenhum dos libertados retornou ao sistema

Num ano foram libertados 151 inimputáveis

Um ano decorrido da revisão da lei da saúde mental, há doentes psiquiátricos em unidades forenses cuja alta continua a ser adiada por falta de respostas de residenciais

Ana Cristina Pereira

Desde que há um ano terminou o internamento perpétuo, foram libertados 151 inimputáveis. A Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) não tem registo de qualquer retorno ao sistema. "Era uma situação gravíssima", sublinha Miguel Xavier, coordenador nacional das políticas de saúde mental. "Tínhamos queixas recorrentes do Comité [Europeu] para a Prevenção da Tortura. De dois em dois anos, vinham a Portugal e diziam que Portugal violava os direitos humanos das pessoas internadas nas unidades de segurança. Porquê? Porque muitas se mantinham depois de cumprida a medida de segurança, porque lhes ia sendo renovada a medida. Há pessoas que estiveram internadas décadas. Décadas!"

À volta do dia 20 de Agosto de 2023, em várias partes do país, saíram 46 pessoas que haviam praticado algum crime e sido sujeitas a internamento, prorrogado a cada dois anos pelo Tribunal de Execução de Penas. Tinham ultrapassado o tempo máximo da pena aplicável ao crime cometido. A partir de então, as decisões do Tribunal de Execução de Penas passaram a decorrer de forma cadenciada. Até ao final do ano, saíram mais 43 inimputáveis. Desde 1 de Janeiro 2024 até 16 de Agosto, outros 62.

Segundo a DGRSP, há agora "259 inimputáveis em clínicas de psiquiatria e saúde mental do sistema prisional e 180 internados em clínicas e hospitais psiquiátricos do serviço nacional de saúde com enfermarias forenses" – Magalhães Lemos, no Porto, Sobral Cid, em Coimbra, Júlio de Matos, em Lisboa.

"A lei não resolveu o problema principal que era não haver estruturas na comunidade", diz João Miguel Oliveira, coordenador do Serviço Regional de Psiquiatria Forense da Unidade Local de Saúde de São José. "Acontece o mesmo que na psiquiatria geral: não há respostas na comunidade. Há altas adiadas."

Aquando da mudança legal, foi criado um grupo de trabalho, envolvendo saúde, justiça e segurança social, para encontrar resposta adequada a cada um daqueles 46 doentes. Alguns acabaram por ir para estruturas residenciais para idosos pagas pela Segurança Social", recorda João Miguel Oliveira, referindo-se a vagas particulares, não protocoladas. "Depressa deixou de haver essa

possibilidade.”

Depois daquele primeiro grupo, da unidade forense do Júlio de Matos saíram oito. “Dois foram internados no serviço de residentes daquele hospital, três voltaram para a família (um dos quais apenas enquanto aguarda resposta residencial) e dois tiveram alta para quarto alugado pelos próprios, não tendo apoio familiar”, detalha aquele responsável.

As medidas de internamento podem ser revistas em qualquer momento – e têm de o ser pelo menos uma vez por ano e já não de dois em dois anos. Só ali, na unidade forense do Júlio de Matos, “estão previstas mais duas libertações por término da medida até ao fim do ano, propostas para estruturas e sem resposta há vários anos”.

No Sobral Cid, em Coimbra, as dificuldades repetem-se, ainda que pareçam menos gritantes. “Não se podia perpetuar o internamento, nisso a lei fez um salto grande, mas é necessário trabalhar diariamente para descobrir instituições de acolhimento”, salienta Horário Firmino, director de Psiquiatria do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra.

Aquele responsável sublinha que, terminando a medida, muitos continuam a precisar de apoio. “Temos uma unidade de transição. E temos trabalhado com várias instituições, mas temos grande dificuldade. Felizmente, alguns têm familiares que os podem acolher.”

Depois do primeiro grupo, da unidade forense do Sobral Cid “saíram 20 – 12 para instituições e oito para famílias. “As Irmãs Hospitaleiras têm recebido alguns dos que precisam de uma intervenção mais consistente.”

Do Magalhães Lemos, depois do primeiro grupo saíram seis – três definitivamente e três em liberdade para prova, todos para familiares. Todavia, estão três em internamento voluntário por falta de resposta na comunidade. Estão à espera de uma vaga, como muitos outros doentes psiquiátricos.

Miguel Xavier admite que “há muito poucas” vagas residenciais destinadas a pessoas com problemas de saúde mental. Não saíram do papel as 500 vagas em respostas residenciais.

O coordenador nacional das políticas de saúde mental lembra que em Abril deste ano foi constituído um Grupo de Análise, Monitorização e Acompanhamento. Esse grupo, que se deve empenhar na procura de respostas ajustadas a cada um, reunir-se-á “pelo menos uma vez por semestre, e sempre que a apreciação dos processos o justifique”. Para já, segundo João Miguel Oliveira, nunca o fez. “O grupo ainda não entrou em funcionamento.” Entretanto, continuam a adiar-se altas para evitar engrossar o número de pessoas em situação de sem abrigo.

Deixou de haver internamento compulsivo

Lei mudou mas ainda “há um caminho a fazer” em relação ao tratamento involuntário

Ana Cristina Pereira

Abriu-se a possibilidade de doentes dizerem antecipadamente que tipo de tratamento aceitam. Mas há dúvidas

O novo modelo de tratamento involuntário aproximou Portugal da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, mas ainda divide. Há quem ache que Portugal foi longe de mais e quem ache que Portugal não foi suficientemente longe.

Até há um ano, falava-se em internamento compulsivo de portador de anomalia psíquica grave. De há um ano para cá, fala-se em tratamento involuntário de pessoas com doença mental. Só pode ser accionado para prevenir ou eliminar algum perigo para bens pessoais ou patrimoniais e se for “proporcional à gravidade da doença mental, ao grau do perigo e à relevância do bem jurídico”.

“Já não basta o médico considerar que ao doente falta discernimento para avaliar a necessidade de tratamento e que isso está a deteriorar o seu estado de saúde”, interpreta Sofia Brissos, psiquiatra no pólo Júlio de Matos da Unidade Local de Saúde de São José, em Lisboa, e perita do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses. “Temos de esperar que haja uma situação de perigo. Não somos bons a calcular o perigo. Duas coisas podem acontecer: deterioração do estado clínico do doente; algo grave para o próprio ou para terceiros.”

Teme que fiquem para trás “sobretudo as mulheres, que normalmente não são tão agressivas”. “Podem estar muito doentes, a ouvir vozes, a achar que alguém lhes quer fazer mal, mas não são perigosas, ficam quietinhas a alucinar.” Ocorre-lhe o exemplo de uma que deu entrada no serviço de urgências do São José. “Os meus colegas só conseguiram accionar o tratamento involuntário porque fizeram análises e descobriram uma anemia grave. Se aquela doente não recebesse transfusões, morria.”

Também teme que haja uma maior associação entre doença mental e perigosidade. “É como se só valesse a pena tratar os perigosos. Para mim, não tem sentido dizer a uma pessoa que está gravemente doente e não tem capacidade para decidir: vá lá, porque não constitui perigo.” Quem não constitui perigo, se não for tratado, pode vir a constituir. “Muitas vezes, quando são internados já cometeram crimes.”

Miguel Xavier, coordenador nacional das políticas de saúde mental, discorda “totalmente”. Os conceitos mudaram, mas os critérios mantiveram-se. “Os princípios fundamentais são a gravidade e a proporcionalidade”, salienta aquele psiquiatra.

Não foi possível obter dados da Comissão de Acompanhamento da Execução do Regime Jurídico do Tratamento Involuntário, a que cabe receber e apreciar reclamações, solicitar ao Ministério Público a correcção de situações anómalas, recolher e tratar informação relativas ao tratamento involuntário, emitir recomendações e fazer propostas de alteração. O presidente dessa estrutura, Fernando Vieira, encontra-se de férias, “sem acesso a dados”, pelo que foge a prestar declarações “sem falar com os colegas, tratando-se de informação sensível”.

Paula Campos Pinto, coordenadora



Paula Campos Pinto, do Observatório da Deficiência

do Observatório da Deficiência e Direitos Humanos, lembra que “internacionalmente há um movimento de pessoas que se dizem sobreviventes dos serviços de psiquiatria que contesta vivamente o internamento involuntário”. A lei reforçou o respeito pela autonomia e pelos direitos dos doentes, mas “há ali coisas que continuam, embora mais moderadas, há um caminho a fazer”.

Existem novas possibilidades, ainda pouco conhecidas, sobre as quais é preciso informar as pessoas. “Neste momento, a própria lei prevê que as pessoas possam definir previamente que tipo de tratamento autorizam”, explica. O poder da declaração prévia não é absoluto. Mesmo que lá conste que não quer receber tratamentos, “o juiz pode entender que a pessoa constitui perigo e forçá-la”. Faltam respostas na comunidade para evitar que se chegue a esse ponto.

No seu entender, o país precisa de fazer uma “maior aposta ao nível comunitário para começar a acompanhar estes casos que muitas vezes se manifestam na adolescência”. “Temos de reforçar a intervenção, a começar pelas escolas.”

“Se a saúde mental tem problemas, é por falta de resposta, é por faltas de equipas comunitárias, é por ainda haver hospitais psiquiátricos, não é por causa de termos uma lei de saúde mental que está ao nível daquilo que se faz na Europa”, corrobora Miguel Xavier.

Só Hospital Magalhães Lemos está avançado

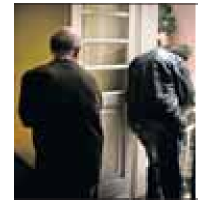
Atrasada expansão de vagas em unidades forenses

Ana Cristina Pereira

Estão atrasadas as obras destinadas a aumentar as vagas para inimputáveis em ambiente hospitalar. Para já, só o Hospital Magalhães Lemos concluiu a intervenção que lhe permitirá duplicar a lotação. O Código da Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade de 2010 manda dar preferência ao internamento em unidades de saúde, recorrendo à prisão apenas em caso de “necessidade de segurança”. Ainda há mais internados em clínicas de psiquiatria e saúde mental do sistema prisional (259) do que do serviço nacional de saúde (180).

A reforma da saúde mental contempla um alargamento de vagas no Júlio de Matos (de 44 para 84 vagas) e no Magalhães Lemos (de 40 para 80), e a construção de uma nova unidade forense no Sobral Cid, neste caso reduzindo a lotação (110 para 80). Também prevê uma casa de transição para liberdade para prova (uma espécie de liberdade condicional) junta a cada unidade forense. No Plano de Recuperação e Resiliência foram alocados 15 milhões de euros para isso.

Em Lisboa, o edifício a remodelar



O Hospital Júlio de Matos, em Lisboa, deverá passar de 44 para 84 vagas

integra um “recinto hospitalar composto por vários edifícios da época”, o que gera algumas limitações: há preceitos que impedem tanto a alteração das características arquitectónicas, como a articulação nos espaços exteriores.

Segundo João Miguel Oliveira, coordenador do serviço regional de psiquiatria Forense da ULS de São José, “as obras ainda não se iniciaram”. Estão, sim, concluídos os projectos e resolvidas as questões que estavam a atrasar o início das obras relacionadas com o telhado e o acesso” da futura residência de transição, que agora se chama de liberdade para prova.

Em Coimbra, resume Horácio Firmino, director de Psiquiatria do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, as obras da futura casa de liberdade para prova devem estar terminadas antes do final do ano. Quanto à reconversão de dois edifícios para a nova unidade forense, ainda nem abriu concurso. “Isto tudo demora. Foi feito um projecto.”

Pensando nesse futuro, a unidade já começou a reduzir o número de doentes. “Vamos reduzir gradualmente até final de 2026, altura em que se prevê que fique com 80 na unidade e 8 na transição. Neste momento, temos, 95.”

No Porto, as obras de remodelação do edifício contíguo à unidade forense estão prontas. Decorrem os concursos para equipamento. E adivinha-se dificuldade em contratar os três psiquiatras necessários para o serviço.

Três prazos falhados

“Ainda não se construiu uma única residência”

Entrevista

Ana Cristina Pereira

Miguel Xavier Coordenador lamenta que não exista nenhuma das 500 vagas para desinstitucionalizar doentes internados

Vai a meio a reforma de saúde mental, que é legislativa, logística e de reorganização de serviços. Miguel Xavier, coordenador nacional das políticas de saúde mental e director do Programa Nacional de Saúde Mental da Direcção-Geral da Saúde, faz uma avaliação positiva dos três primeiros anos, mas deixa alertas sobre os atrasos. “Nós já falhámos a reforma da saúde mental três vezes. Não podemos falhar a quarta”, avisa.

Que balanço faz da revisão da lei de saúde mental, que entrou em vigor há um ano?

Faço um balanço muito positivo. A revisão da lei inscreve-se numa reforma global, não é um acontecimento isolado. Queremos melhorar o acesso, fazer com que os cuidados sejam prestados o mais possível na comunidade, garantir o cumprimento dos direitos humanos. Esses são os fundamentos da lei de saúde mental. Se me pergunta se já estão alcançados, não estão. De facto, ainda nos faltam bastantes coisas.

Nestes três anos de Coordenação Nacional das Políticas de Saúde Mental, quanto se avançou em matéria de cuidados na comunidade?

Muitíssimo. Nós temos em criação 40 equipas comunitárias – 20 estão criadas, e aguardamos a autorização da tutela para a criação das outras 20. As equipas de 2023 não foram criadas e as de 2024, também não.

Essa é a linha A. Depois temos a linha B, que tem que ver com a transformação dos serviços em centros de responsabilidade integrada (CRI). Estamos em fase-piloto. São 15 projectos-piloto. Em 12, os CRI estão criados. Em três, ainda não. Esperamos que estejam nos próximos dois meses.

Quais são os três em falta?

Tâmega e Sousa, Barreiro e Coimbra. Em todos os outros CRI houve início de actividade, menos num – Gondomar. O próximo passo é começarem a ser pagos os incentivos aos profissionais. Aquilo que esperamos é que, depois de avaliada, esta experiência se dissemine por todo o território nacional.

Tem dito que essa é uma via fulcral...

É a única via que tem, simultaneamente, três características: melhora o acesso, aproxima os serviços das populações e retém médicos no Serviço Nacional de Saúde. Porque o modelo de trabalho é diferente e porque recebem incentivos. Ou seja, os médicos recebem incentivos na medida do cumprimento de um conjunto de indicadores que se reflectem na melhoria do acesso e na melhoria da prestação dos cuidados.

E respostas residenciais? A revisão da lei de saúde mental trouxe o fim do internamento perpétuo de inimputáveis. Falando com quem está no terreno, sobressai a falta de respostas sociais e de saúde para encaminhar quem termina a medida de segurança.

Há necessidade de respostas residenciais para essas pessoas, tal como há para as pessoas que estiveram internadas 20, 30 anos em hospitais psiquiátricos. O que vamos fazer é aplicar um programa de desinstitucionalização. O programa foi entregue à tutela em 2021, foi aprovado no princípio de 2022 e tem [alocada] uma verba importantíssima no PRR para ser operacionalizada. O que temos previsto no PRR para todo este universo das pessoas que precisam de uma resposta residencial, para além da sua continuidade de cuidados, é a criação de 500 lugares para doentes institucionalizados em hospitais psiquiátricos, indivíduos que acabaram de cumprir medida de segurança em unidade forense e para pessoas com doença mental grave em “porta giratória”. Estamos em 2024. Ainda não se construiu uma única residência.

E porquê?

Não foram autorizadas. A coordenação nacional não tem poder executivo. A nossa obrigação era entregar o programa feito. Entregámos em Dezembro de 2021. É o facto de não haver uma resolução desta situação que está a dificultar, em algumas circunstâncias, a resposta residencial a pessoas que saem, por exemplo, de unidades forenses.



É a própria reforma da saúde mental que está em risco

Não podemos deixar que Portugal falhe

Mas o que é que está a impedir?

Ignoro. São questões de natureza provavelmente administrativa. A nossa parte está feita há anos. Isto tem que ver com o PRR. Já falhámos a meta de 2022 – 100 respostas. Já falhámos a meta de 2023 – 300 respostas. Se não tivermos atenção, vamos falhar a meta de 2024 – 100 respostas.

Vamos terminar sem nenhuma?

Espero que não. Temos até ao fim de 2026. Agora, aquilo que os meus colegas lhe disseram é que há dificuldades [de encontrar resposta adequada] num momento de alta. Eles têm razão quando dizem que há poucas respostas. Há muito poucas respostas.

O PRR da saúde mental foi feito à medida. Pusemos lá exactamente o que precisávamos. Portanto, é absolutamente crucial que o dinheiro que está aprovado para a saúde mental, que são 88 milhões de euros, seja aplicado na concretização dessas medidas. Porque, se não for, passa a estar em risco a própria reforma da saúde mental.

Inclusive a ideia de passar o internamento de doentes agudos para hospitais gerais?

Os internamentos dos doentes em fase aguda devem ser feitos em hospitais gerais. E porquê? Porque têm análises, têm raio X, têm medicina interna, têm as outras especialidades. Ora, nós temos ainda duas situações no nosso país em que os internamentos são feitos em hospitais psiquiátricos. Algumas regiões internam no Hospital Júlio de Matos, em Lisboa, e no Hospital Magalhães de Lemos, no Porto. Temos em curso a construção de unidades de internamento em hospitais gerais. A nossa lei é clara. Não pode haver mais internamento em hospital psiquiátrico a partir do dia 31 de Dezembro de 2025. Estamos a um ano e meio.

Tem fé?

As leis em Portugal às vezes mudam. Agora, são compromissos que temos. Temos um compromisso internacional de ter os doentes em hospitais gerais, os doentes agudos. E se temos dinheiro para fazer esses [serviços de] internamentos, não estou bem a ver como é que isto pode deixar de ser cumprido. Eu parto do princípio de que isto vai ser cumprido. Tudo.

E se se continuar a falhar no PRR?

É a própria reforma da saúde mental que está em risco. E nós já falhámos a reforma da saúde mental três vezes. Não podemos falhar a quarta. Desta vez temos tudo. Temos dinheiro, temos um consenso de profissionais e temos um governo que nos apoia.

Desde que este processo começou, o governo mudou. O apoio mantém-se?

Falei com a ministra da Saúde e a primeira coisa que fiz foi pôr o meu lugar à disposição. Depois, ela reafirmou o apoio da tutela à reforma em curso. Não tenho nenhum dado que me ponha alguma preocupação adicional.

Fizemos mais em três anos do que se fez nos últimos 30. Agora, não podemos é parar. Estamos a meio [da reforma]. Não podemos deixar que Portugal falhe. O *budget* da saúde mental devia ser um *budget* proporcional à carga global da doença. Qual é, com todas as doenças juntas, o impacto da saúde mental? São à volta de 15%, certo?

E o orçamento é 5%...

É três vezes menor. Temos de ir subindo. E isso significa, em primeiro lugar, não retirar o dinheiro que já está alocado à saúde mental. Isso aí é uma situação de grande risco. Se o dinheiro que está alocado à saúde mental, no PRR, não existir ou for mobilizado para outras áreas, aí teremos um problema.



RUI GAUDÊNCIO

Simplesmente brilhante!

O surpreendente aparelho auditivo Nexia é mais Audição, é mais Inovação, é mais em tudo!

ReSound Nexia: uma classe inteiramente nova de aparelhos auditivos que oferece uma experiência auditiva verdadeiramente individualizada. Surpreenda-se e ouça até +150% *

Uma incrível melhoria até +150% na compreensão da fala com ruído como nunca antes se pensou ser possível! Além disso, este aparelho auditivo integra ainda um microfone e receptor no ouvido (M & RIE) para captar o som com total nitidez.

MAIS AUDIÇÃO

Com esta tecnologia, as pessoas com dificuldades de audição sentem que estão a ouvir tal como a natureza planeou.

O ReSound Nexia aumenta a capacidade de audição, trazendo benefícios à comunicação, aos relacionamentos e à confiança de cada indivíduo.

É uma inovação há muito esperada que oferece a todas as pessoas com dificuldades de audição uma solução verdadeiramente individualizada.

MAIS INOVAÇÃO

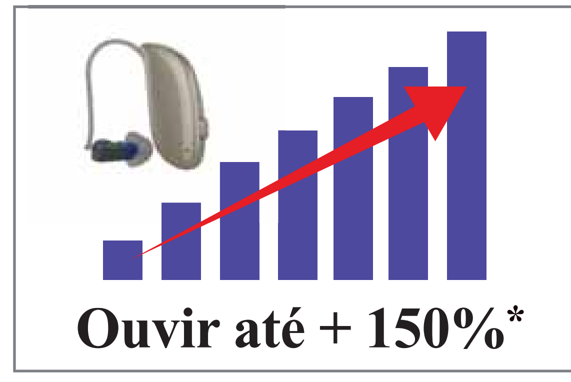
Um microfone e receptor estão colocados no fino tubo que é introduzido dentro do ouvido, resultando numa audição mais natural para o utilizador.



Agora, pode desfrutar dos benefícios de uma qualidade de som superior e ouvir melhor as conversas em ambientes barulhentos.

Ao captar o som diretamente dentro do ouvido, o ReSound Nexia entrega ao cérebro o que este precisa para perceber as diferentes vozes, além de reduzir significativamente o ruído de fundo.

Os utilizadores que já experimentaram sentem que beneficiam realmente de uma melhor qualidade na audição.



Ouvir até + 150%*

Este aparelho auditivo utiliza também tecnologia Bluetooth, conectando-se a telemóveis e possibilitando que o utilizador controle os níveis de som desejados.



Ligue grátis: **800 91 90 80**

Mencione o código: **RSNPUB10824**

Ouça o Verão com a AudiçãoActiva!

+ de 50 LOJAS

E ainda serviço ao domicílio em todo o país

Ligue grátis:
800 91 90 80
Mencione o código: **RSNPUB10824**

Aberto dias úteis das 9h30 às 13h e das 14h às 19h.
Sábados das 9h30 às 13h e das 14h às 17h.

Estamos a oferecer ainda uma amostra** GRÁTIS!

Por favor envie-me uma amostra Grátis do ReSound Nexia ☐ ____________ ASSINO E CONFIRMO

*SR/SRA: ____________

*MORADA: ____________

____

*CÓDIGO POSTAL: ____-___ ____________

*TELEFONE: ___ ___ ___ *DATA DE NASCIMENTO: D D M M A A

RSNPUB10824

RECORTE E COLOQUE ESTE CUPÃO NUM ENVELOPE E ENVIE PARA:
BelAudição, Unipessoal Lda, REMESSA LIVRE 1, LOJA CTT FARO, 8001-960 FARO

NÃO PRECISA DE SELO

Os dados recolhidos servem unicamente para dar resposta ao seu pedido e para posterior envio e divulgação de informações sobre ofertas e promoções relacionadas com aparelhos auditivos, através de carta, e-mail ou contacto telefónico. Ao fornecer os seus dados pessoais, aceita que os mesmos sejam utilizados para os fins atrás referidos. A qualquer momento pode requerer a consulta, retificação ou eliminação dos seus dados pessoais para meusdados@audicaoactiva.pt ou para 211 337 001. Mais informações em https://rgpd.belaudicao.pt

*Peça a sua amostra** grátis em:* **www.amostragratis.pt**

**Amostra não-funcional limitada às primeiras 300 respostas e a uma amostra por lar. Reservado a maiores de 50 anos.

*Melhoria da compreensão em ambientes ruidosos; melhoria sonora de 4.36 dB em comparação com produtos da gama anterior. Jespersen et al (2022)

Espaço público

Fumo tóxico na Madeira

Editorial



David Pontes

Nos últimos anos, Portugal tem andado mais ou menos livre dos grandes incêndios, esse suplício sazonal, com o seu rasto de destruição de património natural, de bens e de perda de vidas humanas de que a tragédia de Pedrógão, há sete anos, é o exemplo mais vivo.

A Madeira, com um incêndio onde terão ardido mais de 7000 hectares nos últimos dias – e que não estava extinto à hora de fecho desta edição – veio lembrar-nos que, por muita organização que coloquemos nos meios de combate, por alguma prevenção que façamos (menos do que a necessária), o nosso desordenamento florestal e o aquecimento global acabarão sempre por cobrar a sua factura.

Vale a pena ler o estudo que divulgámos ontem para perceber que esta é uma tendência global inexorável, para a qual nos faltarão sempre meios suficientes para contrariar. Os 3,9 milhões de km² de área ardida mundial na temporada de 2023-2024 até ficaram abaixo da média, mas as emissões globais de carbono resultantes dos incêndios subiram 16% face à média.

O incêndio da Madeira veio também pôr a claro um outro problema, que é o do tóxico ambiente político que se vive no arquipélago. As críticas da oposição, justas ou injustas, fazem parte do jogo político e é natural e desejável que surjam quando há dúvidas sobre a forma como foi feito o combate ao incêndio.

Muito menos normais, e censuráveis em democracia, são os termos escolhidos pelo presidente do governo regional para rebater essas críticas. Expressões como “um conjunto de abutres políticos” ou “treinadores de bancada”, dirigidas a quem está a exercer o seu papel na oposição, são de quem não vive bem com o escrutínio que deve esperar do seu exercício de poder. Se lhe juntarmos o alijar de responsabilidades para o poder central, justificadamente podemos começar a pensar que Alberto João Jardim pode ter saído do poder, mas o poder regional não conseguiu afastar-se muito do estilo belicoso de Jardim.

Pelo contrário, os ecos que chegam da Madeira mostram que estamos cada vez mais afastados do clima de abertura que se viveu nos tempos finais do jardinismo e que o PÚBLICO fixou numa reportagem intitulada *A Madeira está a perder o medo*.

Mesmo estando fragilizado por governar em minoria e por um processo judicial que levantou gravíssimas suspeitas de corrupção sobre a sua governação, Miguel Albuquerque mostra que há velhos hábitos que são mesmo difíceis de deixar para trás.

O incêndio da Madeira veio também pôr a claro o tóxico ambiente político que se vive no arquipélago

CARTAS AO DIRECTOR


Público
Municípios que cobram taxa turística mais do que duplicaram num ano
Serviço prime da IDreams alvo de centenas de queixas
1935-2024 ALAIN DELON
QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Precisamos mesmo de tantos turistas?

Itália, Espanha, Grécia lutam há anos com o excesso de turismo, que tem levado à descaracterização das cidades e brutal inflação e ao desespero dos próprios habitantes, expulsos da sua vida e residências por um mercantilismo avassalador de baixo nível. Valerá isto a pena face aos supostos lucros que o mesmo turismo traz?

No livro *Grande Hotel da Europa*, que recomendo, um funcionário da Câmara de Amesterdão calcula que o turismo rende à cidade cerca de 64 milhões de euros por ano, mas, em contrapartida, o aumento das despesas em limpeza municipal, sobrecarga dos serviços de saúde e de policiamento, reparação de danos, entre outros, ascende aos 71 milhões, aos quais acresce o prejuízo causado pelo afastamento dos habitantes para as periferias.

Discute-se um novo aeroporto, de custos astronómicos, para que mais milhões de turistas nos visitem e destruam o que ainda existe, sob o lema de que “o progresso é inevitável”; não seria mais produtivo investir na modernização do nosso sistema político e judicial e na desburocratização administrativa, promovendo assim o nosso real desenvolvimento? Com tantos exemplos europeus, será que não devemos parar e pensar no que queremos para o nosso país?

Isabel Ribeiro, Lisboa

SNS e os médicos

A falta de médicos no Serviço Nacional de Saúde (SNS) é dos temas mais discutidos nos *media* e em toda a sociedade civil, e com a discussão surgem as soluções mais diversas. Foram muitos anos a discordar de todas as inviáveis propostas. Mas enfim consegui ouvir uma que partilho, é mesmo a que proponho nas minhas reflexões com os amigos.

Dizia Miguel Sousa Tavares, no seu programa televisivo, que os médicos formados nas universidades públicas deveriam permanecer no SNS, por período em que o Estado fosse ressarcido dos gastos com a sua formação. É uma ideia que defendo também e, como é do conhecimento público, já existe o sistema na Força Aérea, na formação dos seus pilotos.

Sabendo que a formação de um médico tem dos maiores custos ao erário público, não é justo que, após a sua formação, abandone quem investiu nele. O privado beneficia de uma mão-de-obra livre de encargos na sua formação. Sabemos também quanto é impossível o Estado acompanhar os ordenados dos privados. Pois quem paga nos privados é o próprio cliente, enquanto o Estado está sob as regras de um orçamento suportado pelos contribuintes.

Vítor Santos, Charneca de Caparica



Não percebo porque é que as regiões autónomas tiveram de cometer os mesmos disparates do continente, ao acabarem com os guardas-florestais – uma região de montanha como é a Madeira não devia dispensar esta medida de defesa e gestão da sua floresta

Fernando Santos Pessoa
Faro

Os incêndios na Madeira

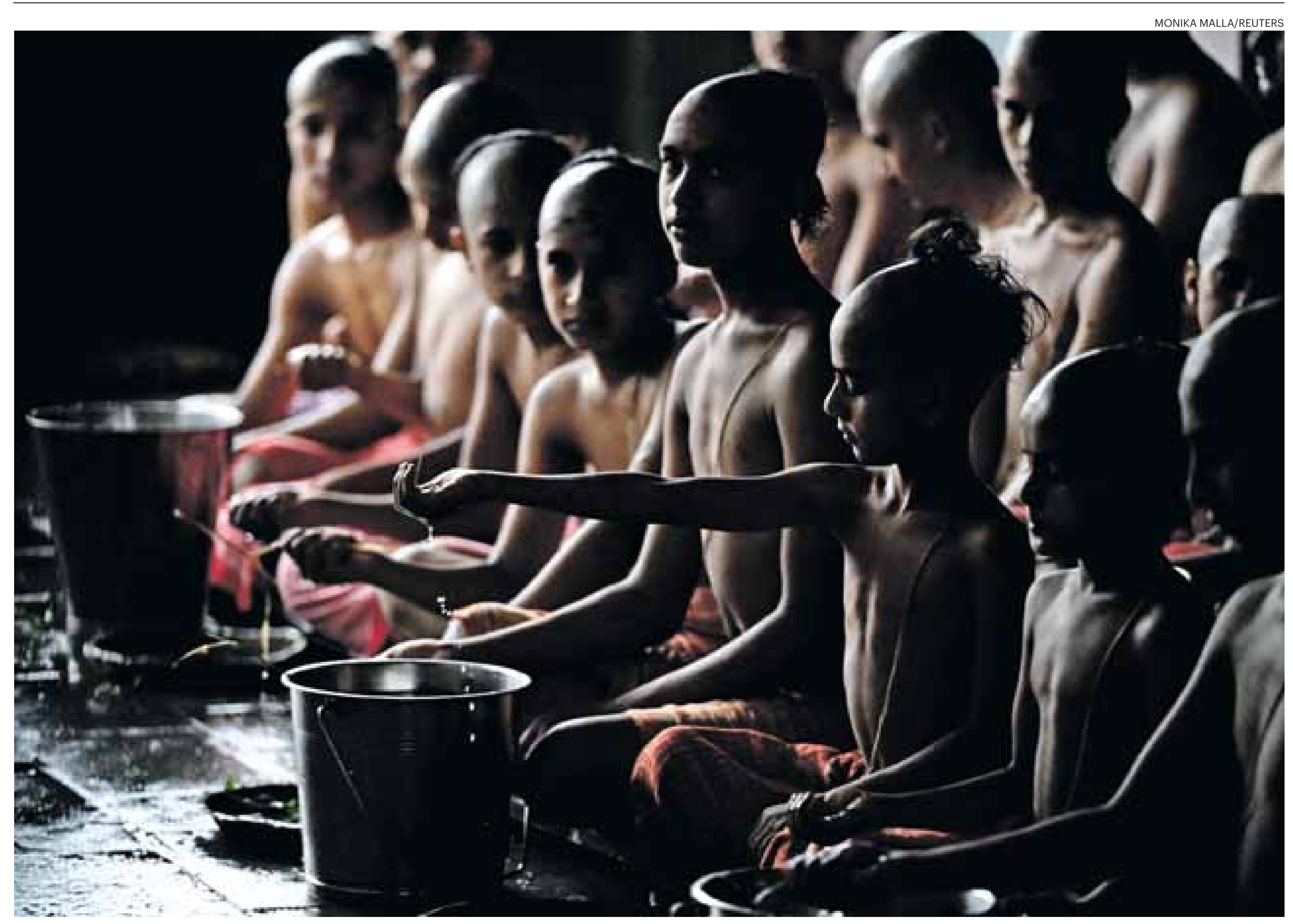
Eu conheço bem a Madeira, vivi lá mais de sete anos e metade desse tempo como administrador florestal do Funchal e Porto Santo. Começo por referir que é lamentável que o Governo da República não tenha disponibilizado mais meios aéreos, temporariamente e em tempo útil, para aquela região autónoma.

Conheço bem as serras da ilha e nos anos em que lá vivi nunca houve

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM NEPAL

MONIKA MALLA/REUTERS



Hindus principiantes tomam um banho ritualístico para assinalar o festival Janai Purnima (Festival do Fio Sagrado), no Templo Pashupatinath, em Katmandu

fogo florestal com estas dimensões – e lá venho eu com a mesma retórica de sempre: havia a tal quadrícula de casas de guardas-florestais e três ou quatro inícios de incêndios que ocorreram enquanto eu dirigi o serviço, um até no Pico Ruivo, de difícil acesso, mas não passaram disso. Mal havia uma coluna de fumo, havia também sempre um posto de guarda-florestal que o avistava e o fogo era atalhado antes de tomar grandes dimensões. Digam o que quiserem dizer, esta é a verdadeira razão das dimensões que os incêndios descontrolados atingem na Madeira e no continente.

Tenho expectativa de que o fogo não entre seriamente nas zonas da laurissilva, Património Mundial, pois então o desastre será de dimensões ainda mais gravosas. Não percebo por que é que as regiões autónomas tiveram de cometer os mesmos disparates do continente, ao acabarem com os guardas-florestais – uma região de montanha como é aquela bela ilha não devia dispensar esta medida de defesa e gestão da sua floresta.

Fernando Santos Pessoa, Faro

Subida de preço da água salgada

A auto-regulação dos preços feita pela relação entre a oferta e a procura tem feito aumentar os custos das férias, em locais de grande concentração turística como no Algarve. Poderemos vir a assistir a alternâncias nos destinos evitando o incremento dos preços ou a mudança de hábitos como já está a acontecer na afluência a bares, restaurantes e hotéis. Apesar destas oscilações ao longo de décadas, esta região não deixa de ser privilegiada nos investimentos e na procura, o que constitui uma fonte abonada para a colecta nacional e municipal. No entanto, há indicadores que revelam um défice na aplicação destes valores, nomeadamente: fraca manutenção das rodovias, infra-estruturas sanitárias junto às praias quase inexistentes, acumulação de resíduos, animação nocturna pouco variada. Em sistema que funciona bem, não se mexe, dirão. Contudo, a qualidade vai-se corroendo de forma pouco perceptível, mas constante.

José M. Carvalho, Chaves

ESCRITO NA PEDRA

O cãozinho rafeiro suspeita de que toda a gente conspira para lhe roubar o lugar

Rabindranath Tagore (1861-1941), escritor e músico

O NÚMERO

3600

Imposto sobre os 0,5% mais ricos de Portugal valeria 3600 milhões ao Estado, segundo estudo internacional

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro



publico.pt  

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Laurissilva da Madeira: os milhões dos turistas e a memória ecológica vão-se em fumo



Jorge Capelo

O incêndio que começou na passada quarta-feira, dia 14 de agosto, na Madeira, tornou-se imenso e consumiu já uma parte importante de floresta Laurissilva. Esta floresta exclusivamente insular, no contexto da Europa, é original e valiosa por várias e importantes razões. É um tipo de floresta-relíquia, que retém muitas espécies e caraterísticas ecológicas das antigas florestas tropicais que se estendiam em redor da região do atual mar Mediterrâneo entre vinte e três milhões de anos atrás. Convulsões geológicas e climáticas violentas posteriores destruíram-na no continente europeu e deram vez à vegetação mediterrânica e que conhecemos. Mas a Laurissilva sobreviveu protegida, um pouco modificada, nas ilhas dos Açores, Madeira, Canárias. A sua evolução isolada deu origem também a muitas espécies absolutamente exclusivas, ditas "endémicas". Por isso, a Laurissilva da Madeira foi classificada como Património Mundial Natural da UNESCO em dezembro de 1999.

Para além da importância científica e de conservação que tem, a Laurissilva oferece muitos tipos de valores. Pode soar esotérico, mas o primeiro é o direito a existir das plantas e animais que a constituem. Para além disso, de forma antropocêntrica, a quantidade de serviços, os chamados "serviços de ecossistema", que os clientes humanos usufruem da Laurissilva é grande. A começar pelos habitantes da Madeira. Esta é uma floresta "produtora" de água, de proteção das encostas contra a erosão, de biodiversidade, de beleza e, enfim, de muitos milhões de euros. É que percorrer a frondosa Laurissilva da Madeira sob tis, loureiros, barbuzanos, urzes gigantes e vistosas plantas floridas, através das levadas, é uma experiência de fruição sensorial, estética e espiritual com poucos equivalentes no mundo.

E é para poder passear nesta floresta que uma parte muito grande dos turistas visita a Madeira. É para fruir da Laurissilva. As levadas e veredas de montanha têm verdadeiros engarrafamentos de caminhantes quase no ano inteiro. E os caminhantes fascinados deixam muitos milhões de euros anualmente na região, nos restaurantes, nos hotéis, nas empresas de turismo. Que deviam os turistas pagar taxas maiores por este usufruto, em função da pressão que representam sobre o recurso, é uma outra questão; mas certo é que, direta ou indiretamente, a contribuição da Laurissilva para a economia da Madeira é mesmo de muitos, mas muitos, milhões.

Um dia de vento seco e temperatura alta é um acidente à espera de acontecer. Por isso, não é impossível que causas naturais ou acidentais possam ter causado a destruição de um dos três maiores núcleos de Laurissilva da ilha. O que é inaceitável é que, de vários pontos de vista, a Laurissilva, como capital natural não seja contrapesada com suposto respeito, por hábitos, direitos populares e comportamentos atávicos associados a fogos acidentais, como aqueles de fazer queimadas ou lançar foguetes em festejos. Mesmo não sabendo nós a causa das ignições, deveria ser uma questão indiscutível de brio coletivo a abstinência de fogo em dias de verão. Mais, nestas condições meteorológicas, quem compreende ser de esperar outra atitude das autoridades senão a de tentar conter o incêndio enquanto este é pequeno e com todos os meios disponíveis?



A Laurissilva parece ser encarada pelo poder regional como pouco mais do que um recurso explorado de forma extrativa

Os critérios da decisão serão múltiplos, mas, enfim, os responsáveis da administração e governantes na Madeira não farão contas? A Laurissilva na Madeira atrai os turistas e o seu dinheiro, mas parece ser encarada pelo poder regional como pouco mais do que um recurso explorado de forma extrativa, daqueles em que não se investe o mínimo dos mínimos. O investimento esperado seria em meios de prevenção, combate a incêndios e em estratégia. Todos se mostraram desadequados e as decisões resultam perdulárias. A metáfora da galinha dos ovos de ouro nem se aplica aqui à floresta Laurissilva, porque neste caso a galinha morre desprezada. Pessoalmente nem acredito que é possível monetarizar em absoluto os ecossistemas, mas ele há dimensões em que admito ser necessário fazê-lo e esta é uma delas.

A nota pessoal é que já vai em quase 30 anos que estudo a Laurissilva da Madeira e quando lá estou relembro sempre a primeira vez que a vi, atónito e sem fala, de bela que era. E por isso, o pior de tudo é o que dói, por dentro, ver a antiga, maravilhosa e única Laurissilva desaparecer assim em fumo.

Ecólogo e botânico

A justiça e as pequenas coisas



José de Faria Costa

Assinei, com sentido cívico, o chamado Manifesto dos 50. E, praticamente ao mesmo tempo, publiquei um breve ensaio, na centenária Revista de Legislação e de Jurisprudência, que tinha por base uma questão aparentemente simples: como das pequenas coisas chegamos à moral e ao direito.

Entendo que, no mundo da juridicidade, não é suficiente – para mudar o que quer que seja e tudo não ficar na mesma, negando-se, assim, as palavras de Tomasi di Lampedusa – ter-se assinado o manifesto. É necessário – enquanto não aparecer um movimento mais estruturado e orgânico assente, mas não exclusivamente, senão está tudo perdido, nas legítimas estruturas políticas ligadas à justiça – que individualmente se possa ir dizendo coisas simples para melhorar, desanuviar e tornar mais respirável e democrático o quotidiano dos que, de forma constante e tenaz, todos os dias lutam por uma justiça mais justa.

Como já se percebeu, não vou falar das grandes coisas, daquelas que apelam "*aux grands mots*" – se bem que a Nau Catrineta tivesse muito que contar – mas vou discretear sobre o que há de mais simples e básico em qualquer relação pessoal e institucional: a saudável, descomprometida e geradora de simétricas formas de se estar bem no mundo democrático que dá pelo nome de boa educação.

Todos sabemos, infelizmente, que a pontualidade não é um valor que se cultive entre nós. Mas também todos sabemos que a mais elementar regra de boa educação leva a que quem se atrasou peça, sem "mas" nem "ses", desculpa pelo atraso. Se assim for, tudo se inicia com o tom e a substância da intersubjectividade que correm entre "*decent people*".

Por isso, é inadmissível que os senhores juízes ou as senhoras juízas, com marcantes e saudáveis excepções, cheguem atrasadíssimos aos actos a que devem presidir, mormente audiência de discussão e julgamento, e não tentem sequer balbuciar um simples e educado pedido de desculpa.

Tal atitude mostra duas coisas, usando o comedimento. Em primeiro lugar, a erradíssima compreensão do que seja o legítimo exercício de um órgão de soberania, nomeadamente quando estamos no perímetro normativo da justiça que é, sem margem para dúvidas, aquele poder soberano que mais directamente apela à intersubjectividade. E isto, para sermos directos, é revelador de um toque, democraticamente incompreensível, de balofa sobranceria.



E inadmissível que juízes e juízas cheguem atrasadíssimos e não tentem sequer balbuciar um pedido de desculpa

Depois, em segundo lugar, simbolicamente, projecta e aprofunda a ideia de que se não está na Casa da Justiça, que é de todos e para todos, mas que, reverentes com os olhos postos no chão, se está, talvez por favor, no Palácio da Justiça e que, violando a profecia kafkiana, muito a contragosto, lá nos deixaram entrar, quando nós, pobres de nós, advogados, arguidos ou simples testemunhas, temos de estar, sem falha, no sítio certo, pontualmente à hora certa.

E, por favor, não se venha com a pseudopanaceia de que se deve apresentar queixa ao Conselho Superior da Magistratura. Se tal acontecesse, outra coisa não faria tal conselho senão tratar – muitos o diriam, com um sorriso, perto do da Mona Lisa – dessas minudências. O problema não está, pelos deuses, na regulamentação da boa educação, está, simplesmente, no exercício saudável da boa educação. Por sobre tudo quando se está no universo da Justiça.

Antigo provedor de Justiça; professor catedrático da U.Coimbra e da U.Lusófona

Semana de 4 dias: lições sobre os efeitos nos trabalhadores



Pedro Gomes

Intuitivamente, todos percebemos o atrativo da semana de quatro dias e assumimos como natural que a maioria dos trabalhadores gostaria de a ter. Isso leva a discussão a centrar-se na sua viabilidade económica e, portanto, a focar-se nas empresas. Contudo, o facto de ser "óbvio" ou "esperado" não deve diminuir a importância dos impactos significativos na qualidade de vida dos trabalhadores e das suas famílias.

No contexto do projeto-piloto, quantitativamente, os efeitos positivos são colossais. No inquérito inicial aos trabalhadores, quase metade tinha dificuldades em conciliar trabalho e vida familiar e pessoal. Esta proporção desceu para perto de 15% após seis meses. Além disso, os indicadores de sintomas negativos de saúde mental, exaustão e, por outro lado, sentimentos positivos e satisfação com a vida, todos melhoraram, em média para 255 trabalhadores, mais de 40% do desvio médio na amostra. No grupo de controlo, os indicadores mantiveram-se estáveis. Não conhecemos outra intervenção ao nível da empresa, com impactos tão grandes no bem-estar dos trabalhadores. Não é o bem-estar o principal objetivo que devemos ter enquanto sociedade?

A nossa tendência é pensar que o dinheiro é a parte mais importante do emprego, mas não devemos desprezar o benefício do tempo, que tem um valor enorme. Não é por ser subjetivo ou difícil de quantificar que ele deixa de ser um elemento central para a decisão se queremos ou não uma semana de quatro dias. Entre os trabalhadores que participaram na experiência-piloto, quando inquiridos diretamente, avaliaram este benefício em 28% do seu salário (para uma redução de horas trabalhadas de 12%).

Este valor reflete a esmagadora pressão do tempo que todos nós sentimos. Não temos tempo para nada: jantar com a família, fazer desporto, ler, ir ao cinema ou a um museu, estar com os amigos, visitar os avós, ou participar na vida política ou cívica. Mas uns sentem mais pressão do que outros. Na experiência-piloto, as mulheres valorizaram mais a semana de quatro dias do que os homens (32% do seu salário contra 21%), trabalhadores com filhos valorizaram mais do que os que não têm (32% contra 24%). Surpreendentemente, os trabalhadores com qualificações abaixo da licenciatura valorizam mais do que os com licenciatura ou qualificações superiores (37% contra 29% e 24%) e os trabalhadores com salários inferiores a 1100€ valorizaram mais do que os que têm salários mais altos (33% contra 24%).

São estes os trabalhadores que sentem mais a pressão do tempo. As mulheres, a par de um emprego exigente, comparando com os homens, dedicam uma ou mais horas por dia a tarefas domésticas, a tratar dos filhos ou dos pais. Como sabemos, quando temos filhos, o dia parece que deixa de ter 24 horas. Trabalhadores com menos qualificações, em geral, têm menos flexibilidade do que aqueles com formação académica superior que têm acesso ao teletrabalho e maior autonomia na gestão das suas horas. Por isso, apreciam mais o dia livre, que lhes permite realizar atividades que anteriormente eram difíceis de conciliar. Por fim, os trabalhadores que ganham mais têm mais recursos para adquirir tempo livre, seja contratando empregados domésticos, pondo as camisas na lavandaria, ou encomendando refeições já preparadas. Os trabalhadores com rendimentos mais baixos têm menos capacidade financeira para aliviar a pressão do tempo. Estes resultados informam-nos sobre quem serão os principais partidários da redução da semana de trabalho.

Um argumento contra a semana de quatro dias é que, com os baixos salários em Portugal, todos vão ter um segundo emprego. Na verdade, isso não ocorreu. Antes do projeto-piloto, 15,5% dos trabalhadores já dedicavam horas do seu tempo livre a uma segunda fonte de rendimento, uma proporção significativa. Porém, a questão relevante é saber quanto é que *aumentou* com a semana de quatro dias. Aos seis meses do teste, a proporção de trabalhadores aumentou apenas 1,5 pontos percentuais, atingindo 17% – um aumento marginal. Quem quer ou precisa de uma segunda atividade já a tem. Entre os outros, foram poucos a optarem por utilizar o tempo adicional em biscates.

Concluímos, portanto, que essa preocupação não parece estar fundamentada nos dados deste projeto. Numa discussão séria sobre a semana de quatro dias devemos evitar generalizações como: "Os portugueses vão todos ter um segundo emprego." Alguns, sim; a maioria, não. Na experiência-piloto, maioritariamente, os trabalhadores passaram mais tempo com a família e amigos, em atividades de formação, em



Os trabalhadores que ganham mais podem adquirir tempo livre ao contratar empregados domésticos, pondo as camisas na lavandaria, ou encomendando refeições preparadas

FRIEDEMANN VOGEL/LUSA

hobbies, em restaurantes, em atividades culturais, a fazer compras ou simplesmente a descansar. Devemos perceber que as condições de cada trabalhador são diversas e que cada um utilizará o tempo de forma diferente – é essa liberdade de escolha que aumenta o valor da semana de quatro dias. Não devemos ser paternalistas a dizer o que é que cada um deve ou não fazer.

A redução da semana de trabalho não se fará sem ativismo e, mesmo assim, poderá demorar décadas. A questão a colocar agora não é se "devemos ou não implementar a semana de quatro dias", mas se "é ou não um objetivo desejado, promissor e mobilizador" e, se sim, então "quais são os passos para a atingir?". Antes do Governo ou de partidos políticos, devem ser as organizações que defendem os trabalhadores – sindicatos e comissões de trabalhadores – a avaliar esta questão.

Por muito que, ao longo dos últimos dois anos, nos tenhamos esforçado a tecer argumentos para as empresas (e continuaremos a fazê-lo), a reação da elite empresarial deixa-nos pouco otimistas sobre ser ela a liderar o movimento. Embora as grandes empresas portuguesas tenham capacidade para experimentar a semana de quatro dias sem nenhum risco financeiro, elas mantiveram-se à margem. Sentimos desde o início uma grande abertura e mesmo entusiasmo de diretores de departamentos de recursos humanos, mas o ceticismo das administrações têm bloqueado qualquer iniciativa. Para contrapor a esta inércia, são as organizações de trabalhadores que terão de assumir um papel fundamental, ao pôr o tema em discussão em sede de negociação coletiva e forçar a experimentação.

Neste projeto aprendemos que a semana de quatro dias pode funcionar em todos os setores – uma das participantes foi uma creche – mas as soluções concretas para o formato adotado terão de ser diferentes nos vários setores e ocupações. Numa semana de cinco dias, a organização do trabalho é diferente para um operário de fábrica, um vendedor, um médico, jornalista ou professor universitário. Logicamente, numa semana de quatro dias, também terá de ser diferente. Mesmo no pequeno universo que estudamos, foram vários os formatos adotados. Para se escolher o melhor formato, ou seja, aquele que minimiza a disrupção para a empresa, é preciso pensar caso a caso, a um nível microeconómico, e esse processo demora tempo e tem de ser feito *por dentro* e não *por fora*, ou seja, é preciso que seja assumido por todos os envolvidos. As organizações de trabalhadores, únicas no seu conhecimento específico do seu setor ou da sua empresa, estão na melhor posição para pensar nas soluções concretas. Mas para isso é preciso uma verdadeira aposta, dedicar muitos recursos, e trabalhar em parceria com as empresas. Só estendendo a experimentação é que poderemos avançar com esta utopia.

Professor de Economia em Birkbeck, Universidade de Londres, e autor do livro *Sexta-Feira é o Novo Sábado*

Governo concorda com DGS e defende “linguagem neutra”

Ministério da Juventude e Modernização respalda “utilização de linguagem neutra do ponto de vista do género para se referir aos produtos menstruais”, incluindo assim pessoas não-binárias e transgénero

Susete Francisco

O Governo diz que a saúde menstrual é uma “questão de direitos humanos” que implica a “concepção de políticas para pessoas que menstruam, onde se incluem as pessoas transgénero e não-binárias”, pelo que deve ser usada “linguagem neutra do ponto de vista do género para se referir aos produtos menstruais”.

A posição é assumida pelo Ministério da Juventude e Modernização (que tem a tutela da Igualdade), liderado por Margarida Balseiro Lopes, numa resposta ao Bloco de Esquerda enviada à Assembleia da República, e acompanha a formulação usada num questionário sobre saúde menstrual promovido pela Direcção-Geral da Saúde (DGS), dirigido a “pessoas que menstruam”.

A escolha deste termo – em vez da palavra mulheres – provocou polémica e levou o deputado social-democrata Bruno Vitorino a exigir explicações ao Governo pela formulação usada pela DGS, criticando o que qualificou como uma “mudança de linguagem” que “deriva da ideologia defendida por alguns e não da ciência”. Na pergunta (enviada ao Ministério da Saúde), o parlamentar do PSD questionava “qual a legislação nacional ou decisão de órgão de soberania que ditou a aprovação da mudança de linguagem para a usada pela DGS”.

Na sequência desta posição, também o Bloco de Esquerda escreveu ao executivo, no caso à ministra com a tutela da Igualdade, questionando se se “revê nesta crítica ultraconservadora ao uso da linguagem proposta pela Organização Mundial de Saúde em matéria de saúde menstrual”. A deputada bloquista Joana Mortágua questionou ainda se o Ministério da Juventude e Modernização pode assegurar que o Governo “se vai guiar pelos padrões mais avançados em matéria de igualdade de género e de identidade de género”.

Na resposta ao BE, já enviada à Assembleia da República, Margarida Balseiro Lopes “reafirma o compromisso” do Governo em “colocar no centro das políticas públicas a promoção da igualdade e o combate a todas as formas de discriminação” – uma mensagem que a ministra tem reiterado.

No âmbito desse compromisso, “o Governo reconhece a saúde menstrual como uma questão de saúde e direitos humanos, e não apenas como uma questão de higiene, e está consciente dos desafios que lhe estão associados, designadamente na concepção de políticas para pessoas que menstruam, onde se incluem as pessoas transgénero e não-binárias”, refere o documento. “O que implica”, prossegue, a “disponibilização de infra-estruturas e apoio adequados nas escolas e a utilização de linguagem neutra do ponto de vista do género para se referir aos produtos menstruais”.

Foi com este propósito, acrescenta ainda o gabinete de Balseiro Lopes, e “com o objectivo de reduzir as desigualdades, promover a igualdade de género e melhorar as condições de vida de todas as pessoas”, que o Governo aprovou em Maio, em Conselho de Ministros, um programa de “distribuição gratuita de produtos de higiene menstrual”. Uma medida que deverá entrar em vigor no próximo mês de Setembro, passando a vigorar em escolas e centros de saúde.

Margarida Balseiro Lopes – vice-presidente do PSD e nome do círculo próximo do primeiro-ministro Luís Montenegro – afasta-se, assim, da crítica que se fez ouvir na bancada parlamentar social-democrata. Mas também do posicionamento bastante recuado assumido pelo Ministério da Saúde, que na resposta que tinha endereçado anteriormente ao PSD não avança qualquer posição sobre o uso de linguagem neutra, remetendo os termos usados no inquérito da DGS para a esfera de decisão daquele organismo.

“A Direcção-Geral da Saúde é um organismo técnico-normativo, dotado de autonomia técnica, que tem como missão a promoção e protecção da Saúde de todos os cidadãos, e estabelecimento de referenciais para a prestação de cuidados de saúde com qualidade e adaptados às necessidades de toda a população”, escreve o gabinete de Ana Paula Martins, sublinhando também que “não se trata de uma campanha, mas de um estudo para diagnóstico da situação sobre a saúde menstrual em Portugal”.

Transformada numa questão política fortemente divisória, a utilização de linguagem neutra dificilmente será pacífica entre os sociais-democratas. Mas, se o claro respaldo à adopção de linguagem neutra agora assumido por Margarida Balseiro Lopes não será uma posição transversal na bancada social-democrata, está a larguíssima distância do CDS, parceiro de coligação do Governo de Luís Montenegro, que tem feito destas questões um cavalo-de-batalha político.

DANIEL ROCHA



O gabinete da ministra da Juventude e Modernização realça “objectivo de reduzir as desigualdades [e] promover a igualdade de género”

Ministério da Saúde já tinha comentado o caso, sem tomar posição, e remetendo para a Direcção-geral da Saúde o ónus de recorrer a expressões neutras

ARTV emitiu em média menos 100 horas/mês do que na última sessão legislativa completa

Joana Mesquita

Em média, foram transmitidas cerca menos 100 horas do que o registado na última sessão legislativa completa

Nos primeiros quatro meses da actual sessão legislativa, que começou a 26 de Março deste ano e só terminará a 14 de Setembro de 2025, a ARTV emitiu 3543 horas de conteúdos, o que corresponde a cerca de 886 horas mensais. O número é, naturalmente, mais baixo do que o habitual para esta fase do ano, uma vez que, geralmente, a sessão legislativa começa a 15 de Setembro e termina a 14 de Setembro do ano seguinte. No entanto, em média, foram transmitidas aproximadamente menos 100 horas do que o registado na última sessão legislativa completa.

O canal da Assembleia da República é transmitido através de três plataformas e, por isso, as 3543 horas exibidas dividem-se entre o cabo (2360), a televisão digital terrestre (700) e a Internet (483), sendo no *site* disponibilizados conteúdos em simultâneo. Os dados foram divulgados no Balanço da Actividade de Parlamentar, que reúne informação de 26 de Março a 18 de Julho deste ano.

Na última sessão legislativa completa, a primeira da XV legislatura – a segunda terminou na sequência da demissão do então primeiro-ministro António Costa –, cuja duração foi maior devido às eleições antecipadas de Janeiro de 2022, a ARTV emitiu 17.700 horas de conteúdos, aproximadamente 983 por mês: 2400 através da Internet, 4500 pela televisão digital terrestre e 10.800 nas redes de cabo, de acordo com o Relatório da Actividade.

Feitas as contas, a primeira sessão da XV legislatura transmitiu uma média de cerca de 983 horas mensais, quase mais 100 horas do que as transmitidas, por mês, na actual sessão legislativa (886).

NUNO FERREIRA SANTOS



Contabilização relativa a cerca de quatro meses da actual legislatura

Segundo o Balanço da Actividade Parlamentar relativo aos primeiros meses da actual legislatura, a comissão parlamentar de inquérito (CPI) ao caso das gémeas realizou 20 reuniões (incluindo as audições), o que corresponde a 27 horas e 23 minutos. No entanto, estes números estão desactualizados, uma vez que a CPI já realizou 22 reuniões (13 ordinárias e nove da mesa e coordenadores).

No total, nos primeiros quatro meses da XVI legislatura, as várias comissões – permanentes, eventuais, especiais, de inquérito, subcomissões e grupos de trabalho – estiveram reunidas durante 596 horas e 42 minutos.

Números, mais uma vez, bastante abaixo dos verificados na sessão legislativa que terminou em Setembro de 2023. Nessa altura, a comissão parlamentar de inquérito à gestão da TAP feita pela tutela política marcou os trabalhos parlamentares e daí resultaram 63 reuniões, que se traduziram em 214 horas e 27 minutos. Ao todo contabilizaram-se praticamente 3448 horas despendidas pelos deputados em comissões.

O Balanço da Actividade Parlamentar dá ainda conta de 483 horas de conteúdos gravados pelo Canal Parlamento, que podem ser revistos no *site*, e, destas, 320 correspondem a gravações das comissões (66% do total). Há ainda 118 horas dedicadas à gravação de plenários (25%) e 45 de outros eventos (9%). Na última sessão legislativa completa, registaram-se 2397 horas de conteúdos gravados.

Montenegro aposta em autarcas e deputados como mandatários da candidatura a líder do PSD

Directas para a liderança do PSD estão agendadas para 6 de Setembro, seguidas pelo congresso, entre 21 e 22 do mesmo mês, em Braga

A lista de 24 mandatários distritais escolhidos por Luís Montenegro para a sua recandidatura à presidência do PSD nas directas de Setembro conta com dez actuais autarcas e oito antigos e actuais deputados. A lista ontem divulgada pela candidatura de Montenegro revela que o presidente dos sociais-democratas optou nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Viseu, Guarda, Leiria, Portalegre e na região oeste, por nomes de autarcas da região.

Destes, sete cumprem funções como presidentes de câmaras municipais, como é o caso de João Manuel Esteves, presidente da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez e mandatário por Viana do Castelo, Fernando Queiroga, presidente do município de Boticas e mandatário por Vila Real ou José Luís Gaspar, presidente de Amarante, que foi a escolha de Montenegro no distrito do Porto.

Fernando Ruas, de Viseu, Carlos Condesso, autarca de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda, José Bernardo, do Cadaval – mandatário da região oeste – e Fermelinda Carvalho, de Portalegre, completam a lista de presidentes da câmara entre os escolhidos da candidatura de Montenegro, que vai avançar sob o lema "Acreditar em Portugal".

A lista conta também com vereadores – é o caso dos distritos de Braga, com João Rodrigues do município bracarense, e Bragança, com Miguel José Abrunhosa Martins, autarca brigantino. Das juntas de freguesia houve apenas uma escolha: o presidente da freguesia de Ansião, Jorge Cancelinha, que é o mandatário pelo distrito de Leiria.

Também os actuais e antigos eleitos à Assembleia da República assumem um papel de destaque nesta candidatura, com oito representantes nesta lista e com Almiro Pereira – recém-eleito pelo círculo de Aveiro – a ser a escolha para mandatário financeiro.

No distrito de Aveiro – de onde o actual líder do PSD e primeiro-ministro é natural – a escolha recaiu sobre o antigo autarca de Vagos e actual deputado Silvério Regalado.

NUNO FERREIRA SANTOS



Luís Montenegro é candidato ao segundo mandato como líder do PSD

Ainda no lote de actuais nomes da bancada social-democrata no Parlamento, a mandatária de Lisboa é Andreia Bernardo, de Coimbra, o deputado Maurício Marques, em Setúbal, Sónia dos Reis foi a escolhida, em Beja, o deputado Gonçalo Valente é o mandatário e o mandatário de fora da Europa será Flávio Martins, eleito por esse mesmo círculo eleitoral nas últimas legislativas.

Os ex-deputados José Mendes Bota e Carlos Gonçalves são as opções de Montenegro para Faro e a Europa, respectivamente.

Nos Açores e na Madeira, serão os secretários-gerais das estruturas partidárias das regiões – Luís Pereira e José Prada – a assumirem o papel de mandatários. O mandatário da JSD será João Pedro Luís, actual secretário-geral da "jota".

Das estruturas distritais, Montenegro escolheu para mandatários Manuel Frexes, presidente da distrital de Castelo Branco, Ricardo Oliveira, tesoureiro da distrital de Santarém e Francisco Figueira, líder da distrital de Évora.

A direcção de campanha estará nas mãos do social-democrata Rui Rocha, antigo presidente da Câmara Municipal de Ansião, actualmente primeiro vogal da comissão política nacional do PSD e presidente da mesa da assembleia distrital do PSD-Leiria.

As directas para a liderança do partido estão agendadas para 6 de Setembro, seguidas pelo congresso entre 21 e 22 de Setembro, em Braga.

O actual primeiro-ministro, Luís Montenegro, vai recandidatar-se a um segundo mandato de dois anos como presidente do PSD, partido que lidera desde 2022. **Lusa**

ADRIANO MIRANDA



Ana Paula Martins cumprimenta Edite, uma das primeiras utentes que ontem estreou o Centro de Atendimento Clínico da Prelada, no Porto

Santo António manda doentes não urgentes de ambulância para Hospital da Prelada

Ministra diz que parceria com Misericórdia é a "prova de que é possível refundar o SNS" e defende que solução para urgências requer "coragem"

Alexandra Campos

Edite "sentiu-se mal de madrugada, tinha dores e dificuldades em respirar", relata a sua cuidadora, Sara, que, mal chegou a casa da idosa pela manhã, decidiu levá-la ao serviço de urgência (SU) do Hospital de Santo António no Porto, como faz habitualmente. Desta vez, porém, depois de ser triada com pulseira verde (pouco urgente) no Santo António, propuseram-lhe que fosse observada no novíssimo Centro de Atendimento Clínico (CAC) ontem inaugurado pela ministra da Saúde, Ana Paula Martins, no Hospital da Prelada, uma unidade da Santa Casa da Misericórdia do Porto. "Disseram que era mais rápido, que ia esperar muito menos", conta Sara.

E foi, de facto, mais rápido. Até o transporte foi célere – a idosa foi transportada de ambulância para o Hospital da Prelada, como parte dos doentes reencaminhados ontem do Hospital de Santo António para o CAC. Porquê? "Porque o *shuttle* previsto para transportar os doentes ainda não avançou", explicou a assessoria do Hospital da Prelada.

Edite foi uma das primeiras doentes atendidas no CAC do Porto, o segundo a abrir no país, depois de o primeiro ter arrancado em Lisboa no dia 1 de Agosto. A abertura de centros de atendimento clínico é uma das medidas emblemáticas do Plano de Emergência e Transformação na Saúde do Governo – a ideia é retirar doentes triados com pulseiras verdes (pouco urgentes) ou azuis (não urgentes) dos serviços de urgência hospitalares.

Mas enquanto em Lisboa – onde quase 29% da população não tem médico de família atribuído – a solução encontrada foi abrir um CAC no Serviço Nacional de Saúde (SNS), no Centro de Saúde de Sete Rios, no Porto – onde a cobertura de médicos de família é quase total – a tutela optou por contratar esta nova resposta com o sector social.

A parceria com a Misericórdia é "prova de que é possível refundar o SNS", argumentou a ministra da Saúde, no discurso que leu depois de visitar o centro, que foi montado numa ala até agora desaproveitada do Hospital da Prelada, e que dispõe de sala de espera, seis gabinetes médicos, uma sala para pequenos tratamentos e espaço para colheitas e análises clínicas. Por cada doente, a Misericórdia recebe 45 euros e se, por enquanto, o CAC está preparado para receber até 200 pacientes por dia no horário entre as 8h até à 1 da manhã, a capacidade poderá ser alargada até aos 300 ou mesmo 350 no futuro, segundo os seus responsáveis.

Para já, precisou o director clínico do Hospital da Prelada, Varejão Pinto, foram contratados cerca de 80 profissionais de saúde, entre médicos – com a especialidade de medicina geral e familiar –, enfermeiros, auxiliares e administrativos, mas, nesta primeira fase, os turnos vão ser assegurados por três médicos e dois enfermeiros. A partir de Setembro a equipa deverá ser reforçada.

Nas primeiras nove horas, até às 17h00, o CAC recebeu cerca de 40 doentes, a maior parte dos quais proveniente do Santo António, além

de alguns encaminhados pela linha SNS24 e poucos – sete até essa hora – vindos da urgência do Hospital de São João, que, por dia, atende uma média de 400 pacientes no seu SU. Estes sete não chegaram de ambulância, porque os doentes não urgentes "vão pelos seus próprios meios, como está a acontecer no Hospital de Santa Maria, em Lisboa", esclareceu a assessoria do São João.

O certo é que já há unidades locais de saúde (ULS) a querer seguir o exemplo destes centros e "o levantamento está a ser feito", disse a ministra da Saúde aos jornalistas que estavam, porém, mais interessados em saber o que é que a tutela tenciona fazer para resolver a crise de outros serviços de urgência – os de ginecologia-obstetrícia – que têm fechado intermitentemente na região de Lisboa e Vale do Tejo e na região oeste, obrigando algumas mulheres grávidas a percorrer muitos quilómetros para terem os seus bebés.

Como se resolve a "crise" dos serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia, que estão a fechar intermitentemente por causa da falta de médicos para completar as escalas? Ana Paula Martins respondeu de forma cautelosa, contornando a hipótese que tem sido avançada nos últimos dias por um coro de especialistas e comentadores, que defendem que chegou a hora de ter "coragem política" e de avançar com concentrações – eufemismo para encerramentos – de maternidades.

O próprio director executivo do SNS, António Gandra d'Almeida, admitiu na semana passada, em entrevista ao *Expresso*, que uma das soluções para a "crise" das maternidades poderá passar por concentrar serviços na região de Lisboa.

Mas a ministra enfatizou que as soluções para acabar com os problemas das urgências de obstetrícia "não passam exclusivamente por encerramentos ou concentrações", apesar de admitir que concretizará o que for proposto pela comissão de peritos já criada pelo Governo para estudar este assunto – mais uma comissão a somar a uma série de outras que se sucederam no passado.

"Algumas medidas exigirão mais coragem, outras são mais de natureza técnica, mas o nosso compromisso é que a reorganização da obstetrícia – e isso não é só a urgência – tem de ser feita. Chegámos a um momento em que já não é possível deixar tudo como está", declarou Ana Paula Martins, vincando que concretizará "aquilo que a comissão técnica entender que deve ser feito para bem das mães e das crianças", mas sempre com "o apoio do primeiro-ministro", além da colaboração com os profissionais de saúde e do diálogo prévio com os autarcas.

Num momento em que se aproximam as eleições autárquicas (2025), será esta a melhor altura para avançar com encerramentos, uma decisão que se antevê polémica e impopular? "É um momento, não há outro momento, é este o momento para, com serenidade, bom senso, prudência, boa comunicação e o envolvimento de todos, inclusive das populações, encontrarmos as melhores soluções", reforçou Ana Paula Martins, especificando que o SNS actualmente "tem apenas 40% dos obstetras ao seu serviço". No SNS estavam a trabalhar em Junho 760 ginecologistas obstetras, apesar de estarem inscritos na Ordem dos Médicos cerca de 1900 – mas mais de 40% têm acima de 65 anos.

A nova Comissão Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente, que está incumbida de elaborar mais um relatório sobre os serviços e as urgências de ginecologia-obstetrícia e blocos de parto, e que é presidida pelo director do Centro Materno Infantil do Norte, Alberto Caldas Afonso, tem um prazo apertado para apresentar propostas, até ao final de Setembro, ou o mais tardar "até meados de Outubro", adiantou a governante.

Só 2 milhões são para centro clínico

Os 65 milhões de euros aprovados pelo Governo no dia 8 deste mês não serão destinados, afinal, ao financiamento do Centro de Atendimento Clínico (CAC) do Porto, que ontem começou a funcionar na Prelada, uma unidade da Misericórdia do Porto. Foi o ministro da Presidência, Leitão Amaro, que anunciou, erradamente, que os 65 milhões de euros seriam para financiar o CAC do Porto, durante dois anos. "Hoje aprovámos um financiamento de 65 milhões de euros para um centro de atendimento clínico no Porto. É um centro de atendimento para acolher as pulseiras verdes e azuis que pode assim descongestionar as urgências. Como? Através de um acordo e de uma parceria que existia com a Misericórdia do Porto no Hospital da Prelada", disse. Do total dessa verba, apenas cerca de dois milhões serão destinados ao CAC, esclareceu o director clínico da Prelada, Varejão Pinto, frisando que o dinheiro restante resulta do acordo de cooperação que existe há várias décadas para a prestação de vários cuidados de saúde, nomeadamente cirurgias.

Maternidades

Urgência de Leiria volta a receber grávidas mas pode voltar a fechar

Ana Maia

Depois de 17 dias encerrada, a urgência de ginecologia/obstetrícia do Hospital de Leiria voltou ontem a receber grávidas. O serviço abriu às 9h e, de acordo com a informação no Portal do SNS, irá funcionar sem constrangimentos nos próximos dias. Mas ainda não está completamente assegurado o funcionamento no próximo fim-de-semana, disse ao PÚBLICO Catarina Faria, directora clínica para a área dos cuidados hospitalares da Unidade Local de Saúde da Região de Leiria (ULSRL).

A informação disponível ontem no Portal do SNS mostrava que a urgência vai estar a funcionar em pleno pelo menos até ao dia 25 deste mês (o mapa só tem dados disponíveis referentes a sete dias). As portas da urgência reabriram às 9h e, segundo Catarina Faria, em declarações à Antena 1, foram admitidas várias mulheres nas primeiras horas. "Até ao momento, está a decorrer tudo dentro da normalidade", disse ao início da manhã, referindo que conta com a "equipa completa para este novo arranque". Foi a falta de médicos em número suficiente que impediu o cumprimento das escalas da urgência de obstetrícia e ginecologia. Actualmente, contabilizou, a ULS conta com 12 médicos, dos quais sete têm mais de 60 anos. Todos fazem urgência, o que tem permitido assegurar a resposta do serviço.

"Se não houvesse este encerramento desta forma, o que iria acontecer é que durante todo o mês de Agosto teríamos de estar nos mínimos e encerrados. Assim, houve a possibilidade de chegar a um acordo com a equipa médica e com este encerramento dar uma resposta consistente ao final do ano", explicou ao PÚBLICO a directora clínica, referindo que com os recursos humanos que têm conseguem assegurar o funcionamento da urgência durante a semana, podendo, contudo, ocorrer encerramentos programados aos fins-de-semana.

Ainda que com uma duração mais curta, são fechos que estão a tentar evitar, com recurso a prestadores de serviço e com a ajuda de médicos que trabalham noutras ULS e que se possam deslocar a Leiria para completar as escalas nos fins-de-semana. Contudo, Catarina Faria lembra que há outras ULS com o mesmo problema de falta de recursos humanos. "Esta é uma especialidade que tem poucos médicos a nível nacional."

Até ao final do ano, está prevista a aposentação de um médico de ginecologia/obstetrícia. Mas a ULS tem recorrido à possibilidade de contratar clínicos aposentados. "Até agora temos tido uma resposta favorável de manterem o vínculo connosco, nomeadamente no serviço de urgência, para continuarem a colaborar após a reforma", explica a responsável, adiantando que a única vaga que colocaram a concurso para contratar jovens especialistas nesta área não teve concorrentes.

Coimbra e Porto apoiaram

O encerramento da urgência de ginecologia/obstetrícia do Hospital de Leiria foi a situação que mais preocupou o bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, nos últimos tempos. A situação ganhou contornos mais problemáticos porque o encerramento da urgência de ginecologia/obstetrícia do Hospital das Caldas da Rainha em vários dias em simultâneo com a de Leiria deixou parte da população da região sem uma resposta mais próxima. A solução encontrada foi o encaminhamento de grávidas com partos programados para o Centro Materno-Infantil do Norte (CMIN) – no Porto, a cerca de 200 quilómetros de Leiria – e das situações de urgência para a ULS de Coimbra, a cerca de 80 quilómetros.

Entre os dias 2 e 19 de Agosto, a ULS de Coimbra realizou 75 partos a grávidas da região de Leiria, num total de 215

Coimbra revelou ontem que entre os dias 2 e 19 de Agosto "realizou 75 partos a grávidas da região de Leiria, correspondendo a 76 recém-nascidos". Num balanço da primeira quinzena de Agosto, a ULS dá conta que foram feitos 215 partos, verificando-se um crescimento de 8% face a igual período de 2023 (mais 16 partos). Em termos de serviço de urgência de obstetrícia e ginecologia, nos primeiros quinze dias deste mês "verificaram-se 1315 episódios, correspondendo a cerca de 88 atendimentos por dia", quando no mesmo período de 2023 a média foi de 80.

A directora clínica da ULS de Leiria explicou que a resposta foi "articulada com a DE-SNS, Ministério da Saúde e com todas as ULS" da sua área de referência. A opção de encaminhar os partos programados para o Norte surgiu depois, de num fim-de-semana em que estiveram encerrados, Coimbra ter registado uma falta de vagas no serviço de neonatologia. Por estar em causa um período de encerramento mais prolongado, e para se evitarem pressões maiores, Coimbra ficou responsável por receber as urgências de Leiria e o CMIN os partos programados. "Quando se percebeu que Coimbra não tinha tanta pressão e que podia receber essas grávidas, reverteu-se a situação", disse.

Ontem havia quatro urgências de ginecologia/obstetrícia encerradas (Santarém, Barreiro, Abrantes e Portimão) e quatro com acesso referenciado (Garcia de Orta, Amadora-Sintra, São Francisco Xavier e a urgência de obstetrícia do Hospital de Santa Maria). Para o resto da semana e próximo fim-de-semana, a previsão é que se mantenham alguns encerramentos e urgências com acesso apenas referenciado, mas menos do que no passado fim-de-semana.

MANUEL ROBERTO



Ontem havia quatro urgências de ginecologia/obstetrícia fechadas

Sociedade

Madeira quer República a custear mais um helicóptero de combate a incêndios

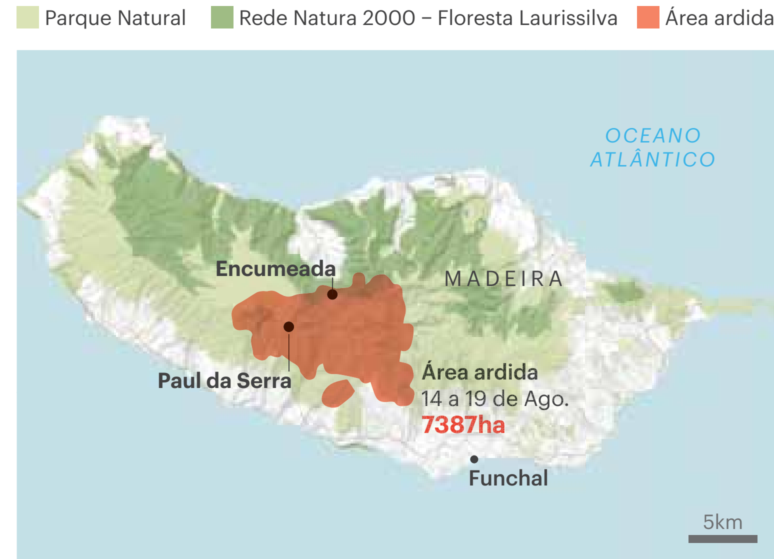
Carolina Amado

Sexto dia termina "mais tranquilo", apesar de ainda existirem duas frentes activas. Terão ardido 7387 hectares desde o dia 14


HOMEM DE GOUVEIA/LUSA

Este já é considera o pior incêndio dos últimos 14 anos na Madeira

Impacto dos incêndios na Madeira



Fonte: Mapbox; Copernicus PÚBLICO

Pelo sexto dia consecutivo, as chamas consumiram hectares de floresta na ilha da Madeira. Ainda que a situação pareça "mais tranquila", com uma diminuição da intensidade do vento, a população continuava em sobressalto perante novas evacuações e reacendimentos. Pedro Ramos, secretário regional de Saúde e Protecção Civil, garante que a Madeira não recusou ajuda externa e defende que é altura de o Governo da República apoiar a região autónoma com mais um helicóptero.

Desde 2019 que a região tem, em permanência, um meio aéreo operacional, um helicóptero cujos custos têm sido assumidos pelo Governo da Madeira e que, além do combate a incêndios, tem sido utilizado em operações de resgate. Em conferência de imprensa, Pedro Ramos deixou críticas ao Governo da República, fazendo eco do apelo de José Manuel Rodrigues, presidente da Assembleia Legislativa madeirense, para que a região tenha mais um meio aéreo custeado pelo Estado. "Aquilo que a região investiu para ter o helicóptero a funcionar desde 2019 atinge já perto de 13 milhões de euros", afirmou o secretário regional, considerando que "o Estado português deve começar a olhar para a Madeira de forma diferente" e equacionar assumir os custos não só do helicóptero que já está na região, mas de um outro. "Dois helicópteros seriam muito melhores para a Madeira", afirmou.

Pedro Ramos vincou que esta é uma reivindicação que tem cinco anos, mas admite que o facto de o Governo da República ser agora social-democrata, tal como o da Madeira, pode jogar a favor da região. "Naturalmente, termos a mesma cor política poderá ser uma vantagem – para que a Madeira tenha dois meios aéreos e para que esses meios sejam da responsabilidade do Estado."

O governante sublinhou ainda que o helicóptero existente, desde que as condições meteorológicas o permitam, "tem sido utilizado ininterruptamente", tendo sido contabilizadas quase 30 horas de voo e mais de 160 descargas de água desde que o incêndio deflagrou. Ontem, o fogo manteve duas frentes activas, na Encumeada (Ribeira Brava) e no Paul da Serra (Ponta do Sol), que causaram "alguma preocupação". De acordo com dados actualizados pelo Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais (EFFIS), terão ardido 7387 hectares desde 14 de Agosto, data do primeiro alerta para o incêndio, que o EFFIS considera o pior dos últimos 14 anos na Madeira.

Ontem ao fim do dia, houve uma nova operação de evacuação, desta vez no sítio da Furna, na Ribeira Brava, de onde foram retiradas cerca de 60 pessoas "por precaução". Na Serra de Água, freguesia onde o fogo deflagrou na quarta-feira, o incêndio foi declarado extinto.

No município de Câmara de Lobos, o fogo também já estava "praticamente extinto" ontem de manhã desta segunda-feira, mas pelas 12h ocorreu um reacendimento no Curral das Freiras, que se mantinha sob "vigilância activa". Na Fajã das Galinhas, no mesmo município, os peritos do Laboratório Regional de Engenharia, em colaboração com o Serviço Regional de Protecção Civil, realizaram durante o dia uma avaliação do talude para garantir o regresso seguro das famílias retiradas das suas casas.

"Aparentemente, a situação é mais tranquila", afirmou, em conferência de imprensa, Pedro Ramos, referindo que ao final da tarde o aviso meteorológico para tempo quente foi reduzido do nível laranja para amarelo (o mais baixo numa escala de três), prevendo-se também uma diminuição da intensidade do vento. Ao final da tarde estavam no terreno mais de 150 bombeiros, apoiados por 40 veículos e um meio aéreo. O combate às chamas tem sido dificultado pelo vento forte, pelas temperaturas elevadas e pelo difícil acesso às zonas afectadas, mas não há registo de destruição de habitações e infra-estruturas essenciais. Uma bombeira dos Açores foi levada para o hospital por ter entrado em exaustão. A Judiciária está a investigar a origem do incêndio. Tanto o secretário regional Pedro Ramos, como o presidente do Governo da Madeira, Miguel Albuquerque, assumiram ter suspeitas de fogo posto.

Críticas

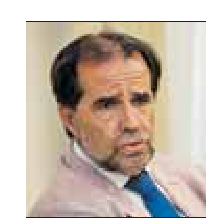
Oposição acusa Albuquerque de gestão irresponsável e "negligente"

A oposição renovou ontem as críticas ao Governo Regional da Madeira devido à gestão dos incêndios que lavram na ilha desde quarta-feira. Enquanto o PS-Madeira acusa o executivo madeirense de, numa fase inicial, "desvalorizar" a gravidade da situação, o Chega lamenta a falta de um "plano de gestão florestal" adequado para prevenir os incêndios e pede "consequências" para os responsáveis pela situação. Fonte oficial do executivo regional disse ao PÚBLICO que o Governo da Madeira "não recusou qualquer tipo de ajuda" do Governo liderado por Luís Montenegro.

"Irresponsável", "negligente" são algumas das palavras que Paulo Cafôfo, líder do PS-Madeira, utiliza para descrever a gestão dos incêndios. Ao PÚBLICO, o socialista condenou a "desvalorização" que, considera, o executivo de Albuquerque fez da gravidade da situação, o que acabou por ter "consequências graves". E acrescenta que o aumento das dimensões do incêndio era "previsível".

Paulo Cafôfo criticou também a "arrogância" com que o Governo da Madeira terá, alegadamente, e segundo avançou a agência Lusa, dito ao Governo da República que o apoio de meios do continente não era necessário. No entanto, ao PÚBLICO, fonte oficial assegurou, por escrito, que o governo regional "não recusou qualquer tipo de ajuda".

A mesma fonte sublinhou ainda que "as entidades regionais estiveram sempre em contacto com as entidades nacionais" e que o pedido de ajuda foi accionado quando as circunstâncias no terreno assim o justificaram. À 1h de 18 de Agosto chegaram à Madeira 76 operacionais do continente. Um dia depois chegaram, segundo a Lusa, 15 elementos disponibilizados pelo Governo dos Açores.


Actuação do executivo de Miguel Albuquerque na gestão dos incêndios alvo de contestação

Para o líder do Chega-Madeira, o problema na gestão de incêndios vem de trás. "Se as serras ardem é porque não há um plano de gestão florestal", afirmou Miguel Castro, em declarações aos jornalistas transmitidas pela SIC Notícias. O líder do Chega na Madeira considera que "terá de haver ilações políticas nomeadamente ao nível da Protecção Civil e do IFCN (Instituto de Florestas e Conservação da Natureza)" e defende que os responsáveis pela situação deverão, no futuro, ter a "coragem política" de pôr o lugar à disposição.

A posição do Chega pode representar mais uma pedra na difícil engrenagem da situação política na Madeira, onde Albuquerque conseguiu garantir a viabilização do Orçamento regional, que foi aprovado com 22 votos a favor, 21 contra, graças à abstenção de três deputados do Chega.

Com uma posição menos crítica, José Manuel Rodrigues, líder do CDS-Madeira e presidente do parlamento regional, disse ao PÚBLICO que "não é o momento para avaliar a forma e prontidão com que os meios foram accionados", mas saudou a forma como o governo regional foi "adaptando" a sua gestão, adequando-a às circunstâncias. Lamentou, porém, o facto de a Madeira não ter mais meios aéreos para combater incêndios (actualmente, tem apenas um). **F.C.**

DANIEL ROCHA



Incêndio de Vimioso consumiu mais de 2000 hectares

Área ardida até 15 de Agosto é a mais baixa desde 2014

De 1 a 15 de Agosto arderam 3484 hectares, que correspondem a 44% do total da área ardida este ano, que é de 7949 hectares

Agosto tem mais duas semanas pela frente, mas é já o mês com mais área ardida em 2024 e duplicou os valores de Julho, segundo os dados revelados pelo Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

De acordo com o relatório provisório divulgado, de 1 a 15 de Agosto arderam 3484 hectares, enquanto no mês anterior os incêndios tinham consumido uma área de 1582 hectares. A área ardida nestas primeiras duas semanas corresponde a 44% do total da área ardida este ano em Portugal continental e que é de 7949 hectares.

A expressão do impacto das chamas nas últimas duas semanas foi sobretudo visível em áreas de mato (1676 hectares), além dos povoamentos (1175) e de zonas agrícolas (633), alterando o cenário que se tinha verificado no mês anterior, no qual tinha ardido uma área superior nos povoamentos (732) relativamente ao mato (475) ou à agricultura (331).

Este mês caminha também para um novo máximo no número de incêndios rurais em 2024, uma vez que na primeira quinzena houve 722 ocorrências, já não muito longe do total de 1031 fogos registados em Julho. Em termos anuais, houve já 3485 incêndios rurais.

"Comparando os valores do ano de 2024 com o historial dos dez anos anteriores, assinala-se que se registaram menos 58% de incêndios rurais e menos 87% de área ardida relativamente à média anual do período", realçou o ICNF, sublinhando: "O ano de 2024 apresenta, até ao dia 15 de Agosto, o valor mais reduzido em número de incêndios e o valor mais reduzido de área ardida desde 2014."

As estatísticas para as causas dos incêndios entre Janeiro e a primeira quinzena de Agosto deste ano revelam que o incendiarismo é a causa isolada mais frequente entre as 2474 ocorrências investigadas (das quais 1843 com investigações conclusivas), sendo responsável por 27% dos incêndios rurais – um número superior aos 24% que se observavam no final de Julho.

No entanto, agregando os diferentes tipos de queimadas e usos do fogo, alcança-se um total de 38% nas causas de incêndios, mas abaixo dos 42% que constavam do relatório até 31 de Julho.

Entre as outras causas destacam-se também os incêndios rurais com origens acidentais (17%), provocados por outras causas não-especificadas (10%), os reacendimentos (4%), a realização de fogueiras (2%) e os fogos causados por razões naturais, como a queda de raios (2%).

A nível regional, o distrito de Bragança passou a ser o que regista maior área ardida desde o início do ano, com 2764 hectares (quase 35% do total nacional), ultrapassando Viana do Castelo, que liderava no final do mês passado, seguido de Beja. Para esta situação pesou decisivamente o grande incêndio que deflagrou na região de Vimioso na semana passada e que consumiu mais de 2000 hectares. Já no número de incêndios rurais sobressaem os distritos do Porto (594), Viana do Castelo (328) e Braga (288). **Lusa**

Apoio de 40 euros por mês para bolseiros deslocados

O apoio às deslocações atribuído aos estudantes bolseiros do ensino superior que recebem complemento de alojamento vai aumentar de 25 para 40 euros mensais, uma alteração com efeitos retroactivos ao início de 2024.

A alteração ao regulamento de atribuição de bolsas de estudo a estudantes do ensino superior já estava prevista no Orçamento do Estado para 2024 e foi publicada ontem em *Diário da República*.

De acordo com o diploma, "os estudantes bolseiros deslocados que sejam beneficiários de complemento de alojamento (...) têm direito à atribuição de um apoio à deslocação, nos meses em que beneficiem daquele complemento, no valor de 40 euros, num máximo anual de 400 euros".

Actualmente, o apoio à deslocação está fixado em 25 euros mensais, num máximo anual de 250 euros.

As alterações têm efeito a partir do dia 1 de Janeiro de 2024 e aplicam-se "a todos os requerimentos já apresentados à data da sua entrada em vigor", acrescenta o despacho do ministro da Educação, Ciência e Inovação.

O complemento de alojamento é um apoio pago aos estudantes bolseiros deslocados que não obtenham vaga nas residências públicas e, no próximo ano lectivo, variará entre 290 euros e 483 euros, em função da cidade.

A partir do próximo ano lectivo, os estudantes deslocados sem bolsa, cujo rendimento *per capita* da família varie entre 836 euros e 1018 euros mensais, vão também receber um apoio ao alojamento correspondente a 50% do valor do complemento atribuído a bolseiros. **Lusa**



Alterações têm efeito a partir do dia 1 de Janeiro de 2024

PUBLICIDADE



AVISO

1. Nos termos e para os efeitos previstos no n.º 2 do artigo 47.º da Lei n.º 19/2012, de 8 de maio, torna-se público que a Autoridade da Concorrência recebeu, em 14 de agosto de 2024, uma notificação prévia de uma operação de concentração de empresas apresentada ao abrigo do disposto no artigo 37.º do referido diploma.
2. A operação de concentração consiste na aquisição, pela Digi Portugal, Lda. ("Digi"), do controlo exclusivo da Cabonitel, S.A. ("Cabonitel").
   - **Digi –** empresa de direito nacional que faz parte do Grupo Digi, com sede social nos Países Baixos e sede de gestão efetiva na Roménia, ativa no setor das telecomunicações na Roménia, Espanha e Itália, sob a marca "Digi". Em Portugal a Digi não tem, à data de Notificação, serviços ativos ou volume de negócios. A Digi está registada na ANACOM para oferecer redes e serviços de comunicações eletrónicas a nível nacional e é detentora de direitos de utilização de um total de 95 MHz de espectro radioelétrico e de rede de fibra ótica em fase de instalação em vários pontos do país.
   - **Cabonitel –** empresa de direito nacional, controlada pela Lorca JVco., uma empresa de direito britânico. A Cabonitel controla a Nowo Communications, S.A. ("Nowo"), empresa que oferece serviços de comunicações eletrónicas em Portugal Continental, incluindo comunicações fixas, serviços móveis (enquanto "MVNO", utilizando a rede MEO), serviços de Internet fixa, serviços de televisão por subscrição e pacotes de telecomunicações. A Nowo é detentora de direitos de utilização de um total de 70 MHz de espectro radioelétrico.
3. Quaisquer observações sobre a operação de concentração em causa devem identificar o interessado e indicar o respetivo endereço postal, e-mail e n.º de telefone. Se aplicável, as observações devem ser acompanhadas de uma versão não confidencial, bem como da fundamentação do seu caráter confidencial, sob pena de serem tornadas públicas.
4. As observações devem ser remetidas à Autoridade da Concorrência, no prazo de 10 dias úteis contados da publicação do presente Aviso, indicando a referência **Ccent 53/2024 – Digi/Cabonitel**, através do e-mail adc@concorrencia.pt.



AVISO

1. Nos termos e para os efeitos previstos no n.º 2 do artigo 47.º da Lei n.º 19/2012, de 8 de maio, torna-se público que a Autoridade da Concorrência recebeu, em 8 de agosto de 2024, uma notificação prévia de uma operação de concentração de empresas apresentada ao abrigo do disposto no artigo 37.º do referido diploma.
2. A operação de concentração consiste na aquisição, pela DISA Portugal, S.A. ("DISA"), do controlo exclusivo da CPCPC – Companhia Portuguesa de Comércio de Produtos Combustíveis, S.A. ("CPCPC") e da FAVORITEHOME – Imobiliária, S.A. ("FAVORITEHOME").
3. As atividades das empresas envolvidas são as seguintes:
   - **DISA –** integra o Grupo DISA, um grupo económico sedeado em Espanha, ativo no setor dos combustíveis e da energia, bem como no setor da produção e distribuição de bebidas. Em Portugal, o Grupo DISA detém a PRIO e a marca Shell, esta última em regime de franchising. Detém postos de abastecimento e oferece serviços complementares de lojas integradas, pontos de carregamento elétrico, venda de GLP engarrafado, lubrificantes e óleos. Adicionalmente, o Grupo DISA está ativo na comercialização grossista de combustíveis, na produção de bio-combustíveis e possui um terminal de armazenagem em Aveiro. Também está ativo na produção e distribuição de bebidas, através da cervejeira Damm e da subsidiária desta, Fonte Salem.
   - **CPCPC –** integra o Grupo VAPO. Está ativa na prestação de serviços, através da exploração de postos de abastecimento e comércio por grosso de produtos petrolíferos, bem como da comercialização e comércio a retalho de jornais, revistas e artigos de papelaria, em estabelecimentos especializados. Gere os postos de abastecimento de combustíveis sob a marca Q8 em Portugal, marca detida pela KPI – Kuwait Petroleum Internacional.
   - **FAVORITEHOME –** integra o Grupo VAPO. Está ativa no arrendamento de bens imobiliários.
4. Quaisquer observações sobre a operação de concentração em causa devem identificar o interessado e indicar o respetivo endereço postal, e-mail e n.º de telefone. Se aplicável, as observações devem ser acompanhadas de uma versão não confidencial, bem como da fundamentação do seu caráter confidencial, sob pena de serem tornadas públicas.
5. As observações devem ser remetidas à Autoridade da Concorrência, no prazo de 10 dias úteis contados da publicação do presente Aviso, indicando a referência **Ccent 51/2024 – DISA/CPCPC*Favoritehome**, através do e-mail adc@concorrencia.pt.



Deriva urbanística algarvia continua: 2000 casas ilegais no Vale da Telha

O novo plano garante os "direitos adquiridos" aos proprietários e passa uma borracha sobre os erros do passado

Idálio Revez

O empreendimento turístico Vale da Telha (Aljezur), um exemplo do lado sombrio dos negócios do imobiliário/turismo no Algarve, arrasta-se há décadas. O tribunal, por intervenção do Ministério Público (MP), declarou nulo o alvará da urbanização há 13 anos, mas continua a vender-se e a comprar propriedades. Ao longo da vida deste empreendimento, com quase 50 anos, houve uma falência e dois autarcas foram condenados a penas de prisão. O número de casas, com licença de construção inválida, ascende a mais de 2000, a que se juntam mais mil lotes que estão à venda sem que haja um plano de gestão territorial aprovado. Finalmente, este surgiu.

Vale da Telha, situado em pleno Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (PNSACV), é um empreendimento lançado por Sousa Cintra, mas que já mudou de mãos, pertencendo agora a Estácio dos Santos, que comprou a massa falida em 1999. Mas só recentemente, em Julho, foi dado a conhecer, pela câmara municipal, o Plano de Pormenor apresentado pelo actual proprietário. O novo plano, recorrendo a um reordenamento do espaço, propõe a garantia dos "direitos adquiridos" dos investidores, passando uma borracha nos erros e atropelos à lei cometidos. "O município não pode estar sozinho num problema que é nacional", defendeu-se o presidente da câmara, José Gonçalves (PS), reclamando a intervenção da administração central. "Não podemos ignorar a realidade existente", enfatizou.

Uma realidade que beneficia da actual animação do mercado imobiliário. "As vendas estão a sair muito bem", diz o agente imobiliário Duarte Novais, da Era, em Aljezur. Na montra da agência tem afixado um anúncio de uma moradia, de 172 metros quadrados, no Vale da Telha, por 720 mil euros. "Trabalhei sete anos, como vendedor, para o Sousa Cintra", conta. Classifica este empresário como "um homem de vistas largas". Assim sendo, como é que deixou chegar o empreendimento à degradação em que se encontra? "A câmara tinha ao seu dispor ferramentas de gestão urbanística que não utilizou", critica.

A informação é confirmada pelo teor da sentença, emitida em 2011, pelo Tribunal Administrativo e Fiscal (TAF) de Loulé, que declarou a "nulidade" do alvará de loteamento (n.º 1/77) emitido a favor da sociedade de Somundi – Sociedade Turística do Algarve, Lda, bem como as posteriores alterações solicitadas pelo empresário Sousa Cintra, que detinha a sociedade. "[A autarquia] não exigiu à Somundi a prestação da caução destinada a garantir a boa e regular execução das obras da urbanização", lê-se.

A última casa construída com alvará está à venda, diz o gestor de equipa da agência imobiliária Remax, em Aljezur, José Maria Henriques. A moradia, num lote de 770 metros quadrados, custa 540 mil euros, e foi licenciada em 2011. "Do ponto de vista documental, está tudo certinho", frisa.

À primeira vista, a imagem da urbanização ilustra bem a especulação imobiliária praticada. Do interior para o mar, observam-se moradias que ficaram a meio da construção, com tijolo à vista e rodeadas de ervas secas, e lotes à venda por 100

MIGUEL MANSO


A construção tem vindo a aumentar em diversos pontos da Costa Vicentina, que é área protegida

mil euros. A contribuir para o estado em que a situação chegou convergem dois factores: por um lado, a administração central mantém adiada a revisão dos planos de Ordenamento da Orla Costeira (POOC) e, por outro, o poder local encolheu os ombros e foi evitando tomar decisões impopulares.

Especulação imobiliária

No que diz respeito à nova proposta urbanística, o consultor imobiliário da Remax mostra-se céptico. “Passaram-se tantos anos e as pessoas, aqui em Aljezur, já não acreditam que a urbanização vá para a frente.” No entanto, reconhece, os preços estão inflacionados. “Vendemos lotes a 40, 50 mil euros no princípio do ano que agora estão a 80 a 100 mil euros.”

A história do Vale da Telha encaixa na narrativa do *eldorado* do Algarve da década de 1980, quando os investidores chegavam de autocarro, vindos do país e do estrangeiro, e faziam negócio na base de promessas de compra e venda. Alguns desses contratos de “promessas” foram suportados em lotes de terreno desenhados em cima de linhas de água e noutros locais de construção proibida. Os compradores, muitas vezes, deparavam-se com infra-estruturas inexistentes.

A herdade, com uma área aproximada a 550 hectares – dimensão da cidade de Faro –, permanece no limbo da legalidade. Sentenças judiciais não foram cumpridas, ordens de demolição não acatadas, e centenas de pessoas reclamam a regularização do existente. “Há uma realidade jurídica complicadíssima”, reconhece o director do Departamento de Obras e Urbanismo municipal, Nuno Marques, lembrando que o empreendimento se situa em área protegida. O presidente da câmara, acrescenta: “Não tenhamos ilusões: o PP não vai ser o melhor plano do mundo, vai ser o plano possível.”

Autarcas prevaricadores

Após vários percalços – três inquéritos, quatro inspecções e uma auditoria à autarquia – o empreendimento foi abandonado por Sousa Cintra em 1990, tendo o Tribunal de Lagos, três anos depois, declarado a falência da Somundi. Em 1999, o empresário Estácio dos Santos compra o empreendimento em hasta pública por 500 mil euros. A Câmara de Aljezur foi ao leilão, mas não acompanhou a oferta do privado.

A recuperação das infra-estruturas – águas, esgotos e arruamentos – tem um custo estimado de 50 milhões de euros. No sistema de saneamento básico, inacabado, a câmara foi encontrar tampas de esgoto sem ligação a condutas e, no pior dos casos, a descarregar para parte incerta. A alternativa dos moradores, para a recepção dos efluentes, foi a construção de fossas sépticas individuais.

O antigo presidente da câmara José Amarelinho (PS), na sequência dos actos administrativos declarados nulos, viria a ser condenado pelo crime de prevaricação a perda de mandato e a três anos e dois meses de prisão, com pena suspensa. Pelo mesmo motivo, o ex-presidente da assembleia municipal Manuel Marreiros foi condenado a quatro anos e três meses de prisão, também suspensa. Marreiros foi presidente de câmara durante 20 anos (três mandatos pela CDU, dois pelo PS, em ambos os partidos na condição de independente). No actual executivo é vereador, eleito pelo Grupo de Cidadãos Eleitores – Renascer.

> **Há uma realidade jurídica complicadíssima. Não tenhamos ilusões: o Plano de Pormenor não vai ser o melhor plano do mundo, vai ser o plano possível**
>
> **Nuno Marques**
> Director do Departamento de Obras e Urbanismo municipal

No passado dia 11 de Julho, na sessão de câmara extraordinária destinada à apresentação do PP do Vale da Telha, Marreiros observou que “o mais importante, neste processo, será a paz jurídica, para que as pessoas [investidores] se sintam seguras”. “Chegámos a um patamar crucial”, diz José Gonçalves: Sobre o papel que o Ministério Público (MP) tem tido ao longo do processo afirmou: “Passámos de uma situação em que havia pedidos de informação do MP de quase de duas em duas semanas para uma atitude compreensiva.” A viragem ocorreu, disse, após uma reunião em 2020 na Procuradoria-Geral da República. Nesse encontro, explicou, foi dado conta das diligências que o município estava a desenvolver em concertação com a administração central para promover um “novo desenho para Vale da Telha”. Este loteamento é, “seguramente, um dos processos mais complexos que a região tem, e o país também”.

A proposta urbanística está a ser elaborada pela empresa Biodesign, liderada por Jorge Cancela d’Abreu, de cuja equipa faz parte João Pereira Reis, antigo secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território. Da história do empreendimento, destacou, por seu turno, o arquitecto paisagista Cancela d’Abreu, fazem parte “processos de compra e venda, falência, mas também processos de intenções, baseados no domínio da palavra”. O novo Plano de Pormenor, adiantou, reduz os índices de construção de 0,150 para 0,145. Mas, ao mesmo tempo, “salvaguarda os direitos adquiridos”, através de um reordenamento do espaço e das áreas de cedência.

O director do Departamento de Planeamento e Urbanismo do município, Nuno Marques, defendeu a necessidade de existirem consensos. “O território é um condomínio de interesses.” O urbanista, antigo vice-presidente da CCDR Algarve, sintetizou: “Todos perdem um pouco, para que todos ganhem.”

O novo proprietário, Daniel Estácio dos Santos, questionado pelo PÚBLICO, lamenta-se: “Temos a maior área para urbanizar e, desde a compra pelo meu pai [há 25 anos], só tem sido gastar dinheiro com advogados e arquitectos. Há pessoas que, em Portugal, fazem tudo em menos de nada. Nós, infelizmente, não.” A empresa que dirige, além da agricultura de regadio, no Alentejo, dispõe ainda de terrenos urbanizáveis, em Beja, Lagoa e Silves, para além de Aljezur.

Imobiliário

Pressão tem aumentado na Costa Vicentina

Idálio Revez

Vale da Telha foi o caso mais dramático de uma ameaça que começava a pender sobre o que alguns chamavam “a última costa selvagem da Europa”. Como então se adivinhava, a pressão não parou, antes aumentou ao longo dos anos. Não faltava quem quisesse reproduzir ali o que se tinha feito no Sul da costa algarvia, embora as praias não tivessem as mesmas condições. A criação do Parque Natural estancou um pouco a torrente, mas têm sido muitos os saltos dados por cima das barreiras, tendo os núcleos urbanos crescido exponencialmente, como é o caso de Porto Covo (Sines), Milfontes (Odemira) ou Arrifana (Aljezur).

O vereador António Carvalho reconhece que a “pressão” é grande, um pouco por toda a região. Os preços do imobiliário têm disparado. A costa do Sudoeste Alentejo e Costa Vicentina, ainda que esteja longe das grandes enchentes de Armação de Pêra, Albufeira ou Quarteira, começa a trilhar as veredas da massificação.

O Vale da Telha, por se situar dentro do Parque Natural do Sudoeste Alentejano – mas, sobretudo, por causa da interrupção do projecto de Sousa Cintra –, ainda é um sítio relativamente tranquilo. “Estima-se que cerca de 30% das habitações estejam ocupadas com residentes permanentes, verificando-se um crescente número de nómadas digitais”, adianta o vereador. Quando se olha para o estado de degradação das ruas e envolvente, choca-se de frente com a realidade, ditada pelos tropeções que o empreendimento deu, desde as ilegalidades cometidas à falta de infra-estruturação. As vicissitudes do Vale da Telha prosseguem nos dias de hoje: construiu-se uma Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR), um investimento público de cinco milhões, mas o equipamento está subaproveitado por falta de ligações. O projecto foi concebido para servir uma população de 12.670 habitantes, distribuída por Vale da Telha, Monte Clérigo, Espartal e Arrifana, mas só recebe os efluentes desta última localidade, com menos de mil habitantes.

No Espartal, duas urbanizações, com alvarás emitidos na década de 1980, somam 40 hectares, mas os seus esgotos drenam para uma fossa colectiva. Com o aumento da área construída, a solução revelou-se ineficaz. Além disso, previa-se construção em cima de zonas protegidas.

O município anunciou, recentemente, que tinha chegado a acordo com o promotor, a empresa Algarve Dois, para proceder ao “reparcelamento da área, com eliminação de 37 lotes na costa adjacente à ribeira de Aljezur [crista da arriba]”. No entanto, tal como foi apresentado para o Vale da Telha, o Plano de Pormenor prevê a “compensação dos proprietários individuais afectados pela mudança” através de uma bolsa de lotes da autarquia. O empreendedor ficará com a responsabilidade de pagar a obra da ligação dos esgotos à ETAR do Vale da Telha, que terá um custo entre os três milhões e os cinco milhões de euros.

O projecto de execução já recebeu parecer favorável da empresa Águas do Algarve.

RUI GAUDÊNCIO


Há muito apetite imobiliário para este litoral

Gaza pressiona os democratas, dentro e fora da convenção

Manifestação pró-palestiniana às portas da convenção democrata inaugura semana tensa em Chicago. Partido faz cedências limitadas a “delegados pelo cessar-fogo”

Reportagem

Pedro Guerreiro, em Chicago

“A resistência armada é a única resposta. Acabem com Israel. Apoiem o Hamas.” O autor deste cartaz desafia o estereótipo do jovem activista radicalizado. Michael Rabb tem 73 anos, cabelo e bigode grisalhos, aspecto franzino, e é um veterano de guerra norte-americano que veio de Boulder, no Colorado, até ao exterior do perímetro de segurança da convenção do Partido Democrata em Chicago, que arrancou ontem.

É também um veterano de conflitos com a lei devido ao carácter extremista e provocatório das suas posições. Rabb, com quem o PÚBLICO falou na preparação do protesto pró-palestiniano de ontem, conta-nos com orgulho que foi detido no Reino Unido semanas depois dos ataques do Hamas contra Israel, a 7 de Outubro, que vitimaram mais de um milhar de pessoas e tornaram outras centenas reféns, a maioria civis. Exibia na altura, em Sheffield, outro cartaz de apoio à organização terrorista. Longe da vasta latitude da protecção constitucional norte-americana à liberdade de expressão, o antigo militar acabou condenado por um tribunal inglês a uma pena de multa por “um acto legítimo de desobediência civil”, argumenta. E recusou pagá-la.

O cartaz de Rabb destoa da grande maioria das cartolinas, tarjas e bandeiras exibidas ontem por milhares de manifestantes pró-palestinianos em Union Park, nas imediações do United Center, o pavilhão onde jogam os Chicago Bulls e onde os democratas se reúnem esta semana, separados por barreiras de betão e aço e milhares de agentes da polícia, serviços secretos e várias agências federais de segurança, com a Guarda Nacional colocada em estado de prontidão pelo governador do Illinois, o democrata J.B. Pritzker.

Uma larga maioria dos manifestantes pede apenas um cessar-fogo imediato em Gaza, onde mais de 40 mil pessoas foram mortas em dez meses de retaliação brutal do Exército israelita, e condena o apoio da Administração Biden ao Governo de Benjamin Netanyahu, exigindo ainda um embargo de armas. A organização da manifestação pede que o dinheiro norte-americano injectado em Israel seja investido antes nos Estados Unidos, na saúde, educação, habitação e ambiente. Ao lado, uma pequena contra-manifestação de apoiantes de Israel decorre sob forte protecção policial.

Troca não serena críticas

Mas os escritos de teor extremista, com a palavra “sionista” a ser usada frequentemente como mero sinónimo de “israelita” ou mesmo de “judeu”, surgem de forma pontual em Chicago. E de forma mais generalizada surgem insultos aos democratas. Se o Presidente dos Estados Unidos é “Joe Genocida” em vários cartazes, e mesmo no manifesto da March on the DNC, a coligação organizadora da semana de protestos pró-palestinianos na cidade anfitriã da convenção, a sua “vice”, a nova candidata presidencial dos democratas, é “*Killer Kamala*” (“Kamala Assassina”).

Nem a troca de candidato dos democratas, nem os esforços diplomáticos de Washington, redobrados nas últimas semanas perante a ameaça de um ataque em larga escala por parte do Irão a Israel, apaziguaram as críticas e as exigências da coligação pró-palestiniana presente em Chicago. E tanto no seio como na periferia dessa coligação há grupos anti-imperialistas e anticapitalistas apostados em paralisar a cidade e a reunião das democratas. Organizam-se através de plataformas de mensagens como o Telegram, onde são distribuídos manuais de ocupação de edifícios e de confronto com agentes da autoridade.

Um desses grupos, chamado “Behind the Enemy Lines” (Atrás das Linhas do Inimigo), defende que os manifestantes devem “assumir riscos” esta semana, apelando a uma repetição dos distúrbios de 1968, quando activistas contra a guerra do Vietname cercaram a convenção dos democratas, também em Chicago, sendo depois brutalmente reprimidos pela polícia.

“Se os protestos não desafiarem a convenção, se forem os protestos habituais, com uma litania de discursos entediantes e uma manada de gado escoltada pela ‘polícia da paz’ e pela polícia verdadeira, se as pessoas derem prioridade à sua própria segurança e não aos povos do mundo, então o protesto será uma vitória para a Kamala Assassina”, lê-se numa das publicações do grupo, um entre vários que têm anunciado outros actos de protesto para o resto da semana, incluindo um cerco ao consulado israelita de Chicago marcado para hoje. Até ao fecho desta edição, não havia registo de distúrbios.

Delegados pressionam

A poucos minutos do Union Park, mas afastados da retórica extremista, 30 delegados eleitos nas primárias democratas como “descomprometidos”, sem mandato para apoiar um determinado candidato, na altura em protesto contra Biden e o apoio do Governo a Israel, reuniram-se na noite de domingo para alinhar a sua estratégia em torno de uma exigência-chave para a convenção: a inclusão de um cessar-fogo imediato em Gaza na base do programa eleitoral que sairá de Chicago.

Com réplicas do tradicional lenço árabe, o *keffiyeh*, com a inscrição “democratas pelos direitos dos palestinianos” e com crachás a dizer “delegados pelo cessar-fogo”, juntavam-se a estes 30 delegados, eleitos sobretudo no Michigan e no Minnesota, que são estados com uma minoria muçulmana significativa, cerca de uma centena de outros delegados que declaram o seu apoio a Harris, mas que alinham com os “descomprometidos” na exigência de uma trégua em Gaza. Ao PÚBLICO um delegado eleito pelo Texas, e que apoia Harris, admitiu que o objectivo secundário do grupo, “mais realista”, é “fazer as pessoas discutir o cessar-fogo durante a convenção”.



SHAWN THEW/EPA



Manifestantes pró-Palestina junto à convenção onde Kamala será designada como candidata

Nem a troca de candidato, apaziguou as críticas e exigências da coligação pró-palestiniana presente em Chicago

MARCO BELLO/REUTERS



Na segunda-feira, o movimento alcançou a sua primeira vitória, com a organização da convenção a anunciar um painel de discussão em torno dos direitos palestinianos. A exigência de uma referência explícita a um cessar-fogo, bem como um pedido do grupo para dois activistas pró-palestinianos discursarem no palco principal do encontro dos democratas, continuava a aguardar resposta. O movimento encontra-se em minoria na reunião democrata, onde estão presentes cerca de 4000 delegados, a esmagadora maioria em apoio de Harris. A pequena ala pró-palestiniana reconhece que a vice-presidente tem-se mostrado mais "empática" e "aberta" do que Biden face aos seus apelos, mas ainda espera por sinais concretos de uma mudança de atitude em relação a Israel.

Shapiro nega anti-semitismo

A campanha de Harris opera num delicado equilíbrio entre os compromissos de décadas de Washington face a Israel e a divisão do eleitorado em relação à mais recente fase aguda da longa crise do Médio Oriente. Segundo uma sondagem da Gallup publicada em Julho, 48% dos norte-americanos não apoiam a ofensiva israelita em Gaza, contra 42% que apoiam. No inquérito anterior, realizado em Março, a oposição à ofensiva era mesmo maioritária (55%).

A campanha republicana tem tentado explorar as acusações de anti-semitismo no campo democrata suscitadas por protestos como os de segunda-feira, pela presença de vozes e de delegados pró-palestinianos na convenção de Chicago, e até pela escolha de Tim Walz para candidato a "vice", em detrimento do governador da Pensilvânia, Josh Shapiro. "Harris rejeitou-o, porque é judeu", acusou o candidato republicano Donald Trump no sábado, num comício no estado de Shapiro, outro na lista daqueles onde a vitória é praticamente obrigatória para a conquista da Casa Branca.

O governador, a quem são atribuídas aspirações políticas mais altas, negou ontem a acusação em Chicago: "Trump é a pessoa menos credível para se ouvir em relação a preconceitos e certamente em relação a anti-semitismo. Este foi o tipo que depois de Charlottesville, quando tipos com fachos andaram a dizer 'Os judeus não nos vão substituir', disse literalmente que 'há pessoas boas dos dois lados'."

Trégua em Gaza

Blinken diz que Netanyahu concorda com a proposta de cessar-fogo dos mediadores

Leonete Botelho e Ivo Neto

Chefe da diplomacia norte-americana diz que esta pode ser a "última oportunidade" para tréguas na região

O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, e o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, estiveram ontem reunidos mais de três horas em Telavive, numa conversa considerada "positiva e conduzida com bom espírito", segundo um comunicado do gabinete do governante de Israel. Mais tarde, foi o próprio responsável norte-americano a confirmar os dados positivos da reunião. "Num encontro muito construtivo com o primeiro-ministro Netanyahu, hoje [ontem], confirmou-me que Israel aceita a proposta dos mediadores [para cessar-fogo em Gaza]", disse Blinken aos jornalistas em Telavive, desafinado o Hamas a dar o passo em frente rumo à trégua.

Um porta-voz de Netanyahu confirmou também, ao jornal *The New York Times*, que o primeiro-ministro tinha dito a Blinken que Israel concordava com a proposta apresentada na semana passada por mediadores americanos, egípcios e do Qatar, numa tentativa de encontrar uma fórmula que pudesse pôr termo aos combates e evitar uma guerra regional mais vasta. A proposta destina-se a colmatar as lacunas que subsistem entre Israel e o Hamas em várias questões críticas, após meses de impasse. Segundo já tinha informado no domingo o porta-voz do secretário de Estado dos EUA Vedant Patel, as negociações em curso passam pela tentativa de libertação de reféns pelo Hamas em troca de prisioneiros palestinianos. Quanto ao resto da proposta, pouco ou nada se sabe.

Não houve, até ao fecho desta edição, qualquer reacção do Hamas ao encontro de Blinken com as autoridades israelitas. Mas no domingo, horas depois da chegada de Blinken a Israel, o Hamas — que não está a participar directamente nas negociações, mas tem sido consultado — declarou que considera o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, responsável por "frustrar os esforços dos mediadores", atrasando um acordo e expondo os reféns israelitas em Gaza à mesma agressão que os palestinianos enfrentam. O grupo islamista instou os países mediadores — EUA, Egipto e Qatar — a obrigarem Israel a aplicar o que foi acordado anteriormente, "para que as negociações não entrem num círculo vicioso".

"Momento decisivo"

De manhã, quando se reuniu com o Presidente israelita, Isaac Herzog, o chefe da diplomacia dos EUA tinha considerado que "esta pode ser a última oportunidade" de alcançar um acordo de cessar-fogo entre Israel e o Hamas em Gaza. "Este é um momento decisivo, esta pode ser a melhor, a última oportunidade de trazer os reféns para casa, de obter um cessar-fogo e de pôr todos na via da paz e da segurança duradouras", afirmou Blinken.

"Estou aqui como parte de um esforço diplomático intensivo sob as instruções do Presidente Biden para tentar fazer com que este acordo chegue a um ponto de entendimento e, em última análise, que o ultrapasse... É tempo de todos chegarem ao sim e não procurarem desculpas para dizer não", acrescentou.

> **Esta pode ser a melhor, a última oportunidade de trazer os reféns para casa e de obter um cessar-fogo**
>
> **Antony Blinken**
> Secretário de Estado dos EUA

Antony Blinken esteve ontem em Telavive a mediar acordo

Blinken chegou no domingo à noite a Israel, pela nona vez desde o início da guerra na Faixa de Gaza a 7 de Outubro, agora durante uma ronda de negociações para um cessar-fogo que começou em Doha, capital do Qatar, na quinta-feira passada. Hoje deve seguir para o Egipto, onde esta semana prosseguem as conversações.

Apesar das negociações para um cessar-fogo estarem a decorrer, a violência continuou ininterruptamente em Gaza no domingo e já nesta segunda-feira, segundo escreve a Reuters, morreram pelo menos 30 pessoas.

O Hamas também confirmou a autoria de um atentado terrorista em Telavive, o que já não acontecia há muito tempo, sem, no entanto, conseguir provocar grandes danos. No domingo à noite, um bombista suicida fez-se explodir cerca de uma hora depois de Antony Blinken ter aterrado na cidade, mas apenas causou a sua própria morte e ferimentos num transeunte. O objectivo não seria esse, mas sim que a explosão tivesse ocorrido num local mais movimentado, de forma a causar vítimas civis israelitas, segundo foi avançado por diversas fontes.

O atentado falhado foi ontem reivindicado pelas Brigadas Al-Qassam, do Hamas, que conduziram a operação em cooperação com o braço armado do movimento Jihad Islâmica, as Brigadas Al-Quds. Quase ao mesmo tempo, a polícia e os serviços de informação interna (Shin Bet) emitiram uma declaração conjunta confirmando que a explosão "foi um ataque terrorista".

Corrida contra o tempo

A urgência em chegar a um acordo de cessar-fogo é cada vez maior, devido aos receios de uma escalada na região. O Irão ameaçou retaliar contra Israel após o assassinato do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerão, a 31 de Julho.

O principal diplomata norte-americano também voltou a mencionar a preocupação dos EUA com uma nova escalada no conflito. "É também altura de garantir que ninguém dá passos que possam fazer descarrilar este processo, e por isso estamos a trabalhar para garantir que não há escalada, que não há provocações", acrescentou Blinken.

ENCONTROS COM FUTURO

TALK

QUAL O FUTURO DO ESG?

Com o propósito de promover o debate e a reflexão sobre a Sustentabilidade, o PÚBLICO e a REN organizam um ciclo de três talks em torno dos pilares do ESG. Nesta 2ª edição dos **Encontros com Futuro**, o objectivo é dar continuidade ao debate iniciado em 2023 e levar a discussão até outro nível.

INSCRIÇÕES OBRIGATÓRIAS AQUI

SIGA O QRCODE ATRAVÉS DO SEU SMARTPHONE



 16 de Setembro

 Centro Cultural de Belém, Lisboa

QUAL O FUTURO DO ESG?

Nos últimos meses, muito se tem discutido sobre a evolução e o futuro do ESG. Nesse sentido, o primeiro encontro deste ciclo deverá incidir sobre esse tema – o futuro do ESG. Neste primeiro evento, será ainda desenvolvido um breve resumo das conclusões e ideias da edição de 2023, que servirão de mote ao debate.



JORGE MOREIRA DA SILVA
DIRECTOR-EXECUTIVO DO ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA SERVIÇOS DE PROJECTOS (UNOPS), SUBSECRETÁRIO-GERAL ONU
KEYNOTE SPEAKER



PEDRO CRUZ
ESG COORDINATOR PARTNER DA KPMG
COMENTÁRIO

9H00 RECEPÇÃO
9H30 INTRO 2ª edição Encontros com Futuro - **Fernanda Freitas**
9H45 KEYNOTE SPEAKER
Jorge Moreira da Silva, Director-executivo do Escritório das Nações Unidas para Serviços de Projectos (UNOPS), ex-ministro do Ambiente e da Energia
10H15 COMENTÁRIO
Pedro Cruz, ESG Coordinator Partner da KPMG
10H30 COFFEE BREAK
10H45 DEBATE
Filipa Pantaleão, Secretária-geral BCSD Portugal
André Themudo, responsável de Portugal para BlackRock
Representante EIB*
12H15 ENCERRAMENTO

Moderação: **Fernanda Freitas**

* NOME A CONFIRMAR

CONFIRME A SUA PRESENÇA PARA O E-MAIL: EVENTOS@PUBLICO.PT

TALK

RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL COM PESO E MEDIDA

 17 de Setembro

 Centro Cultural de Belém, Lisboa

RESPONSABILIDADE SOCIAL E AMBIENTAL COM PESO E MEDIDA

Este painel tem como foco os indicadores Social e Ambiental, com o intuito de no debate cruzar diferentes perspectivas de inovação, formação para empresas e projectos que impactem directamente os cidadãos. O painel também irá abordar temas como a regulamentação da União Europeia para estas disciplinas, a avaliação de objectivos mensuráveis e realistas, assim como o *greenwashing*.



MARIA JOSÉ FERREIRA
DIRECTORA DE INVESTIGAÇÃO DO CENTRO TECNOLÓGICO DO CALÇADO DE PORTUGAL (CTCP)
KEYNOTE SPEAKER



RICK RIDGEWAY
MONTANHISTA, AMBIENTALISTA, EX-PATAGONIA
COMENTÁRIO ESPECIAL

9H00 RECEPÇÃO
9H30 KEYNOTE SPEAKER
Maria José Ferreira, Directora de Investigação do Centro Tecnológico do Calçado de Portugal (CTCP)
10H00 COMENTÁRIO
Duarte Cordeiro, Partner da consultora de sustentabilidade Shiftify, ex-ministro do Ambiente e Acção Climática
10H15 COMENTÁRIO ESPECIAL
Rick Ridgeway, Montanhista, ambientalista, ex-Patagonia
10H30 COFFEE BREAK
10H45 DEBATE
Mariana Banazol, Too Good to Go
Inês Oom de Sousa, Fundação Santander
João Pedro Neto, Thingle
12H15 ENCERRAMENTO

Moderação: **Fernanda Freitas**

TALK

SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA: O FUTURO É CIRCULAR?

 25 de Setembro

 Fundação de Serralves, Porto

SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA: O FUTURO É CIRCULAR?

Dia Nacional da Sustentabilidade
Numa perspectiva mais ampla do ESG, olhamos para a sustentabilidade corporativa e avaliamos o papel essencial e transversal da economia circular no ESG.



FIONN FERREIRA
EMPREENDEDOR, FORBES 30 UNDER 30
KEYNOTE SPEAKER



MAFALDA SARMENTO
INVESTIGADORA DA ÁREA DA SUSTENTABILIDADE, UCP
COMENTÁRIO

9H00 RECEPÇÃO
9H30 KEYNOTE SPEAKER
Fionn Ferreira, Empreendedor, Forbes 30 under 30
10H00 COMENTÁRIO
Mafalda Sarmento, Investigadora da área da Sustentabilidade, UCP
10H15 COFFEE BREAK
10H30 DEBATE
Pedro Norton de Matos, Founder Greenfest , Bluefest Portugal and Academia G
Alice Khouri, Head of Legal Helexia Portugal. Fundadora Women in ESG Portugal
Bruno Esgalhado, Partner at McKinsey & Company
12H00 ENCERRAMENTO

Moderação: **David Pontes,** director do PÚBLICO

ORGANIZAÇÃO



Zelensky quer “zona-tampão” em Kursk para acabar com a guerra

André Certã

Ofensiva das últimas semanas pode colocar Kiev numa posição de força para eventuais negocicações para o fim das hostilidades

O Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, disse no domingo que o país tinha como principal objectivo a criação de uma “zona-tampão” entre a Ucrânia e a Rússia na zona de Kursk de forma a tentar enfraquecer o potencial de guerra da Rússia e forçar o fim da guerra.

“Actualmente, a nossa principal tarefa nas operações defensivas em geral é destruir o máximo possível o potencial de guerra russo e conduzir o máximo de acções contra-ofensivas. Isto inclui a criação de uma zona tampão no território do agressor”, afirmou Zelensky, acrescentando que a criação desta “zona” estava a ser feita através da “operação na região de Kursk”, que se iniciou com a incursão de forças ucranianas a 6 de Agosto.

Ainda ontem, o Presidente ucraniano escreveu na rede social Telegram que as tropas ucranianas no terreno em Kursk estavam a “atingir os objectivos”, anunciando a captura de mais prisioneiros de guerra russos para o “fundo de troca” de prisioneiros.

A Ucrânia continuou, entretanto, a atingir alvos dentro da Rússia, danificando uma terceira ponte na região de Kursk sobre o rio Seim, que atravessa a região, algo confirmado pelas autoridades russas.

“A 18 de Agosto, como resultado de bombardeamentos direccionados com o uso de *rockets* e armas de artilharia contra edifícios residenciais e infra-estrutura civil na vila de Karyzh… uma terceira ponte sobre o rio Seim foi danificada”, disse à Reuters um representante do Comité de Investigação russo.

Segundo o Ministério das Emergências russo, citado pela agência russa TASS, a incursão ucraniana já levou também a saída de mais de 121.000 pessoas da região.

Na passada sexta-feira, Mykhailo Podolyak, conselheiro de Zelensky, defendeu a ofensiva ucraniana em Kursk como uma ferramenta para levar a Rússia a ser obrigada a negociar a paz, infligindo “derrotas tácticas” às forças russas.

Mudança de jogo

Segundo escreve a analista Natalia Gumenyuk na revista *Foreign Affairs*, esta ofensiva da Ucrânia na Rússia vira o jogo e dá agora outra perspectiva a quem pretende um cessar-fogo: põe a Ucrânia numa posição de força para negociar esse fim das hostilidades.

GEORGE IVANCHENKO/EPA



Incursão ucraniana em Kursk avança já para a terceira semana

“Os ucranianos receiam que os parceiros ocidentais de Kiev podem, um dia, forçá-los a aceitar uma ocupação russa mais permanente do seu território no interesse de acabar com a guerra”, escreve a analista, que sublinha que a Ucrânia não pretende só desgastar os invasores russos mas também danificar o máximo possível a economia russa.

Em Junho, o Presidente ucraniano foi uma das principais figuras que incentivaram a realização de umas primeiras conversações de paz com 92 países, mas sem a Rússia e sem a China. Já em Julho, Zelensky disse ser “favorável” à participação russa numa futura conferência de paz, a ser realizada em Novembro deste ano.

No entanto, a resposta russa depois desta invasão é muito clara. O assessor do Presidente da Rússia Yuri Ushakov declarou que a Rússia não está ainda pronta para entrar em conversações de paz.

“Nesta fase, nesta fase desta aventura [referindo-se à incursão em Kursk], não vamos discutir”, afirmou Ushakov, que já foi embaixador da Rússia nos Estados Unidos.

Segundo o *New York Times*, que cita sob anonimato dois assessores presidenciais russos, as possibilidades de a Rússia entrar em conversações de paz são agora mais remotas do que nunca, tendo um deles dito que o foco de Putin agora estava na “vingança, não na paz”.

França Insubmissa ameaça tentar destituir Macron se não nomear candidata da esquerda

André Certã

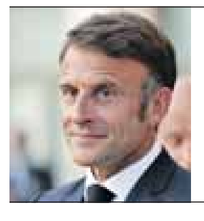
A França Insubmissa, partido de esquerda que compõe a coligação vencedora das eleições legislativas da Nova Frente Popular (NFP), ameaçou destituir o Presidente francês, Emmanuel Macron, caso o chefe de Estado não nomeie a candidata apontada pela NFP, Lucie Castets, numa semana em que devem arrancar as negociações lançadas por Macron para a liderança do Governo.

Um texto assinado por figuras centrais do partido, incluindo Jean-Luc Mélenchon, Manuel Bompard e Mathilde Panot, publicado no sábado no jornal *La Tribune de Dimanche*, afirma que Macron violaria os deveres institucionais do cargo de Presidente da República se não nomeasse a candidata da Nova Frente Popular, invocando o artigo 68.º da Constituição francesa, que diz que é motivo de destituição o “incumprimento de um dever manifestamente incompatível com o exercício das suas funções”, no qual os líderes partidários consideram estar a recusa de nomear alguém designado pelo vencedor de umas eleições.

Adiadas por Macron para depois dos Jogos Olímpicos de Paris, as negociações para a formação de um novo governo têm estado paralisadas desde a demissão do anterior primeiro-ministro, Gabriel Attal, no fim de Julho.

“O Presidente da República não é um monarca com direito de veto suspensivo sobre o resultado de uma votação democrática”, escreveram os signatários do texto. À rádio francesa RTL, Manuel Bompard, coordenador do grupo parlamentar do França Insubmissa, confirmou que a ameaça publicada era um “aviso”, “uma possibilidade credível” e que, caso Macron não nomeasse a candidata da união das esquerdas Lucie Castets, iam utilizar “os meios constitucionais” à disposição para os “derrubar”.

À TF1, a deputada da França Insubmissa Aurélie Trouvé demonstrou o apoio à medida apontada pelo seu partido, pelo facto de, segundo a mesma, se estar “no meio de uma deriva autocrática do chefe de Estado”. Apesar do destaque dado à França Insubmissa, as outras forças da Nova Frente Popular já se demarcaram das intenções da liderança da França Insubmissa, incluindo a própria candidata a ocupar o Hotel Matignon (residência oficial do primeiro-ministro), Lucie Castets.



As negociações para a formação do Governo vão recomeçar esta semana, lideradas por Macron

“O nosso objectivo deve ser a censura do Governo [que não seja de esquerda] e não a destituição [do Presidente]”, afirmou ontem Castets à televisão francesa BFM, sublinhando que, no entanto, “é urgente sairmos do imobilismo” e que deve ser o bloco partidário vencedor nas eleições legislativas que terminaram no passado dia 7 de Julho que deve governar.

ONU condena mortos entre trabalhadores humanitários

Mais de metade (163) das mortes de trabalhadores humanitários aconteceu na guerra na Faixa de Gaza

A Organização das Nações Unidas (ONU) condenou ontem a violência contra trabalhadores humanitários, 280 dos quais foram mortos em todo o mundo em 2023, um recorde influenciado pela guerra em Gaza que pode ser batido este ano.

“A normalização da violência contra os trabalhadores humanitários e o facto de ninguém ser responsabilizado é inaceitável, inadmissível e extremamente perigoso para as operações humanitárias em todo o mundo”, denunciou a chefe interina do Gabinete de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), Joyce Msuya, de acordo com um comunicado de imprensa por ocasião do Dia Mundial da Ajuda Humanitária.

“Com 280 trabalhadores humanitários mortos em 33 países no ano passado, 2023 foi o ano mais mortífero de que há registo para a comunidade humanitária internacional”, com um aumento de 137% em relação a 2022 (118 mortos), refere o OCHA em comunicado, com base nos números da Aid Worker Security Database (banco de dados de segurança do trabalhador humanitário).

De acordo com estes dados, em 2023 mais de metade (163) das mortes de trabalhadores humanitários aconteceu em Gaza, durante os primeiros três meses da guerra entre Israel e o movimento islamista Hamas, principalmente em ataques aéreos.

O Sudão do Sul, atingido pela violência civil e intercomunitária, e o vizinho Sudão, onde uma guerra entre dois generais rivais se arrasta desde Abril de 2023, foram os dois outros conflitos mais mortíferos para os trabalhadores humanitários, com 34 e 25 mortes, respectivamente.

Israel e a Síria (com sete mortes cada um) a Etiópia e a Ucrânia (seis cada um), a Somália (cinco) e a República Democrática do Congo e Myanmar (quatro cada um), completam os dez primeiros lugares.

Se as 280 mortes registadas em 2023 já representam um “número escandaloso”, 2024 “pode muito bem estar a caminho de um resultado ainda mais mortífero”, alerta a ONU.

Segundo a Aid Worker Security Database, 176 trabalhadores humanitários foram mortos entre 1 de Janeiro e 9 de Agosto de 2024 – 121 dos quais nos territórios palestinianos. **Lusa**

Medida em vigor em Espanha aplica-se aos 0,5% mais ricos do país **Economia**

Imposto sobre super-ricos de Portugal valeria 3600 milhões ao Estado

Estudo internacional pega no caso espanhol, retira as "generosas isenções" (como barcos) e faz contas para 172 países, incluindo Portugal. Conclusão: 42 mil contribuintes dariam mais 6,6% de receita fiscal

Victor Ferreira

Se Portugal aplicasse um imposto especial sobre as maiores fortunas, tal como se faz em Espanha desde o final de 2022, arrecadaria mais 6,6% de receita fiscal para os cofres do Estado. As contas são de dois especialistas em economia e finanças num estudo internacional apresentado ontem, semanas depois de o G20 ter sido desafiado a discutir a subida de impostos sobre os super-ricos.

Os autores recorreram aos dados de 2022 para 172 países, estimando que o modelo espanhol, aplicável aos 0,5% mais ricos do país, abrangeria 41.941 contribuintes em Portugal, o que resultaria num encaixe adicional de mais 3600 milhões de euros, por ano, com um imposto sobre património, em comparação com os 17 mil milhões arrecadados pelo Estado no IRS, um imposto sobre o rendimento.

O modelo espanhol do Imposto Solidário sobre Grandes Fortunas (ISGF) entrou em vigor em Dezembro de 2022, por iniciativa do Governo liderado pelo socialista Pedro Sánchez. Na altura, foi apresentada como uma medida transitória, para 2022 e 2023, com o argumento de que uma maior arrecadação de receita fiscal junto dos mais ricos era mais do que justificada pela pressão orçamental em tempos de crise energética e de inflação alta.

Os dois autores do estudo, feito sob a égide da organização não-governamental Tax Justice Network (TJN), sediada no Reino Unido, pegaram no exemplo espanhol e tentaram perceber o que aconteceria se ele fosse generalizado a 172 países. "É um exemplo recente, o que o torna relevante, mas não há uma razão forte que o torne único ou que faça dele o melhor", explica um dos autores, Miroslav Palanski, professor assistente na Universidade Carlos, de Praga, que chefia o núcleo de investigação da TJN e assina em co-autoria com Alison Schultz, doutorada em Finanças pela Universidade de Mannheim, na Alemanha.

"Apesar de tudo, o exemplo espanhol é o de um imposto relativamente progressivo e os limites são muito altos, o que o distingue de outros que são aplicados por outros países", prossegue Palanski, em declarações ao PÚBLICO.

EVELYN HOCKSTEIN/REUTERS



ERIC GAILLARD/REUTERS



As "generosas isenções" previstas em Espanha abrangem jóias, barcos e aparelhos de aviação, tal como obras de arte ou acções de empresas cotadas em bolsa

No total, 3% da riqueza está nas mãos de 50% da população, os 0,5% mais ricos detêm 25,7% da riqueza

O estudo não se mete no destino a dar ao dinheiro. "A nossa preocupação foi a de nos focarmos em pensar como taxar a riqueza de uma forma correcta e não em como gastar o dinheiro", justifica. Também por isso os dois investigadores usaram o modelo espanhol apenas como uma base de trabalho, retirando-lhe as "generosas isenções".

Orçamentos maiores

Globalmente, as contas resultam em números gigantes: os orçamentos nacionais dos 172 países incluídos no estudo ganhariam 7,2% de receita fiscal, mais 1900 biliões de euros. O estudo destaca ainda que, em média, apenas 3% de toda a riqueza está nas mãos de 50% da população, ao passo que os 0,5% mais ricos controlam 25,7% da riqueza. A consequência disso é "insegurança económica" e "perda de produtividade económica", além de "perdas sociais como pior desempenho educativo e esperança de vida mais curta".

A TJN advoga o fim desta discrepância fiscal, que permite que os milionários paguem taxas de imposto muito mais baixas do que o resto da sociedade, ao mesmo tempo que amealham mais fortuna ao dobro da velocidade. "Isto contribuiu para que a riqueza de 0,0001% da população quadruplicasse desde 1987". Paradoxalmente, "o mundo não se sente mais rico hoje, apesar de haver mais riqueza do que nunca", salienta Mark Bou Mansour, da TJN.

O modelo espanhol começou como um imposto transitório, para vigorar até 2023. Porém, no final do ano passado, decidiu-se que vai ficar em vigor por tempo indeterminado, até que se avance com a reforma geral da tributação patrimonial em Espanha. Na prática, as fortunas em Espanha até três milhões estão isentas. Tudo o que exceda esse valor, até aos 5,3 milhões, paga 1,7% de ISGF. Entre 5,3 e 10,6 milhões, a taxa sobe para os 2,1% e tudo o que fica acima de 10,6 milhões está sujeito a uma taxa de 3,5%. Em 2023, esta receita permitiu um encaixe extraordinário de 623 milhões de euros, pago por 12.010 contribuintes.

Embora se mantenha uma lógica de progressividade, esta é prejudicada pelas "generosas isenções", segundo Palanski e Schultz. Estas abrangem jóias, barcos e aparelhos de aviação, tal como obras de arte (em certas situações), direitos de propriedade intelectual e industrial ou acções de empresas cotadas em bolsa, especialmente se o contribuinte controlar grande parte do capital dessas empresas ou se estiver envolvido directamente na gestão desses negócios. Significa que nada disto é levado em conta para calcular o valor das grandes fortunas.

"Estas isenções não só são injustas, como também favorecem certas formas de riqueza sobre outras, sendo ainda altamente ineficientes. Pessoas muito ricas podem facilmente guardar a riqueza em classes de activos isentos e evitar assim a tributação", apontam os dois autores no relatório. Por isso, o estudo feito para a TJN advoga uma única isenção, apenas para as fortunas grandes que ficam abaixo do limiar de riqueza de 0,5% dos mais ricos de cada país.

Limiar em Portugal

No caso português, este limiar é de 2,59 milhões de euros. Tudo o que excedesse este montante, até aos 6,11 milhões de euros, que é o limiar seguinte, estaria sujeito à taxa de 1,7%. Já uma fortuna entre os 6,11 milhões e os 9,9 milhões (que faria do seu dono um dos 0,1% mais ricos do país) pagaria 2,1%. E os 0,05% mais ricos de Portugal, com fortunas acima de 9,9 milhões de euros, pagariam a taxa máxima, de 3,5%.

Aplicando estas contas à realidade fiscal de 2022, os dois autores chegam à conclusão de que o Estado português teria arrecadado os tais 3600 milhões. Um valor que baixaria ligeiramente, num cenário em que alguma dessa grande fortuna poderia sair para países onde esse imposto não exista. Palanski frisa que, mesmo assim, ajustaram as contas para todos os países, levando em conta esta alteração comportamental, ainda que haja dados a apontar para uma "emigração" residual.

A crise passou mas a tarifa regulada do gás natural ainda é a mais barata

Ana Brito

Nenhum comercializador de gás natural tem preços mais baixos do que os que são praticados no mercado regulado

Passaram os momentos de pico de preços causados pela crise energética de 2022, mas a normalização dos mercados internacionais ainda não é suficiente para que os comercializadores de gás natural consigam propor às famílias preços mais competitivos do que a tarifa regulada.

O boletim das ofertas comerciais de gás natural relativo ao terceiro trimestre, em que a Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos (ERSE) compara os tarifários do segmento residencial propostos pelos diferentes fornecedores, indica mesmo que, para este terceiro trimestre, a diferença entre a tarifa regulada e as ofertas em mercado voltou a aumentar.

Isto, porque o preço regulado ainda beneficia das condições acordadas no contrato de longo prazo estabelecido pela Galp com a Nigeria LNG, ao contrário dos fornecimentos dos comercializadores em mercado, que são mais sensíveis ao desempenho dos mercados grossistas.

Assim, e de acordo com os dados existentes no simulador de ofertas comerciais da ERSE, na segunda semana de Agosto, "entre os 11 comercializadores com ofertas de gás e os sete comercializadores com ofertas duais [gás e electricidade num mesmo contrato], nenhum deles tinha condições mais competitivas do que a tarifa regulada, que resulta numa factura média de 14,78 euros/mês para famílias de duas pessoas, ou de 28,08 euros, para uma família de quatro.

Segundo a entidade reguladora, até ao segundo trimestre deste ano, "o diferencial entre a oferta de gás de menor valor [no mercado livre] e a tarifa regulada diminuiu". Mas, no terceiro trimestre, a diferença entre as melhores ofertas do mercado livre e a tarifa regulada "volta a aumentar, apresentando estas ofertas de gás uma factura mensal superior à tarifa regulada".

De acordo com a análise, a Galp tem a oferta comercial mais baixa do mercado liberalizado (Galp & Continente Gás Natural), seja para famílias de duas ou de quatro pessoas, nos 17,13 euros e 33,25 euros, respectivamente (embora se trate de uma oferta condicionada, pois está sujeita aos termos de uma parceria entre a Galp e o Continente).

No caso do consumo de um casal sem filhos, a EDP tem o segundo preço mais competitivo (indexado aos preços do mercado grossista do gás), de 17,55 euros/mês. Segue-se a Dourogás, cuja factura pode ser de 17,70 euros, embora já se trate de um tarifário padrão, sem quaisquer condições. Nos consumos médios das famílias de quatro pessoas, a ordem inverte-se: a Dourogás pode cobrar 34,34 euros e a EDP, 34,40 euros.

Regulado perde clientes

Ainda assim, o facto de o mercado regulado ser mais vantajoso não se traduz numa saída expressiva de consumidores do liberalizado. Em Junho (dados mais recentes da ERSE), o mercado liberalizado (que representa 71% dos clientes e mais de 95% do consumo) contava com um total de 1,120 milhões de clientes nos vários segmentos.

Entre entradas directas para as carteiras dos diferentes comercializadores e saídas (sem que tenham celebrado outro contrato de fornecimento), o mercado liberalizado contabilizou mais 806 clientes em Junho, embora uma análise mais fina mostre que, no caso dos consumidores residenciais, celebraram-se 921 novos contratos.

Em sentido inverso, o mercado regulado, que tinha 446.550 clientes, perdeu 668 clientes face a Maio, dos quais 567 no segmento doméstico e 109 no segmento dos pequenos negócios (precisamente as duas franjas do mercado que foram alvo da mudança legislativa de 2022, que permitiu o regresso ao regulado, para fintar a subida de preços causada pela agressão russa à Ucrânia). Em Junho estavam ainda 409.076 famílias na oferta regulada.

Já na electricidade, o caso é diferente. Alguns preços liberalizados ficam melhor na fotografia e as ofertas mais baixas permitem poupanças anuais de 30 a 67 euros face ao regulado, consoante sejam famílias de duas ou quatro pessoas com consumos típicos (ou seja, poupanças de 2,51 euros/mês e 5,58 euros/mês), atesta o regulador.

De acordo com o boletim trimestral da ERSE, num conjunto de 23 comercializadores, a factura média mensal de um casal sem filhos era menor na Goldenergy (34,98 euros), Endesa (36,63 euros) e EZU Energia (36,78 euros), embora as duas primeiras ofertas sejam consideradas condicionadas (ou seja, sujeitas a alguma condição contratual específica). Neste caso (família de duas pessoas), a factura mensal do regulado – 37,49 euros – está no quinto lugar da tabela.

Na electricidade, alguma concorrência ao mercado regulado já permite às famílias poupanças mensais de quase seis euros

Para os consumos de quatro pessoas, a oferta mais competitiva é a da Goldenergy (condicionada), nos 90,08 euros/mês. Seguem-se as ofertas padrão da G9 Energy e EZU Energia, com facturas mensais de 91,80 e 93,31 euros, respectivamente. O preço regulado surge em oitavo lugar na lista: 95,66 euros. A EDP Comercial, a líder de mercado, que tem 64,7% dos clientes e 59,2% do consumo dos clientes residenciais, está quase no final da tabela, na 20.ª posição, com uma factura mensal de 103,09 euros, indexada ao preço do mercado grossista.

Em Junho existiam mais de 5,624 milhões de clientes no mercado liberalizado (que é 94% do consumo total e 86% dos clientes), dos quais 5,55 milhões clientes residenciais. No mercado regulado mantinham-se 883.406 famílias, menos 4491 face a Maio, num total de 885.155 clientes.

MANUEL ROBERTO



O mercado liberalizado de gás natural contava com um total de 1,120 milhões de clientes, cerca de 70% do número total em Portugal

Rua Júlio Dinis, n.º 270,
Bloco A, 3.º Piso
4050-318 Porto

Tel. **22 615 10 00**
lojaporto@publico.pt
De seg a sex das 09H às 18H

CLASSIFICADOS



Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de comissão de serviço para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa para:

2 vagas de Técnico Superior, com a seguinte referência:
CT-ND-053-2024-GGP

ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço: **https://www.fct.unl.pt/faculdade/concursos/nao-docentes**

O prazo limite para submissão das candidaturas é de 15 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.



Procedimento concursal para provimento do cargo de direção intermédia do 2.º grau - Chefe da Divisão Administrativa e Financeira

Para os devidos efeitos se torna público que, o Município de Nisa, sito na Praça do Município, 6050-358 em Nisa, procedeu à abertura de procedimento concursal para recrutamento de 1 (um) cargo de direção intermédia do 2.º grau - Chefe da Divisão Administrativa e Financeira, conforme Aviso (extrato) n.º 17433/2024/2, publicado na 2.ª Série do *Diário da República*, n.º 157, de 14 de agosto de 2024 (Parte H Autarquias Locais). A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, da composição do Júri e dos métodos de seleção serão publicitados na Bolsa de Emprego Público no dia 16/08/2024, nos termos da Lei. Para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos contactar a Secção de Recursos Humanos e Serviços Auxiliares da Câmara Municipal de Nisa através do telefone 245 410 000, ou através do endereço eletrónico procedimentosconcursais@cm-nisa-pt.

Nisa, 16 de agosto de 2024

O Vice-Presidente da Câmara Municipal de Nisa
José Dinis Samarra Serra



AVISO

Procedimento concursal para provimento do cargo de Diretor(a) de Serviços do Departamento de Sistemas de Informação da ADSE, I.P., cargo de direção intermédia de 1.º grau

Dá-se conhecimento de que foi publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 159, de 19 de agosto, o aviso com o n.º 17671/2024/2, relativo ao procedimento concursal destinado ao provimento do cargo de Diretor(a) de Serviços do Departamento de Sistemas de Informação (DSI) do mapa de pessoal dirigente do Instituto de Proteção e Assistência na Doença I.P. (ADSE I.P.), previsto na alínea e) do n.º 2 da Portaria n.º 127/2018, de 9 de maio, publicada no *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 89, em regime de comissão de serviço pelo período de 3 anos.

Lisboa, 19 de agosto de 2024

A Presidente do Conselho Diretivo
Maria Manuela Pinto Soares Pastor Fernandes Arraios Faria



AVISO

Procedimento concursal para provimento do cargo de Diretor de Serviços do Departamento de Administração de Benefícios da ADSE, I.P., cargo de direção intermédia de 1.º grau

Dá-se conhecimento de que foi publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 159, de 19 de agosto de 2024, o aviso com o n.º 17672/2024/2, relativo ao procedimento concursal destinado ao provimento do cargo de Diretor de Serviços do Departamento de Administração de Benefícios (DAB), do mapa de pessoal dirigente do Instituto de Proteção e Assistência na Doença I.P. (ADSE I.P.), previsto na alínea d) do n.º 2 do artigo 1.º dos Estatutos do Instituto de Proteção e Assistência na Doença I.P., publicados em anexo à Portaria n.º 127/2018, de 9 de maio, publicada no *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 89, em regime de comissão de serviço pelo período de 3 anos.

Lisboa, 19 de agosto de 2024

A Presidente do Conselho Diretivo da ADSE, I.P.
Maria Manuela Pinto Soares Pastor Fernandes Arraios Faria



ANÚNCIO

O Iscte – Instituto Universitário de Lisboa pretende recrutar Técnicos(as) Superiores em regime de Contrato Individual de Trabalho.

Para mais informações consultar no dia útil seguinte:

https://www.iscte-iul.pt/conteudos/iscte/quem-somos/trabalhar-no-iscte/1393/concursos



Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

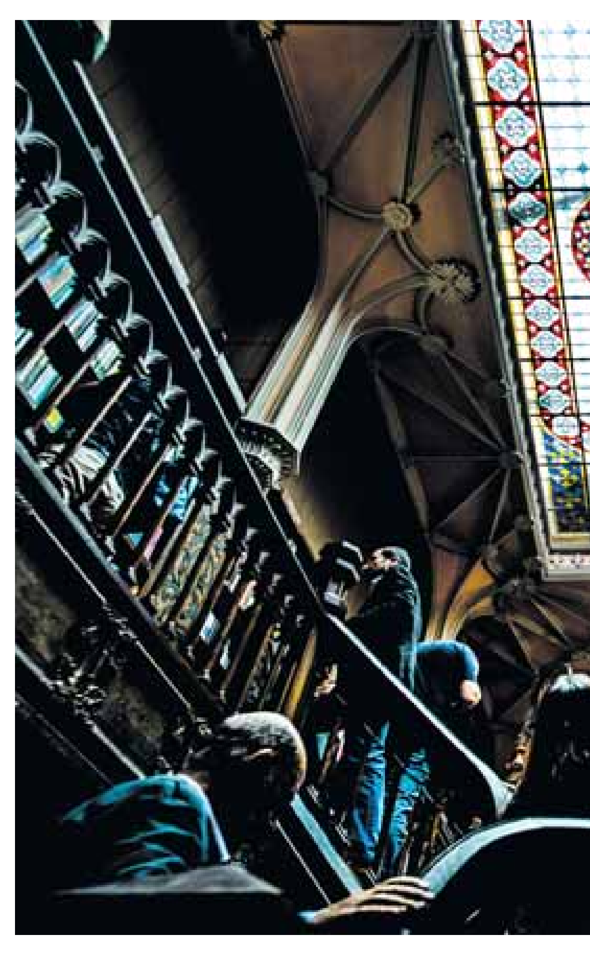
Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário "Casa do Alecrim": Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

DANIEL ROCHA





Turismo ainda faz falta mas já é demais em alguns equipamentos culturais

Afluxo de visitantes estrangeiros aos museus, monumentos e palácios é visto como uma oportunidade, mas em alguns locais já se tornou também um problema. Diversificar visitas seria uma solução

Luís Miguel Queirós

Neste turístico mês de Agosto, vários equipamentos culturais portugueses têm estado a bater recordes de visitantes, a começar pelo Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, que durante a primeira quinzena registou mais de 1500 entradas por dia, que se somam aos cerca de 1420 visitantes diários recebidos na Torre de Belém. No total destas duas primeiras semanas, "é mais do dobro do que tivemos em igual período de 2023", sublinha a directora dos dois monumentos, Margarida Donas-Botto, que sucedeu no cargo à agora ministra da Cultura, Dalila Rodrigues.

Este aumento de visitantes, muito impulsionado pelo afluxo turístico, que já recuperou largamente o terreno perdido durante a pandemia e continua a crescer, é genericamente visto como uma oportunidade para que os equipamentos culturais, públicos e privados, possam financiar-se, promover obras de reabilitação, assegurar os necessários recursos humanos e diversificar a sua oferta. Mas em alguns sítios, como a Torre de Belém, em Lisboa, ou o Palácio da Pena, em Sintra, já se ultrapassou a linha vermelha para lá da qual o aumento de visitantes começa a tornar-se contraproducente e é preciso adoptar medidas de contenção.

Não se pode perder de vista que a percentagem de visitantes estrangeiros varia muito consoantes os equipamentos. Na Fundação de Serralves ou no Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (MAAT), representaram em 2023 um pouco mais de 30%, mas na Fortaleza de Sagres, só um em cada dez visitantes, em média, tem nacionalidade portuguesa.

Do que não há dúvida é que a explosão dos números de visitantes em diversos equipamentos foi largamente devida ao turismo internacional, e embora não seja possível somar todas as entradas em todos os equipamentos, dos monumentos nacionais mais icónicos aos mais modestos museus municipais, alguns números ajudam a dar uma visão geral.

Começando pelos 38 museus, monumentos e palácios agora integrados na empresa Museus e Monumentos de Portugal, estes registaram em 2023, quando ainda eram tutelados pela Direcção-Geral do Património Cultural ou pelas várias direcções regionais de Cultura, um total de 5.157.360 visitantes. Já os palácios e restantes equipamentos geridos pela Parques de Sintra acolheram em 2023 cerca de três milhões de visitantes, com o público estrangeiro a representar 71% do total. Mais de metade destes três milhões de entradas ficaram a dever-se ao romântico Palácio Nacional da Pena, cujos 1.656.644 visitantes em 2023 poderiam até ser mais se os responsáveis da Parques de Sintra não tivessem tomado várias medidas para reduzir a pressão turística sobre o monumento.

"O aumento constante do número de visitas, que chegaram a atingir 12 mil entradas diárias, em época alta, antes de 2020, não era sustentável e acarretava vários riscos", incluindo a acentuação da taxa de degradação do património", esclarece por *email* a Parques de Sintra. Para tentar responder a esta concentração excessiva, a empresa procurou "diversificar as experiências de visita" e "dispersar os visitantes pelo território", o que foi facilitado pela criação de um novo sistema de bilhética que promove a compra de entradas com reserva de data e hora, o que permite "prever os níveis de visitação e distribuir os visitantes ao longo do dia".

Ainda assim, foi necessário, já este ano, actualizar a bilhética para reduzir os visitantes do Palácio da Pena, que actualmente tem um limite máximo de 5100 visitantes por dia, distribuídos por 17 turnos ("*slots*", na gíria turística) de trinta minutos.

Outro monumento que também começa a ter visitas a mais é a Torre de Belém. "A fila é tão grande que não dá para acomodar tanta gente, e até levanta questões de segurança e conservação do património", diz Margarida Donas-Botto. E embora só um número limitado de pessoas seja autorizado a subir a torre ao mesmo tempo, "foi preciso começar a fechar mais cedo para não termos um número diário de visitantes demasiado elevado".

Apesar das constantes e extensas filas de espera, a situação é menos grave nos Jerónimos, já que a dimensão do monumento permite acolher bastante mais gente e distribuir as visitas pelos vários espaços. "Mas temos um sistema que nos alerta quando os visitantes ultrapassam determinado número, e então os funcionários têm instruções para irem lembrando com jeitinho às pessoas que há muita gente à espera

PAULO PIMENTA



Nos Jerónimos usam-se *slots* de entrada, que nem sempre são cumpridas quando a afluência é mais elevada. Livraria Lello, no Porto

Dezasseis equipamentos culturais: visitantes em 2023



*Acima de; **Número aproximado; ***Dados de 2022. O Museu Berardo foi formalmente extinto no final de 2022, mas a colecção continuou a receber visitantes nos meses que antecederam a inauguração, em final de Outubro de 2023, do MAC/CCB. Não foi possível conseguir soma dos visitantes em 2023, antes e depois da abertura do MAC/CCB, que registou 93.163 visitantes no primeiro mês de funcionamento.

Nota: Esta lista restringe-se aos equipamentos culturais cujos dados sobre número de visitantes relativos a 2023 o PÚBLICO conseguiu apurar, não pretendendo ser um *ranking* exaustivo

Fonte: dados fornecidos pelos equipamentos culturais — PÚBLICO

para entrar", conta Margarida Donas-Botto.

Nos Jerónimos também se usam *slots*, mas apenas duas de manhã e outra duas à tarde, e que nem sempre são cumpridas quando a afluência é mais elevada. "Digamos que temos *slots* de entrada, mas não de saída, porque não podemos expulsar as pessoas", diz a directora.

A complicar a gestão, uma percentagem significativa das entradas nos Jerónimos e na Torre de Belém não são adquiridas na bilheteira oficial, seja ela presencial ou *online*, mas através de empresas que vendem bilhetes sem data e que os compradores podem usar quando quiserem, o que torna difícil prever os níveis de afluência. Margarida Donas-Botto está confiante de que venham a ser revistos os protocolos com esses parceiros e que em 2025 já esteja a funcionar um sistema em que os bilhetes incluam o dia e a hora.

Para já, a directora está empenhada em tentar sensibilizar os visitantes para o facto de existirem "outros equipamentos culturais muito interessantes, e às vezes bastante próximos, que estes poderiam visitar".

Entre Clérigos e Lello

Se as filas à porta de alguns sítios podem sugerir que já há turistas a mais, o director executivo da Torre dos Clérigos, no Porto, António Tavares, não partilha dessa ideia, e também ele sublinha que continua a haver um grande número de equipamentos culturais "com muita margem para receber mais visitantes". Não é o caso do monumento que dirige, propriedade da Irmandade dos Clérigos, que recebeu em 2023 cerca de1,3 milhões de visitantes.

Como todos os equipamentos, a Torre dos Clérigos baixou a capacidade de visitação durante a pandemia, período que também aproveitou para colocar uma escadaria de ferro sobre a escada original de pedra, a proteger os seus 225 degraus do excessivo número de pés que os galgavam diariamente. E mesmo após a pandemia, tem recorrido a *slots* de entrada de meia em meia hora, apostando em criar novos espaços visitáveis, que permitem distribuir melhor as 1500 pessoas que podem visitar o monumento ao mesmo tempo.

A poucos metros da torre, há também sempre filas de pessoas a esperar a sua vez de entrar na Livraria Lello, internacionalmente publicitada como "a livraria mais bonita do mundo". Com mais de 1,3 milhões de visitantes em 2023, a Lello usa também *slots*, para evitar que as pessoas "esperem mais do que 10 a 15 minutos", e criou já em 2015 um sistema de *vouchers* que permite descontar os oito euros do preço de entrada – o mesmo que se cobra na vizinha Torre dos Clérigos – na compra de um livro, opção que ajuda a explicar que tenha vendido mais de



Foi preciso começar a fechar mais cedo a Torre de Belém para não termos um número diário de visitantes demasiado elevado

Margarida Donas-Botto
Directora dos Jerónimos e Torre de Belém

um milhão de obras só no ano passado.

O PÚBLICO ouviu alguns dos turistas que há uma semana faziam fila junto à Lello, e todos eles confirmaram que decidiram ainda em casa, a partir de pesquisas na Internet, o que iriam ver no Porto. Também já tinham subido à Torre dos Clérigos.

Embora só tenhamos falado com franceses, espanhóis e italianos, o país de origem mais frequente entre os visitantes da livraria em 2023 foram os Estados Unidos, seguidos de Espanha e Portugal.

No Porto, o único outro equipamento com um número de visitantes comparável é a Fundação de Serralves, que aumentou recentemente o espaço do seu Museu de Arte Contemporânea com a construção da nova Ala Siza Vieira, e que no ano passado atingiu o recorde de 1.147.761 visitantes. "A estrutura de Serralves está devidamente organizada para ser capaz de se adaptar à eventual pressão trazida pelo crescimento sustentado de afluência de público", garante a fundação. Ainda assim, na manhã do primeiro domingo de cada mês, quando a entrada é gratuita, é frequente haver filas consideráveis de pessoas a aproveitar a oportunidade, já que o bilhete geral, que dá acesso aos vários espaços, custa 20 euros aos residentes nacionais e 24 euros aos visitantes estrangeiros. Estes últimos têm, aliás, vindo a aumentar: no ano passado foram já mais de 370 mil.

Já nos equipamentos sob a tutela da MMP, a sensação geral é a de que os preços andam um pouco estagnados e poderia justificar-se aumentá-los. O bilhete normal para os Jerónimos é de12 euros e paga-se 8 euros para visitar a Torre de Belém."

Em Guimarães, que conta alguns dos equipamentos mais procurados do país, como o Paço dos Duques de Bragança e o Castelo, ambos com perto de 400 mil visitantes em 2023, o custo de entrada no primeiro é de 5 euros e a visita ao castelo custa apenas dois euros. Flávio Vieira, que dirige estes equipamentos, e ainda o Museu Alberto Sampaio, diz que os visitantes têm vindo a aumentar muito, mas que ainda não se atingiram os números de 2019. Ainda assim, garante que o Paço dos Duques de Bragança tem "todos os dias, ou quase, uma fila de 30 a 50 metros de pessoas à espera de entrar".

Há 30 anos a trabalhar no Paço, uma das diferenças que nota é que, embora persistam os picos de procura no Verão, a sazonalidade esbateu-se um pouco. E outra evolução clara foi o aumento percentual de estrangeiros. "Há 20 anos, 70% eram nacionais, agora quase 70% são estrangeiros. E se dantes dominavam os franceses, estes já foram ultrapassados pelos espanhóis e brasileiros, ao passo que os americanos ascenderam ao 4.º lugar."

Apesar de o aumento de visitantes trazer dificuldades, e algumas tão óbvias que nem se pensa nelas, como "a quantidade de papel higiénico que é preciso gastar", Vieira não tem dúvidas de que, "neste momento", o turismo "é mais uma oportunidade do que um problema".

O director da Fortaleza de Sagres, Luciano Rafael, está de acordo. O monumento que dirige, e que no final de 2022 passou a dispor de um novo centro expositivo, foi no ano passado, com 427.517 entradas, o segundo mais visitado de todos os que estão hoje sob a tutela da Museus e Monumentos.

No dia em que falámos com este responsável, a Região de Turismo do Algarve tinha acabado de anunciar que o turismo algarvio crescera 9,7% em proveitos totais neste primeiro semestre de 2024, face ao período homólogo de 2023. "Como os visitantes da Fortaleza de Sagres aumentaram 12,9 %, os resultados parecem andar em linha com os da região", observa o director, que chama ainda atenção para um estudo encomendado pela Região de Turismo em 2022, e que procura traçar o perfil do turista. "Quando perguntados pela relevância da atmosfera cultural do Algarve, 3,7% dos turistas dizem ser o principal motivo para a visita, e 36,8% considera-a um factor muito importante, havendo ainda 97% que assumem pretender visitar uma atracção cultural", resume. Embora sublinhando que está a especular, Rafael admite que "poderá estar a aumentar a percentagem de turistas que se interessam pelos equipamentos culturais".

João Félix vai tentar encontrar-se em Londres

Avançado português deixa Atlético de Madrid a troco de 50 milhões de euros para regressar ao Chelsea. Aos 24 anos, procura o brilho que lhe tem fugido desde 2019

Nuno Sousa

João Félix já pode apagar a cidade de Madrid da lista de destinos regulares que terá guardados no GPS. Atlético e Chelsea chegaram ontem a acordo para a transferência do avançado, a título definitivo, o que significa que a carreira itinerante que tem vivido nos últimos anos está prestes a chegar ao fim. De resto, os *"colchoneros"* foram ontem a jogo diante do Villarreal, na jornada inaugural da Liga espanhola, sem o internacional português, precavendo-se contra uma eventual lesão que pudesse inviabilizar o negócio.

Será com algum alívio que este desfecho é encarado no Atlético. Por parte do treinador, porque a relação com João Félix foi mais turbulenta do que se previa; por parte dos adeptos, que nunca lhe perdoaram a forma como abordou o empréstimo ao Barcelona (já lá vamos); e por parte do próprio jogador, que embora tenha feito uma pré-época promissora não veria grande futuro no modelo de jogo de Diego Simeone.

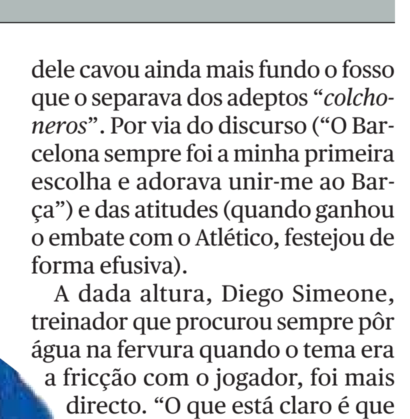
Se tudo correr como previsto, João Félix fará os exames médicos da praxe nas próximas horas e assinará com o Chelsea um contrato válido por seis temporadas. Aos 24 anos, prepara-se para voltar a Londres, mas desta vez de forma definitiva. Em 2022-23, jogou em Stamford Bridge por empréstimo (quatro golos em 20 jogos), uma espécie de plano B do Atlético para um activo que estava longe de render o que dele a direcção esperava e que precisava de ser valorizado na óptica de forjar um negócio futuro.

Percebia-se bem o dilema. João Félix chegou ao Wanda Metropolitano em 2019 como o jogador mais caro da história do Atlético Madrid. A maior venda de sempre do Benfica (no total, a transferência ascendeu a 126 milhões de euros) aterrava na capital espanhola depois de uma temporada de ascensão meteórica, em Portugal e nas competições europeias, que fez disparar imediatamente as expectativas dos adeptos *"colchoneros"*.

A verdade é que não tardou até as expectativas, de um e de outro lado, começarem a redundar em frustração. Face a um modelo de jogo que retirava muitas vezes o avançado português do espaço entre linhas, onde é mais capaz de fazer a diferença, e como resultado de uma série de lesões (nas primeiras três épocas, Félix falhou 39 jogos, 13 em cada uma), o rendimento ficou sempre distante do que se exigia.

Minimizar os danos

Quando terminou a época em Inglaterra, a prioridade no regresso a Madrid foi encontrar um novo habitat. Numa espécie de réplica do negócio de Griezmann (em sentido contrário), Barcelona foi o destino escolhido. Em campo, João Félix haveria de se dar bem (afirmou-se como titular rapidamente), mas fora dele cavou ainda mais fundo o fosso que o separava dos adeptos *"colchoneros"*. Por via do discurso ("O Barcelona sempre foi a minha primeira escolha e adorava unir-me ao Barça") e das atitudes (quando ganhou o embate com o Atlético, festejou de forma efusiva).



A dada altura, Diego Simeone, treinador que procurou sempre pôr água na fervura quando o tema era a fricção com o jogador, foi mais directo. "O que está claro é que as pessoas do Atlético não gostam [de algumas atitudes de João Félix], porque temos outra idiossincrasia. Quando não entendes as idiossincrasias do local onde estás, é muito difícil conviver."

Por todo o contexto, a continuidade de Félix em Madrid seria sempre um último recurso. A direcção do Atlético, conformada com a desvalorização do passe do jogador, foi baixando a fasquia para atrair interessados e finalmente chegou a um acordo com o Chelsea. De acordo com os valores avançados pela imprensa espanhola, os *"blues"* pagarão 50 milhões de euros (mais 10 em função de objectivos) por 80% do passe e oferecem ao avançado um contrato até 2030.

O negócio facilitará também a conclusão da mudança de Conor Gallagher para o Atlético Madrid. O médio inglês já tinha sido anunciado como reforço dos espanhóis, a troco de 40 milhões de euros, mas um problema de última hora levou a direcção do Chelsea a intimar o jogador a regressar a Inglaterra. Em causa, segundo os *media* britânicos, estaria o fracasso na contratação de Samu Omorodion, avançado do Atlético que também estava envolvido na operação. Ora, caindo por terra a chegada do espanhol, o Chelsea virou-se para João Félix.

Aos 24 anos, é uma nova porta que se abre para Félix, numa Liga que já conhece. Nesta altura, o técnico Enzo Maresca tem à disposição um plantel na casa das quatro dezenas de jogadores, com atacantes do calibre de Nicolas Jackson (actualmente lesionado), Cole Palmer, Christopher Nkunku, Noni Madueke, Pedro Neto e ainda Raheem Sterling e Romelu Lukaku (ambos na porta de saída).

Concorrência feroz para o português, que deu sinais de retoma na pré-temporada com o Atlético mas que não encontrou o espaço que pretendia no Euro 2024 e continua à procura da sua melhor versão, aquela que o atirou para a ribalta a partir do Estádio da Luz. E a verdade é que, se o destino de Lukaku for o Nápoles, não está fora de hipótese que o goleador Victor Osimhen venha a juntar-se à interminável armada dos *"blues"*.



Depois de dois empréstimos consecutivos, João Félix muda-se para Inglaterra a título definitivo, à procura de um novo rumo para a carreira

I Liga

Jornada 2

Santa Clara-FC Porto	**0-2**
Gil Vicente-AVS	**4-2**
Rio Ave-Farense	**1-0**
Nacional-Sporting	**1-6**
Benfica-Casa Pia	**3-0**
Moreirense-Arouca	**3-1**
Vitória SC-Estoril	**1-0**
Boavista-Sp. Braga	**0-1**
E. Amadora-Famalicão	**0-3**

	J	V	E	D	M-S	P
1. Sporting	2	2	0	0	9-2	6
2. FC Porto	2	2	0	0	5-0	6
3. Famalicão	2	2	0	0	5-0	6
4. Moreirense	2	2	0	0	5-2	6
5. Vitória	2	2	0	0	2-0	6
6. Sp. Braga	2	1	1	0	2-1	4
7. Santa Clara	2	1	0	1	4-3	3
8. Benfica	2	1	0	1	3-2	3
9. Boavista	2	1	0	1	1-1	3
10. Gil Vicente	2	1	0	1	4-5	3
11. Rio Ave	2	1	0	1	2-3	3
12. AVS	2	0	1	1	3-5	1
13. Est. Amadora	2	0	1	1	1-3	1
14. Nacional	2	0	1	1	2-7	1
15. Farense	2	0	0	2	1-3	0
16. Arouca	2	0	0	2	1-4	0
17. Estoril	2	0	0	2	1-5	0
18. Casa Pia	2	0	0	2	0-4	0

Próxima jornada Farense-Sporting, Casa Pia-Santa Clara, FC Porto-Rio Ave, Benfica-E. Amadora, Famalicão-Boavista, Arouca-Nacional, Estoril-Gil Vicente, Sp. Braga-Moreirense, AVS-Vitória SC

II Liga

Jornada 2

Alverca-Felgueiras	**1-1**
Oliveirense-Mafra	**0-0**
Portimonense-U. Leiria	**0-3**
P. Ferreira-Marítimo	**1-2**
Feirense-Ac. Viseu	**2-2**
Vizela-Penafiel	**1-2**
Desp. Chaves-Leixões	**0-0**
Benfica B-Torreense	**2-0**
Tondela-FC Porto B	**2-2**

	J	V	E	D	M-S	P
1. Penafiel	2	2	0	0	6-4	6
2. Ac. Viseu	2	1	1	0	4-3	4
3. Marítimo	2	1	1	0	4-3	4
4. Feirense	2	1	1	0	3-2	4
5. Leixões	2	1	1	0	2-1	4
6. Vizela	2	1	0	1	3-2	3
7. Benfica B	2	1	0	1	3-2	3
8. U. Leiria	2	1	0	1	3-2	3
9. Paços de Ferreira	2	1	0	1	2-2	3
10. Tondela	2	0	2	0	4-4	2
11. FC Porto B	2	0	2	0	3-3	2
12. Alverca	2	0	2	0	2-2	2
13. Felgueiras	2	0	2	0	1-1	2
14. Oliveirense	2	0	1	1	3-4	1
15. Desp. Chaves	2	0	1	1	1-2	1
16. Mafra	2	0	1	1	0-1	1
17. Portimonense	2	0	1	1	0-3	1
18. Torreense	2	0	0	2	0-3	0

Próxima jornada União Leiria-Alverca, Felgueiras-Feirense, Torreense-Oliveirense, Leixões-P. Ferreira, Ac. Viseu-FC Porto B, Penafiel-Tondela, Marítimo-Desp. Chaves, Mafra-Portimonense, Benfica B-Vizela

MELHORES MARCADORES

I Liga
3 golos Fujimoto (Gil Vicente), Gyökeres e Pedro Gonçalves (Sporting)

II Liga
3 golos Zé Leite (Penafiel)
2 golos Roberto (Tondela), Patrick (Marítimo)

JAVIER LIZON/EPA



Wout van Aert bateu sobre a meta o australiano Kaden Groves

Vuelta despede-se de Portugal com triunfo e liderança de Van Aert

Augusto Bernardino

Belga quebra longo jejum com uma vitória ao *sprint* que lhe escapava há quase ano e meio. Trio luso a subir na classificação geral

Wout van Aert (Visma-Lease a Bike) venceu ontem ao *sprint* a terceira etapa da Volta a Espanha, a última disputada em território português – 191,2km de média montanha entre Lousã e Castelo Branco percorridos em 4h40m42s –, superando sobre a meta o australiano Kaden Groves (Alpecin-Deceuninck), vencedor em Ourém, na véspera, o que lhe permite conservar a liderança e juntar à camisola *"roja"* a verde, da classificação por pontos.

O belga vingou o segundo lugar da etapa anterior e quebrou um longo jejum de quase ano e meio de vitórias em etapas do World Tour. Isto antes de enfrentar já hoje a alta montanha e começar a pensar em transmitir o testemunho de líder da Vuelta, como o próprio admitiu no final da etapa.

"Infelizmente, acabou a diversão. Será muito difícil conservar a liderança", assumiu, depois dos agradecimentos à equipa e aos companheiros que controlaram a etapa e o conduziram ao *sprint* final.

O campeão nacional de fundo, Rui Costa (EF Education), cortou a meta em 21.º e foi o primeiro entre o trio português, logo seguido por Nelson Oliveira (Movistar), em 24.º, e por João Almeida (Emirates), em 48.º, todos com o mesmo tempo do vencedor. Na geral, João Almeida é agora nono (a 32 segundos), Nelson Oliveira é 10.º (a 33s) e Rui Costa 58.º (a 1m10s). Uma subida de 17 posições para o antigo campeão do mundo de estrada (2013). Também Almeida e Oliveira subiram um lugar, beneficiando da queda do britânico Joshua Tarling, de 6.º para 128.º.

Fuga de pares

A etapa começou com uma fuga de quatro ciclistas: dois da Kern Pharma (Unai Iribar e Ibon Ruiz) e dois da Euskaltel-Euskadi (Xabier Isasa e Luis Ángel Maté), com Ruiz e Maté a repetirem a aventura da véspera. Autorizada pelo pelotão, a fuga ganhou rapidamente uma vantagem que ultrapassou os cinco minutos após a primeira hora de prova.

Na sua última corrida da carreira, Maté somou cinco pontos no Alto de Teixeira (2.ª categoria) e garantiu a camisola de líder da montanha, após o que o pelotão, controlado pela Visma-Lease a Bike e pela Alpecin-Deceuninck, passou ao ataque, anulando a fuga a 20 quilómetros da meta.

O quarteto desfez-se depois do Alto de Alpedrinha, com Xabier Isasa a tentar a sorte, a solo, à entrada dos últimos 35 quilómetros. Isasa seria, por isso, o último a ser alcançado pelo pelotão, confirmando-se nova chegada ao *sprint*, especialidade que nesta Volta a Espanha – dado o perfil pouco simpático para os velocistas – reduziu o contingente de *sprinters* de topo.

Com a chegada da Vuelta a solo espanhol, a quarta etapa será o primeiro grande teste para os candidatos à vitória. A primeira de oito etapas de montanha da Vuelta – 170,5 km entre Plasensia e Pico Villuercas, com duas contagens de primeira, duas de segunda e uma de terceira categorias – deverá redefinir a classificação geral, com João Almeida a poder ascender aos primeiros lugares.

Volta a Espanha

3.ª ETAPA	
1.º W. van Aert (Visma)	**4h40m42s**
2.º K. Groves (Alpecin)	**m.t.**
3.º J. Izaga (Euskaltel)	**m.t.**
4.º A. Marit (Intermaché)	**m.t.**
5.º P. Bittner (DSM)	**m.t.**
GERAL	
1.º W. van Aert (Visma)	**10h05m59s**
2.º B. McNulty (UAE)	**a 13s**
3.º M. Vacek (Lidl)	**a 15s**
9.º J. Almeida (UAE)	**a 32s**

Breves

Ténis

Nuno Borges ascende a 35.º do ranking ATP

O português Nuno Borges subiu quatro lugares no ranking ATP, alcançando o 35.º posto, novo máximo da carreira, e reforçando a posição no top 40 da hierarquia mundial. O maiato, de 27 anos, ascendeu na tabela graças à prestação no Masters 1000 de Cincinnati, em que atingiu a segunda ronda, cedendo perante o dinamarquês Holger Rune, antigo número quatro e actualmente 15.º do ranking. Borges, número um nacional, é o segundo português a entrar no top 40 mundial, a par de João Sousa, que se retirou este ano e atingiu o 28.º lugar. João Faria subiu dois postos (157.º) e Henrique Rocha, três, (166.º). Jannik Sinner lidera, à frente de Novak Djokovic.



Judo

Pavilhão de Tomar passa a ter o nome de Patrícia Sampaio

A Câmara Municipal de Tomar deliberou ontem, por unanimidade, atribuir o nome da judoca olímpica Patrícia Sampaio, medalha de bronze em Paris2024, ao até agora designado por Pavilhão Municipal Cidade de Tomar. "A iniciativa surge como homenagem à judoca, que conseguiu o maior feito de sempre do desporto tomarense, ao conquistar a medalha de bronze na categoria -78 kg dos Jogos Olímpicos Paris2024", refere a autarquia, que já tinha homenageado a atleta com a atribuição da Medalha Municipal de Valor Desportivo, em 2019, e a Medalha de Honra do Município, em 2020.

Diário de Um Cientista

Página 17

Joana Marques Texto
André Carrilho Ilustração

Há florestas de líquenes escondidas nas rochas do vale do Côa

A cientista Joana Marques revisita a sua jornada à volta dos líquenes, seres vivos que "pintam" muitas gravuras rupestres, desde a primeira visita ao vale do Côa, nos anos 90, até ao projecto que hoje lidera



O caminho de acesso ao local de amostragem é estreito e vertiginoso como só os caminhos desta região sabem ser, serpenteando entre oliveiras e amendoeiras e, lá em baixo, curva sim, curva não, o rio Côa. Estamos no final de Maio e, portanto, em pleno período de nove meses de Inferno. Não posso, não devo, queixar-me. É deste calor que dependem algumas das espécies mais belas e raras de líquenes.

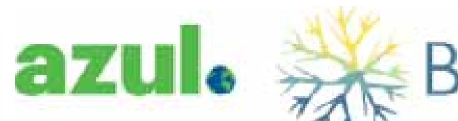
Visitei pela primeira vez o vale do Côa nos anos 90, com os meus pais, logo após a polémica que culminou na suspensão da construção da Barragem de Foz Côa. À procura das gravuras rupestres, por nossa conta, sem preparação ou qualquer informação para além da que vinha nos jornais, e com a convicção ingénua de que seria fácil encontrá-las. Insucesso previsível.

Dessa primeira viagem, ficou a memória do calor e da poeira do xisto, e de mais uma pequena aventura familiar fracassada – outras se seguiram e tinham antecedido, como aquela tentativa de encontrar um lince-ibérico em vias de extinção, algures na serra da Malcata, movidos pela curiosidade e um pequeno automóvel por diversas vezes perdido entre os urzais e os estevais de Penamacor.

Não sabia por essa altura o que eram líquenes, e que esses viriam a estar na origem de muitas mais viagens ao vale do Côa, algumas igualmente fracassadas, muitas reais, outras tantas imaginadas ou sonhadas.

Em 2004, durante um estágio na Universidade Complutense de Madrid, soube por encontro casual com uma investigadora que viria a ser minha orientadora de doutoramento, que a equipa do Parque Arqueológico do Vale do Côa tinha interesse em esclarecer algumas dúvidas sobre líquenes. Os líquenes, organismos ignorados e marginalizados até pela comunidade científica, ganhavam relevância graças à curiosidade de arqueólogos e conservadores-restauradores sobre os seus potenciais usos como ferramenta de datação, e como agentes de degradação das gravuras rupestres. Enquanto conversava com a minha orientadora sobre as potencialidades que um sítio como o vale do Côa trazia para a nossa área de investigação, lembrei-me logo da primeira viagem, que quis muito cumprir. De preferência, de jipe.

O primeiro regresso ao vale do Côa aconteceu na Primavera de 2006, alguns meses antes de me ser atribuída uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia para estudar então os líquenes do Parque Arqueológico. Reconheci imediatamente o xisto, imponente na forma como aflora e se empoleira ao longo das encostas íngremes do Côa e pequenas ribeiras afluentes. Deslumbrei-me com a imensidão de auroques,




A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em** publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista

cavalos, cabras e veados gravados nas rochas. E apreciei o detalhe dos dorsos e focinhos parcialmente revestidos de líquenes cor de laranja, amarelo, cinzento e verde. Belíssimos, uns e outros.

Não estávamos enganadas quanto à importância do vale do Côa para os líquenes. Mas, muito honestamente, não estava preparada para diversidade de espécies que a região tinha para oferecer e, sobretudo, para a tarefa imensa de identificação que tínhamos pela frente. Cada exemplar colhido constituía um desafio, a sugestão de algo novo, nunca ou raramente visto. Os pacotes de papel com as primeiras colheitas continham (e alguns ainda assim permanecem), em vez de uma primeira ideia acerca do nome da espécie, anotações tão eloquentes como: "cenas", "cenas diversas", *"¡ni idea!"* ou "que [...] é esta?".

Alcançámos as 200 espécies de líquenes após inúmeras horas de trabalho solitário, dedicadas à observação e quantificação de características morfológicas e anatómicas à lupa e no microscópio. Realizámos análises genéticas e moleculares nos laboratórios das nossas universidades e colaborámos com colegas de outras instituições para resolver conjuntamente alguns casos mais complexos.

A ideia do doutoramento não era, no entanto, ficar apenas pela caracterização da diversidade de líquenes. Pretendíamos também estimar os efeitos que eles têm sobre as rochas gravadas e responder à pergunta de um milhão de dólares na área da conservação do património – limpar ou não limpar?

Sabemos que os líquenes que crescem sobre rochas têm essa função e importância na natureza, de alterar química e fisicamente a rocha e contribuir desta forma para a formação de solo. E assumimos que a presença de gravuras ou pinturas lhes seja completamente indiferente, motivo pelo qual as invadem sem vergonha e certamente sem pedir licença. A deterioração pode acontecer porque os líquenes secretam ácidos orgânicos para dissolver minerais e obter nutrientes, o que pode causar a degradação física e química das superfícies, e consequentemente da arte rupestre. A penetração das raízes nas fissuras das rochas pode exacerbar esse efeito, promovendo a fragmentação do material ao longo do tempo.

Os mesmos processos acontecem em qualquer tipo de construção em pedra. Muros, pontes, casas e igrejas, todos sustentarão, mais tarde ou mais cedo, uma luxuriante comunidade de líquenes. A sua presença nos monumentos é, por este motivo, descrita em alguns meios científicos como constituindo um sério caso de "patologia da pedra".

A primeira vez que ouvi esta expressão senti-a quase como um insulto a um amigo próximo. Urgia defender os líquenes contra tamanha injúria! Os líquenes são uma maravilha natural, não uma doença. O caso assumiu outros contornos quando alguém, imbuído de um certo espírito de provocação que até aprecio, os apelidou de "alfaces". Porque se é para jogarmos o jogo das comparações com comida, temos aqui atleta federada. E o meu discurso enquanto porta-bandeira da defesa dos líquenes começou a integrar "gomas", "arrufadinhas" e "tarteletes de geleia", entre outras delícias, procurando seduzir os meus interlocutores com alusões e ilusões gastronómicas, não fossem outros argumentos suficientemente fortes.

Um deles é a possibilidade de os líquenes poderem também oferecer protecção às superfícies que colonizam. De facto, a camada de líquenes pode actuar como barreira física, protegendo as superfícies subjacentes da erosão causada pelo vento, chuva e mudanças de temperatura. Além disso, os líquenes podem impedir o crescimento de outros organismos, eventualmente mais prejudiciais. O balanço entre esses efeitos depende de vários factores, incluindo o tipo de líquen, a natureza do substrato, o clima, e da complexa interacção de todas estas dimensões.

A dualidade dos líquenes ultrapassa assim a da sua natureza. Os papéis que desempenham são também duplos e aparentemente contraditórios, podendo actuar tanto como agentes de deterioração como de protecção das superfícies onde se desenvolvem.

Questiono-me então sobre a relação igualmente paradoxal que fomos estabelecendo com a presença destes seres vivos em muros e edifícios. Porquê usar o termo "patologia" para um fenómeno desta natureza? Valorizamos os monumentos pela sua história, raridade e conexão com o passado, como portadores de memória e tradição. Mas buscamos um certo ideal de perfeição estética que rejeita os sinais do tempo.

O desgaste, a presença de fendas ou alterações de coloração são encarados como imperfeições que diminuem a sua beleza ou valor. É como se transferíssemos para as coisas que construímos a tensão do convívio com os nossos próprios corpos, envelhecidos mas sapientes, sapientes mas envelhecidos. A pedra limpa de um monumento sempre me pareceu parcialmente desprovida de história e contexto. Aceitar e celebrar a beleza das coisas imperfeitas e transitórias, incluindo os sinais do envelhecimento, podia muito bem ser o melhor remédio para a dita patologia. Estou a divagar? Os líquenes, com todo o tempo do mundo e uma certa dificuldade para fugir, têm por vezes em mim esse efeito. Foi a meio de uma destas divagações que me surgiu a ideia para o projecto RockInBio, que me traz aqui hoje a este vale do Côa de 2024.

Apercebi-me a certa altura, que cada uma destas superfícies rochosas, com ou sem gravuras, podia ser vista como uma paisagem em miniatura – com vias de escorrência da água da chuva assemelhando-se a rios; fendas e fissuras parecidas com vales; cristas e protuberâncias como cadeias montanhosas; e comunidades de seres vivos (líquenes, mas também musgos, fungos, algas, bactérias) progredindo como manchas de uma floresta de "alfaces" – onde os mesmos processos-chave que moldam a superfície terrestre operam em pequena escala.

As mesmas ferramentas ecológicas usadas para prever a dinâmica da vegetação no espaço e no tempo, e o funcionamento geral do ecossistema ao nível da paisagem, poderiam, então, ser usadas para diagnosticar e prever a dinâmica e o impacto destes organismos nas superfícies rochosas, e na arte a elas associada. Só precisaríamos de obter dados a essa escala miniatural, o resto já estava inventado. "Só". Pode muito bem vir a ser uma vida nisto, mas comecemos por um projecto de investigação financiado a três anos.

Talvez consiga adivinhar o que passa agora pela cabeça do leitor (sempre quis escrever isto). Conceber um projecto de investigação que pretende desenvolver formas de diagnóstico parece reconhecer a existência de uma condição, problema ou uma "patologia da pedra". Amoleci com o tempo, como uma rocha exposta à intempérie? O cientista, sobretudo aquele que estuda líquenes, não está imune às contradições que caracterizam os líquenes e a condição humana. E não tem como ser insensível ao meio que o rodeia, e suas solicitações. Mesmo que, às vezes, sob protesto.

Nesta visita breve ao fundo do vale do rio que me aguarda na próxima curva, recolho os dados dos sensores de humidade e temperatura que espalhámos em várias rochas, enquanto descubro o aroma delicado da flor do piorno, em plena floração neste final de Maio.

Admiro os líquenes, a sua beleza serena e persistente, e preparo um regresso suado ao Porto, não sem antes espreitar uma vez mais, e sempre para meu espanto, o dorso corpulento de um auroque, o salto gracioso de uma cabra-montesa, o passeio discreto de uma manada de veados. Figuras deslumbrantes, acesas pelos líquenes e pelo sol, uma vez assente a poeira do xisto, mais ou menos como me tinham prometido os meus pais.

Joana Marques

Líder de grupo de investigação

Sou ecóloga, especialista em líquenes, interessada em estudar processos naturais de alteração das rochas, nos quais os líquenes desempenham um papel de relevo, e em desenvolver ferramentas de diagnóstico e prognóstico destes processos. Actualmente, lidero o projecto RockInBio e um grupo de investigação com o mesmo nome, focado nas aplicações da ecologia no campo da conservação do património cultural.



Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Ecologia para a conservação do Património Cultural (RockInBio)

Mistérios por arquivar

São os documentos da viatura e os milhões que tem na mala, s.f.f.



Um ladrão engenhoso e com a dose certa de sangue-frio ludibriou quatro funcionários de um banco para meter ao bolso milhões de ienes. Quem ficou de mãos a abanar foram os trabalhadores da Toshiba

João Pedro Pincha Texto
José Alves Ilustração

Os quatro funcionários do banco Nippon Trust entraram no carro com a missão de ir à fábrica da Toshiba entregar o dinheiro que serviria para pagar o prémio natalício a cerca de 4500 trabalhadores. Parecia coisa simples. Era de manhã, chuviscava, o caminho entre a agência de Kokubunji e a fábrica fazia-se num quarto de hora.

Quando já estavam quase a chegar ao destino, numa estrada paralela ao grande muro da prisão de Fuchu, um subúrbio de Tóquio, repararam que um agente da polícia numa motorizada lhes fazia sinais de luzes. Pouco depois, a mota ultrapassava-os e o agente pedia-lhes que encostassem.

Ryoichi Sekiya, o motorista do Nissan preto, baixou o vidro e perguntou o que se passava. O agente disse-lhes que acabara de receber a informação de que a casa do gerente do banco tinha explodido e que havia a suspeita de que aquele carro estava armadilhado com dinamite. Sekiya ainda lhe disse que tinha a certeza de que não havia ali explosivos, mas já o agente estava a rastejar para debaixo da viatura.

Os quatro homens saíram do automóvel e puseram-se junto à bagageira, onde transportavam a sua valiosa mercadoria. De repente começou a sair fumo da parte de baixo do carro e o polícia gritou que este estava prestes a explodir. Os bancários correram para longe – e viram o agente sentar-se ao volante e a partir tranquilamente. Com ele foram 294 milhões de ienes (qualquer coisa como 6,7 milhões de euros ao câmbio actual).

Um dos maiores roubos do pós-guerra no Japão foi também um dos mais fáceis. Ao ladrão bastou-lhe um casaco de cabedal preto, um capacete branco e uma motorizada igualmente branca para se fazer passar por polícia. Da mesma forma, apenas precisou de um foguete para produzir fumo e simular que havia dinamite prestes a explodir.

O crime, que aconteceu a 10 de Dezembro de 1968 e nunca foi resolvido, apaixonou a opinião pública japonesa. Logo no dia seguinte, o *Japan Times* – que fez manchete com o caso – dizia que a polícia suspeitava de que se tratava de um roubo meticulosamente preparado. O ladrão tinha de conhecer bem os procedimentos do banco para saber que naquela bagageira ia dinheiro e que o carro ia passar ali às 9h20.

Havia um pormenor fundamental. Nos dias anteriores ao roubo, o gerente da agência bancária de Kokubunji tinha recebido ameaças de morte, pelo que os funcionários não desconfiaram quando o homem lhes falou na suposta explosão.

A polícia montou logo uma operação de grande envergadura. Nas primeiras horas, foram bloqueadas auto-estradas e outras vias e inspeccionados milhares de veículos. A motorizada, o Nissan e as caixas metálicas onde estava o dinheiro – abandonados a meio caminho – foram analisados a pente fino. Ao longo dos anos terão estado envolvidos detectives às centenas e milhares de pessoas foram interrogadas.

Ao ladrão bastou-lhe um casaco de cabedal preto, um capacete branco e uma moto branca para se fingir um polícia

Um rapaz de 19 anos, filho de um polícia que trabalhava em motorizada, e que já tinha estado detido por crimes menores, foi um dos primeiros suspeitos. Acabaria por morrer de suicídio apenas quatro dias depois do roubo, ao ingerir cianeto de potássio. Isto veio a reforçar teorias sobre o seu envolvimento, mas a polícia nunca o confirmou.

A 10 de Dezembro de 1975, exactamente sete anos depois do sucedido, foi com "um pesar fúnebre" e "cabeças cabisbaixas", segundo uma descrição da AP, que responsáveis policiais compareceram em conferência de imprensa para anunciar que o crime prescrevera. "Peço muitas desculpas pelo fim da investigação a este acontecimento, mas quero transformar o nosso falhanço numa lição para o futuro", disse um polícia, cujo nome não é citado na notícia, mas que a agência fotográfica Getty identifica como sendo o superintendente Kuniyasu Tsuchida. Existe uma fotografia dele a fazer uma vénia enquanto assumia o fracasso. A investigação acabou por custar quase o triplo do valor do roubo.

Em 1988 expirou também o prazo para poder ser exigida uma indemnização, pelo que o ladrão poderia ter vindo a público assumir tudo sem que rigorosamente nada lhe acontecesse. Para desilusão dos trabalhadores da Toshiba que viram o seu dinheiro voar, mas para felicidade desta série de textos, ninguém o fez.

Mistérios por Arquivar é uma série de textos sobre crimes nunca resolvidos do P2 de Verão 2024. Porque os casos até podem estar arquivados, mas o mistério não prescreve.

Leituras

publico.pt/leituras



Sugestões

DR



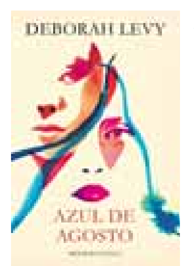
Ver a vida de demasiado perto

Basta a primeira vintena de páginas do mais recente romance da britânica Deborah Levy (n. 1959), *Azul de Agosto*, para que o leitor sinta uma quase compulsão para tentar descobrir até onde o vai levar aquela deriva melancólica da personagem e, sobretudo, qual a sua causa oculta.

Elsa M. Anderson, 34 anos, é uma pianista famosa. Três semanas antes, enquanto tocava o Concerto N.º 2, de Rachmaninov, no Salão Dourado, em Viena, abandonara a sala durante a actuação por ter deixado de saber onde estava. "A orquestra foi para um lado, o piano, para outro."

A narrativa começa com a protagonista em Atenas, poucas horas antes de apanhar um *ferry* para a ilha de Poros, onde vai dar três lições particulares de piano a uma criança. Mas antes, numa feira da ladra na capital grega, Atenas, dá-se um dos acontecimentos-chave do romance: Elsa vê uma mulher a comprar "dois cavalos mecânicos dançantes", uma mulher que parece ter mais ou menos a mesma idade da pianista e, como ela, veste "uma gabardina verde com o cinto bem apertado".

Este recurso literário ao "duplo", ao *doppelgänger*,



Azul de Agosto
Autoria: Deborah Levy (Trad.: Alda Rodrigues; Relógio d'Água; 184 págs., 18,50€. Já nas livrarias)

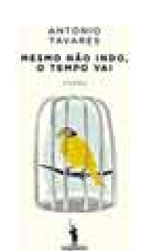
atravessará todo o romance como uma voz que mantém diálogos com a protagonista, fazendo-lhe reparos ou sublinhando certos aspectos para ela pouco conscientes. "Decidi pensar que a mulher que comprara os cavalos era a minha dupla. Escutava a voz dela como se fosse música, um estado de espírito ou, às vezes, uma combinação de dois acordes. Ela metia-me medo. Sabia mais do que eu."

No primeiro dia na ilha grega de Poros, ouve-a dizer-lhe: "Foges do teu talento e dos homens." E era de facto de uma fuga que se tratava. Mas qual seria a razão?

Elsa, a protagonista, fora abandonada pelos pais biológicos, vivera numa família de acolhimento até aos seis anos e até então tivera o nome de Ann. Foi o grande professor de piano Arthur Goldstein quem a adoptou, a ensinou e lhe deu o nome de Elsa. Nunca tivera vontade de procurar os pais biológicos, apesar de Arthur a ter informado, ainda criança, que ao completar dez anos poderia consultar "os documentos" de adopção.

Depois de ter abandonado a meio o concerto em Viena — nessa noite em que deixou de "habitar a tristeza de Rachmaninov" e se atreveu a viver a dela —, percebeu que a sua vida estava "desintegrada", "destroçada". E como lhe dizia a voz da mulher que comprara os cavalos, ela procurava agora sinais, "razões para viver". "Sabia que andava a fugir de tudo, mas não queria espetar um garfo na minha vida nem vê-la de demasiado perto."

José Riço Direitinho



Mesmo não Indo, o Tempo Vai
Autoria: António Tavares (D. Quixote; 182 págs., 14,90€. Já nas livrarias)

António Tavares (n. 1960) foi o vencedor do Prémio LeYa 2015 com o romance *O Coro dos Defuntos* — o retrato conseguido de uma certa ruralidade portuguesa, nas décadas de 1960 e 1970, numa escrita evocativa da obra de Aquilino Ribeiro. Acaba de chegar às livrarias a colectânea de contos *Mesmo não Indo, o Tempo Vai*. É quase uma vintena de histórias breves, que têm lugar em vários tempos e geografias, e com uma galeria de personagens inusitados: desde um homem que vive com um relâmpago dentro dele, aproveitando essa energia, até uma rapariga que engraxa esculturas de elefantes africanos de madeira e se surpreende quando o sexo deles muda de tamanho, passando por uma mulher que acaba por fazer uma transfusão de sangue de galinha.



Astrotopia
Autoria: Mary-Jane Rubenstein (Trad.: Frederico Pedreira; Zigurate; 238 págs., 19,60€. Já nas livrarias)

"Devemos explorar o espaço sideral?", pergunta Mary-Jane Rubenstein, filósofa da ciência e da religião, no final do seu livro *Astrotopia*. E responde: "Sim, se conseguirmos arranjar forma de o estudar sem provocar ainda mais estragos na sua e na nossa ecologia e sem agravar ainda mais a violência humana." Estamos no início de uma nova era: a da exploração do cosmos. E dois dos homens mais ricos do planeta — Elon Musk e Jeff Bezos — parecem ter um projecto: "A salvação da humanidade por meio da exploração espacial." A retórica usada não é nova, e *Astrotopia* mostra "o paralelismo entre a mitologia da tecnociência actual e a linguagem de vocação religiosa que no passado acompanhou o pioneirismo das conquistas coloniais terrestres".



Faina
Autoria: Marta Pais Oliveira (Gradiva; 360 págs., 19,50€. Já nas livrarias)

Faina é o segundo romance de Marta Pais Oliveira (n. 1990), que se estreou na literatura ao vencer o Prémio Revelação Agustina Bessa-Luís com *Escavadoras* (Gradiva, 2021). Retrata uma comunidade piscatória que um dia, na semana da Grande Pesca, arrasta as redes pelo areal. Nelas vem o que nunca se tinha visto sair do mar: "uma cadeira de pinho, uma mala fechada com aloquete dourado, um homem de fato", e ainda uma grafonola. É o início do século XX, e nesta praia atlântica convivem pescadores e alta burguesia, intelectuais e empresários. São personagens atravessadas pela paixão, pelo desalento, mas também pela esperança, que compõem o retrato de um país e de uma época em que a tradição se vai diluindo com a chegada do progresso.



Irão
Autoria: Ali M. Ansari (Trad.: Hugo Barros; Edições 70; 214 págs., 19,90€. Já nas livrarias)

Em muitos aspectos, a República Islâmica do Irão é um enigma para os observadores ocidentais: ao mesmo tempo, é uma "teocracia que aspira a um mandato popular" e um Estado com pretensões imperiais. Para Ali M. Ansari, professor de História do Irão na universidade escocesa de St. Andrews, o país reflecte a luta que "trava há quase dois séculos para conciliar as suas tradições com os desafios da modernidade". Esta História concisa do Irão contemporâneo começa com a viragem ocorrida no século XIX e vai até à "agitação civil que está actualmente a eclodir", passando por uma série de movimentos revolucionários que culminam na Revolução Islâmica de 1979, com o afastamento do Xá Reza Pahlevi e a subida ao poder dos *ayatollahs*.



Quem Somos e como Chegámos aqui
Autoria: David Reich (Trad.: David Marçal; Gradiva; 402 págs., 22€. Já nas livrarias)

David Reich, professor de Genética na Universidade de Harvard, é um dos pioneiros no estudo do ADN humano antigo à escala global. Neste livro, leva o leitor pelas descobertas do genoma humano, explicando como a revolução genómica está a transformar o que sabemos dos nossos antepassados e como os estudos de ADN (com a ajuda de trabalhos nas áreas da arqueologia e da linguística) revelam as raízes profundas da diversidade humana. "De onde viemos e o que diz isso sobre as populações actuais?", perguntam geneticistas como Reich, que estudam as diferenças biológicas entre as populações, sublinhando que essas diferenças não se ajustam aos estereótipos comummente aceites.

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
A Prisão 16h; **Uma Luz nas Trevas** 14h15; **Underground - Era Uma Vez um País...** M14. 21h; **Histórias de Bondade** M16. 18h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h10; **Geração Low-cost** M14. 16h, 19h30; **Sobretudo de Noite** M12. 17h30

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h10, 15h40 (VP); **Gru 4** M6. 11h, 16h20, 18h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 19h10 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 17h30, 21h; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h40; **Oh Lá Lá!** M12. 18h, 20h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 12h30, 15h20, 18h10, 21h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h50, 18h50, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h10, 13h50 (VP)

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
C.C. Glicinias, Lj 50. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h10, 14h, 19h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 16h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h15, 23h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h50, 00h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h20, 20h30, 23h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h50, 21h, 00h10; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h20 (VP); **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h30, 15h15, 18h, 20h45, 23h30; **Alien: Romulus** Sala Atmos - 12h45, 15h45, 18h50, 21h40, 00h30

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h10, 13h40, 16h, 18h25 (VP); **Gru 4** M6. 11h20, 14h, 16h30, 19h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 16h10, 18h50 (VP/2D), 10h50, 13h15, 15h40 (VP/3D), 21h50, 00h15 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 17h50, 20h40, 23h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h30, 18h10, 18h30, 21h, 21h30, 00h05; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h, 00h35; **Oh Lá Lá!** M12. 20h50, 23h20; **Borderlands** M12. 13h, 15h25; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h20, 18h20, 21h20, 00h20; **Alien: Romulus** M16. 14h10, 17h30, 21h10, 24h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h50, 18h40, 21h40, 00h25

Cineplace Nova Arcada - Braga
Harold e o Lápis Mágico M6. 12h, 14h, 16h, 18h, 20h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 15h30, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Xplace Atmos - 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP), 21h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. Xplace Atmos - 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 12h30 (VP); **Borderlands** M12. 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h, 18h40, 21h20; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h, 14h (VP); **Alien: Romulus** M16. 14h10, 16h40, 19h10, 19h30, 21h40, 22h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h30, 16h50, 19h10, 19h30, 21h30, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h30, 15h30, 17h30 (VP); **Alien: Romulus** M16. Xplace Atmos - 13h50, 16h20, 18h50, 21h20

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Divertida-Mente 2 18h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 16h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 21h30

Cinemas Nos Alma Shopping
Rua General Humberto Delgado. T. 16996
A Última Sessão de Freud M12. 20h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30, 17h20 (VP), 21h10 (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h30, 18h10 (VP), 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h, 15h40, 18h20, 21h ; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h30, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h10, 18h40, 21h40; **Armadilha** M12. 13h50, 16h30, 19h20, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h20, 17h40, 20h50; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 14h40, 18h30, 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h20, 19h10, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 14h10, 17h (VP)

Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h15, 17h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h20, 19h (VP), 22h (VO); **Tornados** M12. 21h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h45, 18h, 21h45; **Borderlands** M12. 19h30, 22h15; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h, 17h15, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h30, 17h30, 21h

Covilhã

Cineplace - Serra Shopping - Covilhã
C.C Serra Shopping, Avenida Europa, Lt 7.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h40, 15h40, 17h40 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 19h, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h20, 19h, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h (VP); **Alien: Romulus** M16. 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h30, 21h50; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 12h30, 14h20 (VP)

Figueira da Foz

Cinemas Nos Foz Plaza
Centro Comercial Foz Plaza, R. Condados. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h50, 16h15, 19h (VP), 21h20 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h40, 18h40, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h10, 17h, 19h50, 22h40; **Alien: Romulus** M16. 13h40, 16h30, 19h20, 22h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h, 14h30, 17h10, 19h40, 22h20

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 10h40, 12h15, 14h50 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 19h50, 22h35; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h40, 00h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 19h, 22h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h, 00h05; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h, 16h40, 19h20, 21h55; **Oh Lá Lá!** M12. 13h, 15h30, 17h50, 20h50, 23h30; **Armadilha** M12. 13h10, 16h20, 19h10, 21h50, 00h25; **Borderlands** M12. 17h30, 20h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h50, 22h, 23h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h50, 22h; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 12h10, 15h20, 18h20, 21h20, 00h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 15h10, 18h, 21h15, 00h20; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h10, 14h30, 17h15 (VP)

Guarda

Cineplace La Vie
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 19h, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h20, 19h, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h30 (VP); **Alien: Romulus** M16. 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 19h, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 12h30, 14h20 (VP)

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
25 de Abril, Silvares. T. 253539390
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h40, 16h45 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h45, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h50, 18h30, 21h10; **Alien: Romulus** M16. 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 16h50 (VP)

Castello Lopes - Guimarães Shopping
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h10, 17h10, 18h45 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 21h20; **Armadilha** M12. 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 15h50, 18h30, 21h10; **Alien: Romulus** M16. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h05 (VP)

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Divertida-Mente 2 M6. 14h15, 16h30, 21h15 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h45, 16h20, 18h55; **Alien: Romulus** M16. 18h45, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 16h (VP)

Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashoping, Lj 2.43. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h40, 18h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h30, 18h40, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h40; **Alien: Romulus** M16. 15h20, 18h, 21h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 15h50, 18h40, 21h30; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h20 (VP)

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes, Leça da Palmeira.
Harold e o Lápis Mágico M6. 10h40, 13h, 16h (VP); **Gru 4** M6. 10h15, 12h30, 14h50, 17h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h20, 12h40, 15h10, 17h50 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h30, 21h40, 00h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h, 15h20, 18h10, 21h10, 00h20; **Armadilha** M12. 20h40, 23h50; **Borderlands** M12. 20h50, 23h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 15h, 18h, 21h, 24h; **Alien: Romulus** M16. 12h20, 15h40, 18h40, 21h30, 00h25; **Balas e Bolinhos** 12h50, 15h30, 18h20, 21h20, 00h10; **Alien: Romulus** M16. Sala Imax - 13h10, 16h30, 20h30, 23h40

Cinemas Nos NorteShopping
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h20, 14h30, 17h, 19h30 (VP); **Gru 4** M6. 10h30, 13h05, 15h40, 18h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. Sala Atmos - 11h, 11h30, 13h50, 16h20, 19h (VP), 21h25 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** Atmos - 17h30, 20h30, 23h20; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala NOS XVISION Atmos - 12h10, 15h10, 18h10, 21h10, 00h10; **O Coleccionador de Almas** M16. Sala Atmos - 22h; **Borderlands** M12. Sala Atmos - 12h40, 15h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h20, 18h20, 21h20, 23h40; **Alien: Romulus** M16. 13h, 15h50, 18h40, 21h30, 00h20; **Alien: Romulus** M16. SCREENX - 14h, 16h30, 19h10, 21h50, 00h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 16h, 18h50, 21h, 21h40, 23h50, 00h30

Estreias

Alien: Romulus

De Fede Alvarez. Com Isabela Merced, Cailee Spaeny, Archie Renaux. EUA/GB. 2024. 119m. Terror, Ficção Científica. M16.
Com realização do uruguaio Fede Álvarez, este filme segue jovens colonizadores que ao explorarem uma estação espacial abandonada se deparam com perigosos seres alienígenas.

Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa

De Luis Ismael. POR. 2024. Com Jorge Neto, Luís Ismael, J. D. Duarte e João Pires. 113m. Comédia. M14.
Rato, Tone, Culatra e Bino, o mais famoso grupo de “cromos“ do Norte, são obrigados a regressar às origens, que é o mesmo que dizer às casas dos pais e têm mais algumas coisas para dizer.

Sobretudo de Noite

De Víctor Iriarte. Com Lola Dueñas, Ana Torrent, Manuel Egozkue , María Vázquez. FRA/ESP/POR. 2023. Drama, Negro. M12.
Na juventude, Vera deu o seu filho para adopção, passando o resto da vida a tentar recuperá-lo. Cora, que nunca conseguiu engravidar, optou por cuidar de uma criança sem família. Um dia as duas mulheres encontram-se. São ambas mães de Egoz, que está prestes a fazer 18 anos.

Gracie e Pedro - Dupla Improvável

De Kevin Donovan, Gottfried Roodt. Com Bill Nighy (Voz), Brooke Shields (Voz), Danny Trejo (Voz), Al Franken (Voz). África do Sul/CAN/EUA. 2024. 87m. Animação, Comédia. M6.
Gracie é uma cadelinha de raça pura, orgulhosa e cheia de si; Pedro é um gato auto-suficiente que, apesar de muito acarinhado, nunca chegou a deixar alguns dos seus hábitos de vadio. Os dois tinham uma relação difícil até se perderem dos donos.

Harold e o Lápis Mágico

De Carlos Saldanha. Com Zachary Levi , Zooey Deschanel. EUA. 2023. 82m. Animação. M6.
Quando uma história é escrita, as personagens ficam presas ao papel. Mas o que aconteceu a Harold foi algo bastante inusitado. Criado dentro de um livro, ele tem um lápis mágico que materializa absolutamente tudo o que é possível desenhar. Um dia, decide desenhar uma porta que o faz atravessar para o mundo real.



As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	—
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low-Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Lazer

EXPOSIÇÕES

Jaime Isidoro: O Pai das Bienais
VILA NOVA DE CERVEIRA Biblioteca Municipal. De 15/8 a 15/9. Todos os dias, das 10h30 às 12h30 e das 14h às 19h (a partir de 3/9, aberto de terça a sexta, das 14h às 18h, e sábado, das 10h às 13h e das 14h às 18h). Grátis
Integrada na 23.ª Bienal Internacional de Arte de Cerveira, a mostra acompanha o legado de Jaime Isidoro (1924-2009). De foco documental, reúne cartazes, fotografias, recortes de imprensa e três obras que assinalam os períodos em que o pintor português colaborou com a bienal, nos anos de 1978, 1992 e 2007. A curadoria vem assinada por Helena Mendes Pereira.

Despojos de Guerra
PORTO Centro Português de Fotografia. De 20/4 a 20/10. Terça a sexta, das 10h às 18h; sábado, domingo e feriados, das 15h às 19h. Grátis
É nas pessoas com deficiência das Forças Armadas portuguesas e nos feridos da Guerra Colonial (1931-1974) que se centra o ensaio de fotografia documental assinado por Leonel de Castro. Com "técnicas que vão do pioneirismo da fotografia ao suporte digital", nota a folha de sala, retrata histórias de "resistência e superação dos jovens soldados daquele tempo, que tiveram de lutar para a sociedade os aceitar como os homens inteiros que são". Não restringe o foco a Portugal. Capta "o outro lado, menos conhecido por cá, dos que combateram pelos movimentos independentistas, em Angola, em Moçambique e na Guiné-Bissau", acrescenta, "mas também dos africanos que integraram o Exército português".

Ainda, Um Elefante na Sala
ÁGUEDA Centro de Artes. De 18/5 a 13/10. Terça a sábado, das 14h às 19h; domingo, das 14h às 18h. Grátis
Nuno Nunes-Ferreira, Inês Neto dos Santos, Iratxe Larrea, Miguel Januário, Susana Mendes Silva, Ana Pérez-Quiroga, José de Guimarães e Karin van der Molen estão entre os 17 artistas representados na mostra, que se centra na expressão-fenómeno que evoca "realidades ou dilemas tão óbvios que não podem ser simplesmente ignorados", nota a folha de sala. A curadoria é de Cláudia Melo e Lala de Dios.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



EuroDreams 

1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

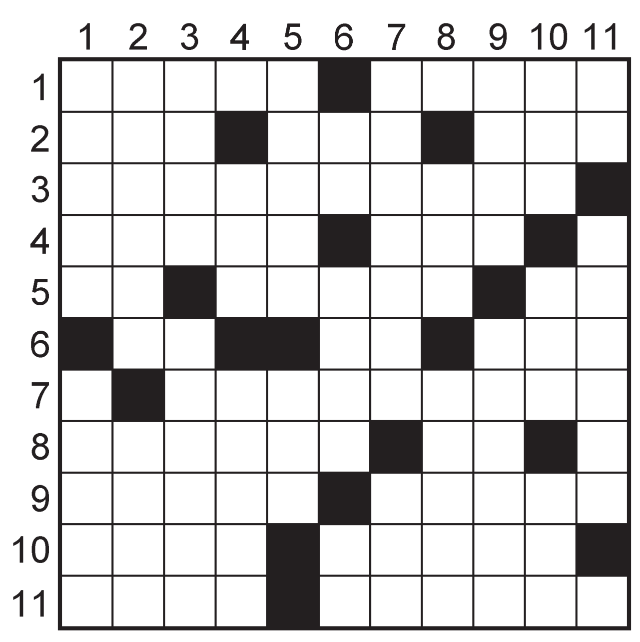
Lotaria Clássica 

1.º Prémio 600.000€
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.528

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Ribeira (...), concelho da Madeira onde, na quarta-feira, deflagrou o incêndio que já queimou mais de 7 mil hectares. Esquecimento (fig.). **2.** Dança de origem escocesa. Como Eva no Paraíso. Organização Internacional do Trabalho. **3.** Deslocados com bolsa, vão receber 40 euros por mês para deslocações. **4.** De Goa. Entregou. **5.** Autoridade Tributária e Aduaneira. Ascender. Samário (s. q.). **6.** Austrália (Internet). Prefixo que exprime a ideia de privação. Sigla de very important person. **7.** Taxa (...), num ano, mais do que duplicaram os municípios nacionais que a aplicam. **8.** Antífrase. Orçamento do Estado. **9.** Desafio. (...) Pinto Coelho, fundadora do Procópio. **10.** Acidez do estômago. Óbvio. **11.** Ouvir-se. Segundo o relato do Novo Testamento, estava morto há quatro dias quando Jesus o ressuscitou.
Verticais: 1. Pouco elegante (Brasil). Farripas. **2.** Galhofa. Oro. **3.** Acabamento de licença. Quimera. **4.** Alguns. Subornar. **5.** Deu passos. "De monte a monte vai o (...)". **6.** Universidade de Aveiro. Reentrância da costa cujas dimensões se encontram entre as da enseada e as do golfo. Símbolo de centilitro. **7.** Povos indígenas dos sertões de Moçambique. Deus do Islamismo. **8.** Possuir. Muito tolo. **9.** Importunou (fig.). Tim (...), em Portugal, tornou-se conhecido por ter sido um dos "tubarões" do programa de televisão Shark Tank. **10.** Anotação musical para indicar repetição. Textualmente (adv.). Coloração. **11.** Sigla de Obrigações do Tesouro. Igualdade.

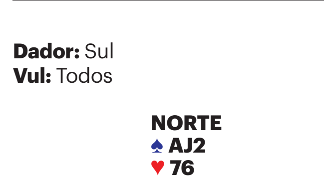


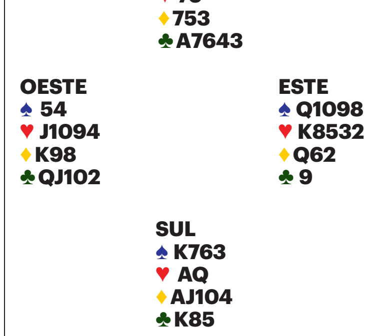
Solução do problema anterior:
Horizontais: 1. Delon. Ovado. **2.** Aluna. Pagar. **3.** De. Ducado. **4.** Ca. Inca. **5.** Hospitais. **6.** Meu. Lar. Aio. **7.** MCI. Doar. **8.** Emhoff. Ur. **9.** Clipe. Alote. **10.** Harare. Aval. **11.** Atorar. Rodo.
Verticais: 1. Dado. Ucha. **2.** Ele. Hem. Lat. **3.** Lu. Couceiro. **4.** Ondas. Impar. **5.** Nau. Pl. Hera. **6.** Criado. Er. **7.** OPA. Trofa. **8.** Vadia. Aflar. **9.** Agoniar. Ovo. **10.** Da. Csi. UTAD. **11.** Orca. Ourelo..

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Sul
Vul: Todos





Oeste	Norte	Este	Sul
			1ST
passo	3ST	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: J ♥. Aparece o Rei de copas em Este e o Ás faz a primeira vaza. Como continuaria?

Solução: Estão lá sete vazas garantidas: duas espadas, duas copas, o Ás de ouros e dois paus. É necessário encontrar pelo menos mais duas e sem ceder mais do que uma vez a mão, porque já só sobra uma paragem a copas. Uma boa possibilidade é a de encontrar os paus divididos 3-2, mas não é a única. Existe também uma esperança no naipe de ouros (dupla passagem e divisão 3-3, ou Rei e Dama em Este), e até as espadas tem algo a oferecer (passagem à Dama e divisão 3-3). O ideal seria ter todos os ovos no mesmo saco. Como?
Comece por tirar o Rei e o Ás de paus, por esta ordem, e se qualquer golpe em branco. Com esta manobra permite constatar a repartição dos paus. Se todos insistirem, já só é necessário ceder uma vaza a paus e o contrato está resolvido. Mas, quando um dos adversários apresenta apenas uma carta, estamos no morto para tentar uma primeira passagem a ouros e tentar explorar esse naipe, antes de perceber se realmente será necessária a passagem à Dama de espadas.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			passo
1♦	1♠	X	?

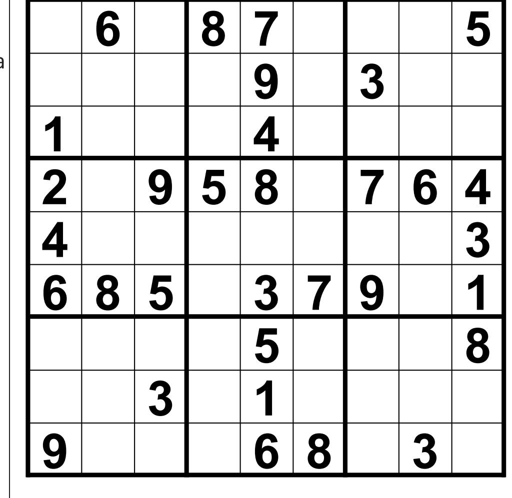
O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠ K1086 ♥ A10864 ♦ 4 ♣ 972

Resposta: Marque 2 ♦. O cuebid mostra um convite a partida em espadas. E, de facto esta mão vale isso: 7 pontos de honra, mais 2 pelo singleton a ouros e ainda mais 2 pelo trunfo extra, 11 ao todo que é o mínimo prometido pelo cuebid.

Novos cursos de Bridge estão aí à porta: novos horários em Setembro e Outubro e em diferentes níveis, desde o zero até aos mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

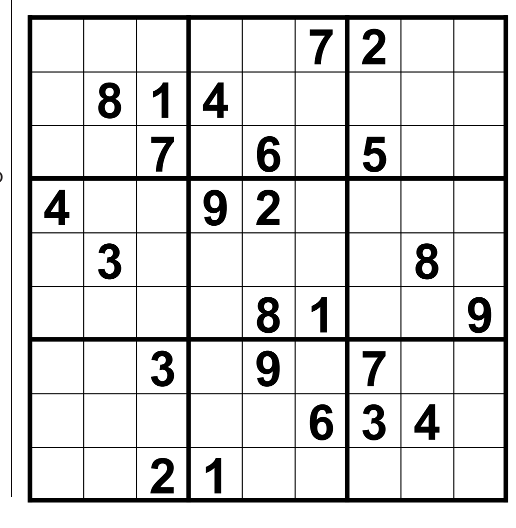
Problema 12.820 (Fácil)



Solução 12.818

9	7	2	1	8	6	5	3	4
3	4	5	7	9	2	6	1	8
6	1	8	3	5	4	7	9	2
5	9	4	2	3	7	1	8	6
7	3	6	8	1	9	4	2	5
8	2	1	4	6	5	9	7	3
4	8	9	6	2	1	3	5	7
1	6	3	5	7	8	2	4	9
2	5	7	9	4	3	8	6	1

Problema 12.821 (Difícil)



Solução 12.819

2	3	7	5	1	9	4	8	6
8	1	4	2	7	6	3	5	9
9	5	6	3	8	4	2	1	7
5	6	9	1	4	2	7	3	8
3	8	2	7	9	5	6	4	1
7	4	1	8	6	3	9	2	5
4	9	5	6	2	1	8	7	3
1	2	8	9	3	7	5	6	4
6	7	3	4	5	8	1	9	2

CINEMA

Amor de Improviso
Cinemundo, 20h25
O cómico de *stand-up* Kumail Nanjiani, conhecido pelo papel na série *Silicon Valley*, e a argumentista e escritora Emily V. Gordon são casados e escreveram este filme baseado na relação entre os dois. Nanjiani nasceu no Paquistão e mudou-se para os Estados Unidos ainda adolescente. Os pais, na terra natal, esperavam que ele se casasse com uma compatriota, mas Nanjiani apaixona-se por Emily, uma estudante americana. Como se não bastassem as diferenças e o casamento que os pais lhe querem arranjar, quase logo a seguir, por causa de uma doença, ela entra em coma. Uma comédia dramática realizada por Michael Showalter, da comédia de *sketches* dos anos 1990 *The State* e um dos responsáveis por *Wet Hot American Summer* (tanto o filme quanto as duas séries), com produção de Judd Apatow. Kumail faz dele próprio, enquanto Emily é interpretada por Zoe Kazan. Nomes como Holly Hunter, Ray Romano, Bo Burnham, Aidy Bryant, Kurt Braunohler ou David Alan Grier surgem ao lado de ambos no elenco. Nomeado para o Óscar de melhor argumento original.

Hancock
AXN Movies, 21h10
Will Smith veste a pele de John Hancock, um super-herói completamente, mas completamente diferente do habitual. É certo que voa e que tem poderes e tal. Mas ao mesmo tempo é mulherengo, alcoólico e um poço de problemas. Comédia sobre um herói incompreendido, ainda com Charlize Theron e Jason Bateman. Este filme de 2008 foi realizado por Peter Berg, criador de *Friday Night Lights*, e co-escrito por Vince Gilligan, criador de *Breaking Bad* e *Better Call Saul*.

SÉRIES

Terror Tuesday: Extreme
Netflix, *streaming*
Estreia. Nesta série de terror tailandesa, uma antologia, é dada vida a histórias macabras que foram contadas num célebre programa de rádio local chamado *Angkhan Khlumpong*, cheias de reviravoltas e acontecimentos bizarros. Uma criação de Chayan Laoyodtrakool, não tem medo de sangue, vísceras e gritos.

Enfermeira ao Domicílio
RTP2, 14h05
Uma enfermeira no campo. É essa a premissa desta série alemã que durou entre 2016 e 2022. Vera muda-se de Berlim para o campo, onde cuidará de vários pacientes da sua maneira muito própria numa zona sem muitos médicos.

DOCUMENTÁRIOS

McConnell, The Gop & The Court
RTP3, 20h
Desde 1985 que o republicano Mitch McConnell é senador pelo estado do Kentucky, sendo líder do seu partido no senado e tendo tido várias posições de chefia. Este documentário, um episódio do programa de investigação jornalística *Frontline*, da CBS, foca em como o político teve um impacto no Supremo Tribunal de Justiça americano e ajudou a tornar o sistema de justiça ainda mais conservador.

Pelo Espelho do Escritor com Percival Everett
RTP2, 22h49
O método de trabalho de Percival Everett (n.1956), o autor de livros como *Erasure*, *I Am Not Sidney Poitier*, *American Fiction*, que no ano passado deu origem a um filme nomeado para Óscares, ou *As Árvores*, que chegou aos finalistas para o Booker Prize de 2022, é analisado por Alexandre Westphal neste documentário sobre o escritor e professor cuja obra atravessa vários géneros literários.

Untold: The Murder of Air McNair
Netflix, *streaming*
Estreia. Steve "Air" McNair jogou 13 temporadas na NFL, a liga de futebol americano, passando pelos Houston Oilers, os Tennessee Titans e os Baltimore Ravens. Em 2009, aos 36 anos, este *quarterback* que estava reformado há pouco mais de um ano foi brutalmente assassinado pela namorada, que depois se suicidou. Este documentário olha para o caso, traçando a ascensão do jogador e os contornos do crime e da investigação, prometendo trazer uma nova perspectiva e novos factos à história.

MÚSICA

Domenico Lancellotti ao Vivo
RTP2, 00h11
Músico e produtor brasileiro com poiso em Lisboa que trabalhou com nomes como Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto, entre muitos outros, Domenico Lancellotti, que lançou *sramba* no ano passado, actuou no início de 2021 na Escola do Largo.

Televisão

Os mais vistos da TV
Domingo, 18

		% Aud.	Share
Jornal da Noite	SIC	9,3	20,1
Dilema	TVI	8,6	17,6
Dilema - Os Capitães	TVI	8,5	20,8
Primeiro Jornal	SIC	7,6	22,1
Parece Impossível	SIC	6,6	13,7

FONTE: CAEM

RTP1	8,5%
RTP2	0,6
SIC	12,9
TVI	14,2
Cabo	44,9

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.20** Amor Sem Igual **15.18** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.02** O Preço Certo **19.54** Direito de Antena

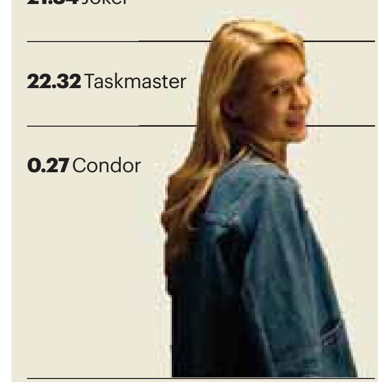
19.59 Telejornal

21.01 Salto de Fé

21.34 Joker

22.32 Taskmaster

0.27 Condor



2.06 Terra Europa **2.30** Amor Sem Igual

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **7.33** Espaço Zig Zag **13.07** Artes do Mar **13.33** A Conversa dos Outros **14.09** Enfermeira ao Domicílio **15.35** A Fé dos Homens **16.09** Os Pequenos Habitantes da Costa **17.03** Espaço Zig Zag **20.35** Heróis de Verde **21.30** Jornal 2 **22.01** O Veterinário de Província

22.49 Pelo Espelho do Escritor com Percival Everett



0.11 Domenico Lancellotti ao Vivo **0.49** Sangue em Viena **1.36** A Hora dos Lobos **2.34** Prova Oral **3.53** A Casa dos Violinos - Três Gerações da Família de Luthiers Capela **4.33** O Espectador Espantado **5.43** Painéis de São Vicente de Fora - Visão Poética

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.05** Júlia **18.30** Terra e Paixão **19.57** Jornal da Noite

22.05 A Promessa

22.50 Senhora do Mar

0.05 Nazaré

0.45 Papel Principal - A Vingança

1.00 Travessia

1.45 Passadeira Vermelha **3.05** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.40** A Sentença **15.50** A Herdeira **16.35** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.30 Dilema

22.05 Cacau

23.05 Festa É Festa

0.00 Dilema

1.55 Autores

2.50 O Beijo do Escorpião

3.20 Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

16.10 Missão de Resgate **17.55** A Terra Prometida **19.55** Nocebo **21.30** DogMan (2023) **23.20** Caçados **0.50** O Solista **2.45** Sullivan's Crossing

STAR MOVIES

15.20 O Legado de Bourne **17.26** Jason Bourne **19.21** Colateral **21.15** Desejo de Vingança **22.54** Sem Rendição **0.53** Black Water: Perigo no Oceano **2.33** D-Tox

HOLLYWOOD

16.20 Gravidade **17.50** Blood Work - Dívida de Sangue **19.45** Força da Natureza **21.30** Inesquecível (2017) **23.15** Emboscada (2013) **1.00** Blade Trinity: Perseguição Final **2.55** Acima de Qualquer Suspeita

AXN

16.32 S.W.A.T.: Força de Intervenção **18.07** The Rookie **21.12** Hudson & Rex **22.54** Jiu Jitsu **0.45** Hudson & Rex

STAR CHANNEL

17.18 Investigação Criminal: Los Angeles **18.57** Magnum P.I. **20.31** Hawai Força Especial **22.15** Tracker **23.00** Chicago P. D. **0.40** Magnum P.I.

DISNEY CHANNEL

16.30 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.15** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande **20.50** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

16.25 Mestres do Restauro **18.13** Os Mestres do Restauro: o Workshop **21.00** Maine Cabin Masters **22.54** Os Mestres do Restauro: o Workshop **0.40** Maine Cabin Masters **2.18** A Maldição do Triângulo das Bermudas

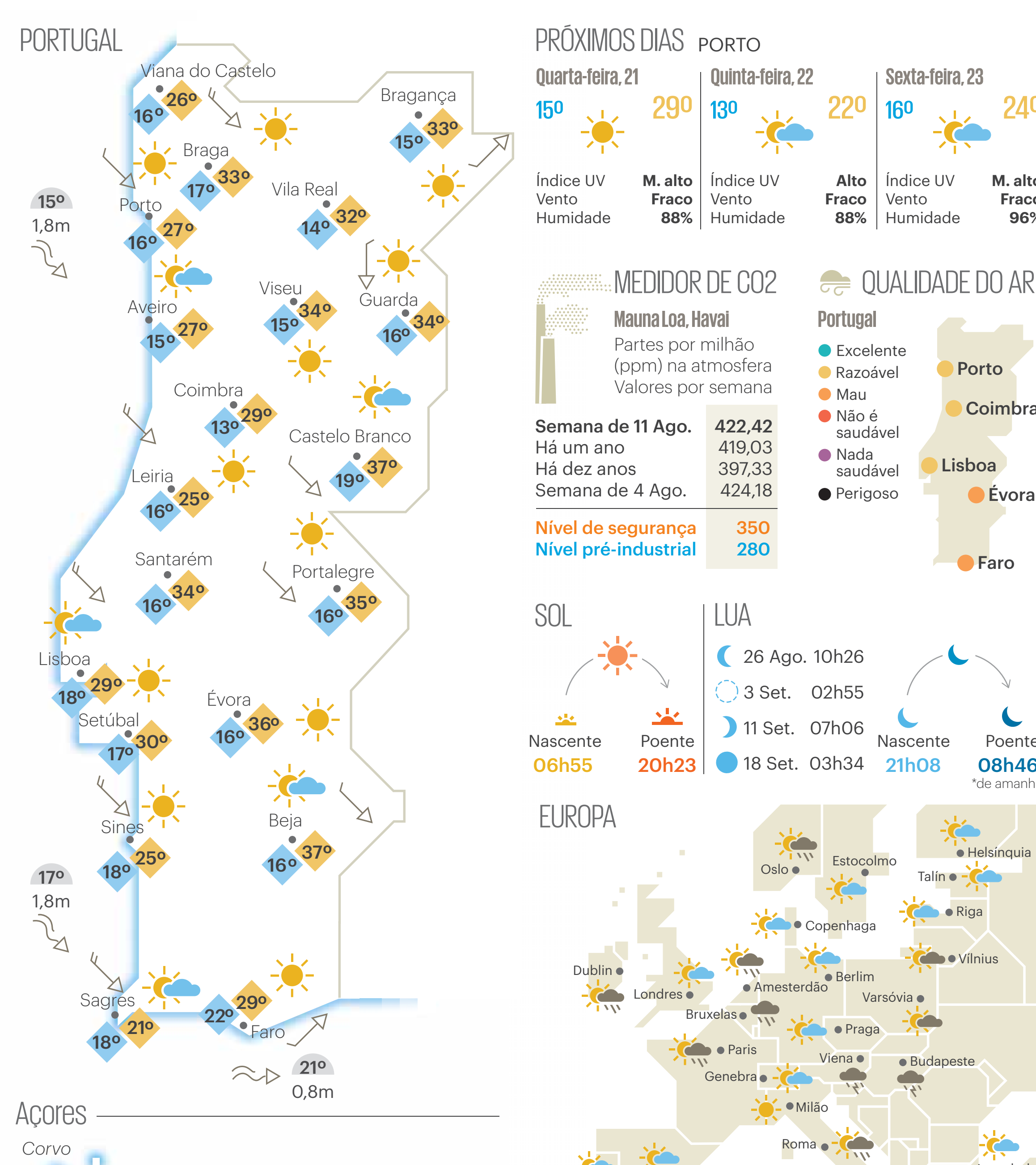
HISTÓRIA

16.02 Mistérios no Gelo **20.13** Mistérios na Selva **22.15** Mistérios do Museu **0.00** Os Maiores Mistérios da História Militar

ODISSEIA

15.19 Obreiros da Natureza **18.00** O Universo **20.12** Clima Extremo Viral **21.40** Clima Letal **1.01** Clima Extremo Viral

Meteorologia



PRÓXIMOS DIAS PORTO

Quarta-feira, 21		Quinta-feira, 22		Sexta-feira, 23	
15º	29º	13º	22º	16º	24º
Índice UV	M. alto	Índice UV	Alto	Índice UV	M. alto
Vento	Fraco	Vento	Fraco	Vento	Fraco
Humidade	88%	Humidade	88%	Humidade	96%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 11 Ago.	422,42
Há um ano	419,03
Há dez anos	397,33
Semana de 4 Ago.	424,18
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

Nascente 06h55
Poente 20h23

LUA

- 26 Ago. 10h26
- 3 Set. 02h55
- 11 Set. 07h06
- 18 Set. 03h34

Nascente 21h08
Poente 08h46*
*de amanhã

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	14	23	Roma	20	30
Atenas	24	32	Viena	21	30
Berlim	19	27	Bissau	25	30
Bruxelas	12	24	Buenos Aires	10	12
Bucareste	21	37	Cairo	26	38
Budapeste	21	34	Caracas	19	31
Copenhaga	16	23	Cid. do Cabo	12	18
Dublin	11	17	Cid. do México	14	26
Estocolmo	14	23	Díli	22	32
Frankfurt	16	27	Hong Kong	26	27
Genebra	14	28	Jerusalém	19	32
Istambul	21	32	Los Angeles	19	32
Kiev	21	36	Luanda	20	25
Londres	12	23	Nova Deli	26	32
Madrid	21	36	Nova Iorque	14	23
Milão	21	32	Pequim	23	29
Moscovo	13	23	Praia	24	30
Oslo	15	19	Rio de Janeiro	19	30
Paris	12	23	Riga	13	22
Praga	17	26	Singapura	25	30

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

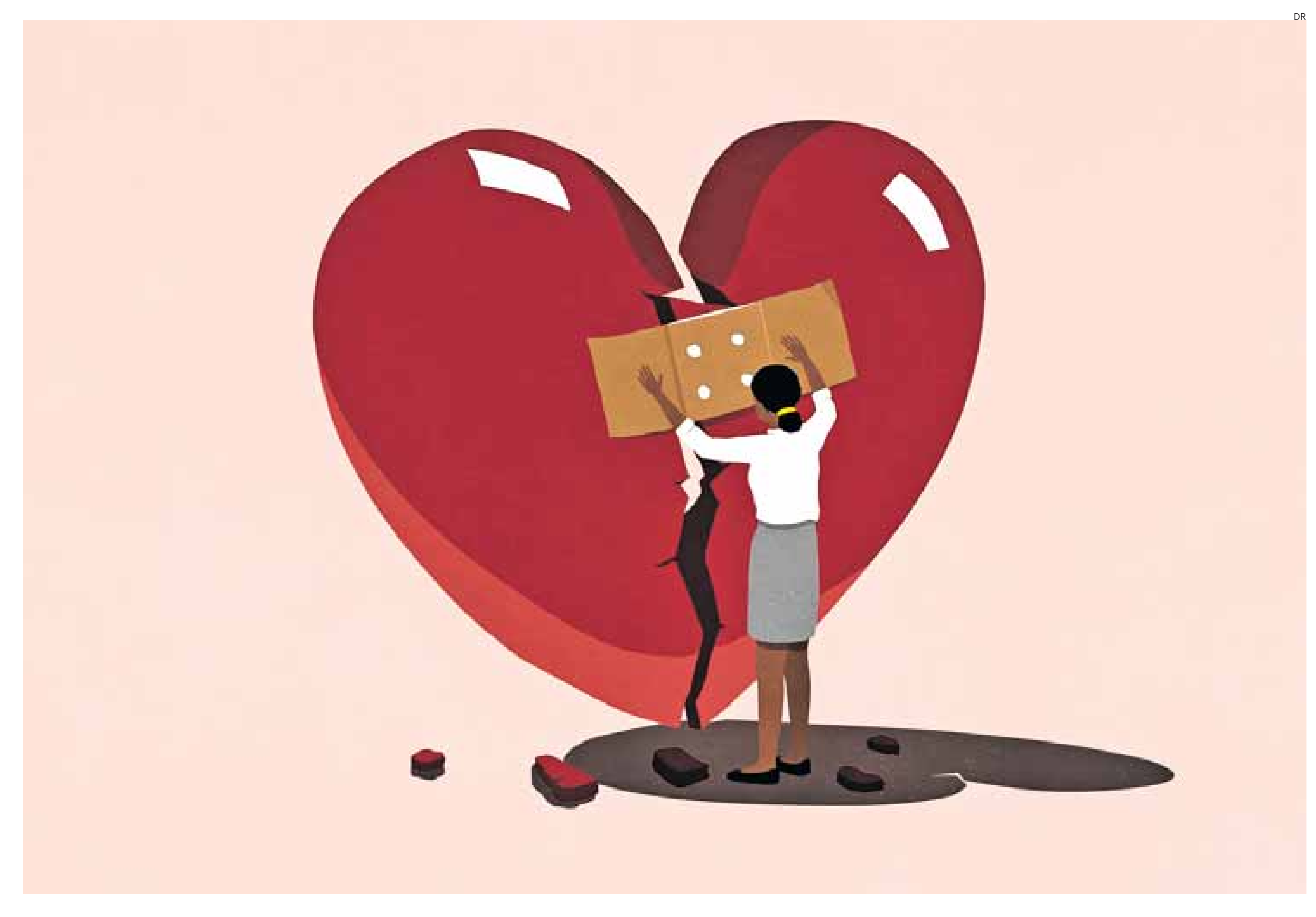
Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
10h01	0,5	09h36	0,6	09h33	0,5
16h16	3,8	15h52	3,8	16h02	3,6
22h32	0,3	22h07	0,4	22h02	0,3
04h42*	3,5	04h19*	3,6	04h25*	3,5

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Como lidar

Como lidar, um *podcast* do P3 para ouvir às terças-feiras
Oiça em publico.pt

DR



Como lidar com uma traição?

A psicóloga Margarida Rufino ajuda a entender que passos podem ser dados para uma reconciliação. Ou como lidar com o término que pode resultar de uma traição

Mariana Durães

Descobrir uma traição é uma das manchas mais profundas de uma relação. Determina o fim de muitas; outras, com muito trabalho, conseguem resistir. A ideia de que a relação é indestrutível é abalada e podem começar ciclos de cobrança e de exigências.

Para a pessoa traída, a auto-estima pode ficar destruída e os sentimentos de culpabilização podem tornar-se avassaladores. A psicóloga Margarida Rufino dá algumas dicas para melhor lidar com a situação.

Fui traído. O que devo fazer?

"Existem vários 'dependes'", começa a psicóloga. Depende, em primeiro lugar, "se a pessoa traída acredita que a relação vai poder resultar" depois de uma traição. Depois, depende de há quanto tempo a traição acontece ou como a traição é descoberta. Haver filhos ou não pode ser também determinante nos passos seguintes.

Avaliados estes factores, é importante perceber se "o casal deseja reconstruir" a relação ou se prefere, por outro lado, terminá-la. "Todo este processo é extremamente doloroso, é caótico, leva a várias discussões, várias cobranças e desconfianças que precisam de ter espaço para depois serem, ao longo do tempo, contidas", explica Margarida Rufino.

É muito frequente que exista "um inquérito quase pormenorizado" por parte da pessoa traída: perguntas como "como é que aconteceu, com quem, porquê" são comuns e legítimas. "A pessoa que é traída precisa de ter esse espaço", assegura. "Por mais que a pessoa que traiu se comprometa à honestidade, nem sempre a pessoa traída percebe o que se passou e vai à procura do porquê."

Do outro lado, a pessoa que trai "deve comprometer-se a cortar com a relação extraconjugal". Podem existir novas condições para a relação por parte da pessoa que foi traída – caso existam, é importante que elas sejam "comunicadas claramente", mas também que sejam "realistas e viáveis". Não é razoável que a pessoa traída peça que a outra pessoa deixe de sair de casa, por exemplo.

> **Com "conversas honestas e comportamentos reconfortantes" a pessoa que trai pode ajudar à cura**

Ainda que responder a todas as perguntas possa não ser fácil para a pessoa que traiu, elas devem ter lugar, até para evitar cenários de "imaginação fértil".

Como evitar sentimentos de desconfiança e rancor?

O próprio processo de cura da pessoa traída inclui, muitas vezes, "ciclos de cobrança", em que se relembra "continuamente à outra pessoa aquilo que ela fez". Há também, muitas vezes, uma desconfiança que se mantém.

Não há, infelizmente, uma fórmula certa para lidar com isto, apenas alguns comportamentos que podem ajudar. "Conversas honestas e comportamentos reconfortantes" por parte da pessoa que trai são essenciais. "A pessoa traída está muito magoada, com uma auto-estima destruída e é preciso tempo e muita empatia", afirma Margarida Rufino. Para que haja uma reconstrução, é necessário que existam "várias conversas honestas sobre como é que as pessoas se sentem e sobre o que realmente aconteceu".

A ideia de que a relação é indestrutível é "completamente abalada" e é comum que a pessoa traída acabe por se tornar "muito exigente". "Não conseguindo sair disso, após meses de conversa e tentativas de remediação da relação, o importante é procurar um profissional que ajude nesses casos."

Outro desafio é o estigma que continua a haver em relação ao perdão de uma traição. "É visto como uma fraqueza, muitas vezes até pelas pessoas que estão à nossa volta, pela nossa rede." A dificuldade em alhear-se desse estigma pode resultar no isolamento do casal ou da pessoa traída que perdoa e que não se sente compreendida. Pode ser necessário encontrar um profissional para ajudar a lidar com as pressões externas.

E se a relação acabar?

Há que enfrentar as diversas fases de um término: negação, procura, raiva, "pensar como é que a pessoa nos pode ter feito isso" são estágios comuns. Depois de restabelecidos destas emoções, podemos sentir a nascer em nós "uma sensação de perda e de tristeza associada a essa perda".

Nesta fase, é importante contar com quem é importante para nós: "Não é um luto fácil, porque nos faz pôr em causa quem somos, o que demos, coloca-nos num lugar de insuficiência, faz-nos sentir muita raiva e nojo, dá-nos vontade de vingança", refere a psicóloga.

Pode trazer também sentimentos de culpa, de "assumir que a traição é um resultado de a relação não estar bem" por outros motivos que já poderiam até ter sido previamente identificados. "Podemos sentir que não demos o suficiente a nível emocional ou sexual, por exemplo. Isso precisa de ser desconstruído para que não levemos resíduos dessa ex-relação para outras novas relações."

Questionário Pós-Proustiano

MATILDE FIESCHI



Madalena Sá Fernandes

A minha avó disse-me para eu aproveitar para usar minissaias



Madalena Sá Fernandes é escritora e cronista

Em que situações se considera um "chato/a"?
Chato de incómodo: a guiar, para quem vai comigo, porque não sou boa condutora e engano-me muito no caminho. Chato de aborrecido? A falar de livros com alguém que não lê.

Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Sou compulsiva, quase tudo aquilo de que gosto se torna depressa um vício. Orgulho-me do vício da leitura e gostaria de não ter o do telemóvel.

Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai)...
Maria Filomena Molder, Frederico Lourenço e Maria João Pires.

Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Já, durante a minha infância tive alguns e, mais recentemente, sempre que há uma situação que me ponha à prova, sobretudo falar em público. O último que tive foi numa entrevista para um mestrado.

E já se sentiu profundamente exausto? Foi *burnout*?
Tenho duas filhas com um ano de diferença, passei pelo pós-parto de uma ao mesmo tempo que a gravidez de outra. Foi quando me senti mais exausta. Mas nunca tive *burnout*.

Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que diria?
Diria para não me pedirem a mim.

É vegetariano, vegan, faz alguma dieta especial? Porquê?
Não faço nenhuma dieta, adoro comer.

Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
O último que vi foi com as minhas filhas, o *Divertidamente 2*. O último de que gostei foi o *Pierrot le Fou*.

Qual o seu maior arrependimento?
Ter ficado tempo de mais onde não devia.

Qual foi a última vez que se surpreendeu?
Quando descobri a Anne Carson.

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma e porquê?
Uso muito o Instagram. Desisti do LinkedIn porque não sou fã da rede nem do conceito de *networking* no geral.

Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Não tanto de alguma coisa que escrevi. Mas já me arrependi de várias de coisas que publiquei nas redes sociais. Sobretudo de imagens que correspondiam a uma ilusão.

Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Nunca me zanguei com um amigo a ponto de cortar relações. Trago os meus amigos comigo, a maioria desde a infância. O meu grupo é ainda o mesmo dessa altura. De alguns afastei-me naturalmente, mas nunca me zanguei.

Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
É o elogio disfarçado, aquele de que saímos com a sensação de termos sido apunhalados. Já me disseram: "Tens um cabelo lindo. Se tratasses melhor dele..." O pior deste estilo que já ouvi foi à minha mãe, quando lhe disseram: "Ninguém lhe dava a idade que tem, se não fosse pela cara..."

Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Viveria na Quinta de Palmyra do Ramon Gomes de la Cerna. Passa-se no Estoril, onde já vivo, mas mudava-me para essa casa.

Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
No Rio de Janeiro. Porque vivi lá quatro anos e é mesmo casa para mim.

Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
A minha mãe sempre me disse "quando não souberes o que fazer, não faças nada" e a minha avó disse-me para eu aproveitar para usar minissaias porque depois vêm as varizes e vou ter saudades.

BARTOON LUÍS AFONSO










Entre Trump e o Rato Mickey, eu votaria no Rato Mickey

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares



MICHAEL REYNOLDS/LUSA

Kamala Harris pode vir a ser uma boa Presidente dos Estados Unidos? Ninguém sabe. Ela é um ponto de interrogação com 1,63 metros de altura. O seu currículo como vice-presidente é apagado, e há quem tema que possa vir a deslocar o Partido Democrata ainda mais para a esquerda, afastando-se do esforço centrista de Joe Biden. Kamala não é certamente comunista, como Donald Trump gosta de lhe chamar, mas tem feito um grande esforço para não mostrar aquilo que é, com a sua estratégia de comunicação a apostar tudo nos perfis pessoais e a fugir a sete pés das entrevistas substanciais.

O insuspeito *New York Times* dizia nesta segunda-feira que a campanha de Kamala tem sido alimentada pelo "calor" e pelos "bons sentimentos" do Partido Democrata, que é como quem diz, muita paixão e pouca razão. Cito: "Quando Hillary Clinton se candidatou a Presidente em 2016, ela tinha mais de 200 propostas políticas. Há quatro anos, Joe Biden apresentou um programa de 110 páginas. Até ao momento, Kamala Harris não tem uma única página com propostas políticas no seu *site* de campanha."

A estratégia é clara: refugiar-se em expressões inspiradoras mas muito vagas, como a aposta numa "economia de oportunidades"; concretizar o menos possível, aproveitando o facto de a campanha ir decorrer num intervalo inesperadamente curto; e apostar tudo nos seus dois grandes trunfos, a saber: 1) Kamala Harris não corre o risco de ficar senil na Casa Branca, como Joe Biden; 2) Kamala Harris não constitui uma ameaça para a democracia americana, como Donald Trump.



Não dá para jogar futebol com quem remata à baliza com as mãos. A democracia tem regras

É um facto que estes dois trunfos são 100% passivos e 0% activos. Nenhum deles tem qualquer mérito, na medida em que há aproximadamente 300 milhões de americanos que partilham ambas as características. Mas são, ainda assim, dois trunfos imbatíveis. Se eu fosse americano, votaria de caras em Kamala Harris, ainda que possa discordar das suas políticas. Aliás, se eu fosse americano, votaria de caras no Rato Mickey, porque tanto Kamala como Mickey têm a mais inestimável das qualidades: não são Donald Trump.

O meu problema com Trump está muito para além do "*grab'em by the pussy*", da sua interminável colecção de mentiras e ordinarices ou das suas más leis. O meu problema com Trump é, em boa medida, pré-ideológico, entendendo aqui por ideologia as diferentes ideias políticas que coexistem dentro do quadro de uma democracia liberal. Não se trata de ele ser muito à direita, muito conservador, muito anti-imigração, muito populista – tudo isso são posições discutíveis e debatíveis. O meu problema é ele não ter respeitado os resultados eleitorais de 2020. Andou meses sem fim a queixar-se de fraude, e ainda hoje não admite que perdeu as eleições de forma legítima. Pior: escolheu um vice-presidente – J.D. Vance – que mantém uma perigosa ambiguidade nessa matéria, ao contrário do proscrito Mike Pence.

Vejo muita gente à direita entretida a demonstrar como as propostas de Kamala Harris são péssimas para os Estados Unidos, procurando justificar o porquê de o regresso de Trump ser preferível, por muitas falhas que tenha o seu carácter. Não engulo essa argumentação. Não dá para jogar futebol com quem remata à baliza com as mãos. A democracia tem regras. Entre um democrata com péssimas ideias e um autocrata com ideias fantásticas, o meu voto irá sempre para o democrata. Kamala pode vir a ser uma desilusão? Claro que pode. Mas é incompreensível que ainda alguém se iluda com Donald Trump em 2024.

Colunista

jmtavares@outlook.com